



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS

CURSO DE GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL

MARIANA CARLOS DE ANDRADE LYRA

“ESPELHO, ESPELHO MEU”:

A percepção de idosas acerca do processo de envelhecimento.

CACHOEIRA-BA

2014

MARIANA CARLOS DE ANDRADE LYRA

“ESPELHO, ESPELHO MEU”:

A percepção de idosas acerca do processo de envelhecimento.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado da graduação em Serviço Social do Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Serviço Social.

Orientadora: Prof.^a Msc. Marcela Mary José da Silva

CACHOEIRA-BA

2014

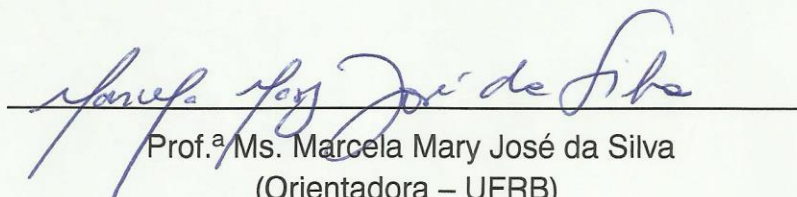
MARIANA CARLOS DE ANDRADE LYRA

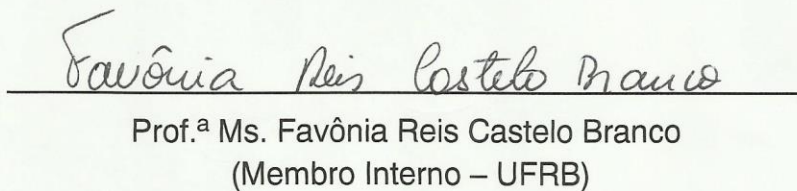
“ESPELHO, ESPELHO MEU”:

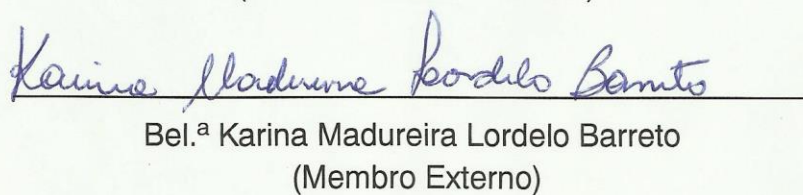
A percepção de idosas acerca do processo de envelhecimento.

Cachoeira – BA, aprovada em 09/04/2014.

BANCA EXAMINADORA


Prof.ª Ms. Marcela Mary José da Silva
(Orientadora – UFRB)


Prof.ª Ms. Favônia Reis Castelo Branco
(Membro Interno – UFRB)


Bel.ª Karina Madureira Lordelo Barreto
(Membro Externo)

AGRADECIMENTOS

E quando eu pensei que a parte mais difícil era escrever toda fundamentação teórica, os aspectos metodológicos e as conclusões desse trabalho, me deparei com o título “agradecimentos”! É muito complicado pensar e saber como reconhecer a participação de pessoas queridas no final desse caminho árduo de formação profissional. Sim, porque este trabalho é o símbolo de quatro anos de estudo, dedicação e carinho para me tornar assistente social, um sonho finalmente alcançado!

Não poderia deixar de recordar os bons momentos vividos em Cachoeira, as várias ocasiões inesperadas, as provas, as xeroxes, os sufocos, as alegrias. Diante de tantas mudanças de casa, inúmeros pacotes de macarrão instantâneo e as amizades construídas, começo a agradecer a aquela que com amor me gerou, me amamentou e me ajudou a ser tudo o que sou hoje. Minha querida Mana, não sabe o quanto você é especial e a dimensão do meu amor por você. Na realidade, seus ensinamentos superaram palavras; você é o meu maior exemplo, é uma verdadeira Fênix. Das cinzas você construiu um lar; da falta de esperança, você conquistou sua cura; da sua força, você me deu vontade. Vontade de ser, de crescer, de te ajudar, de te orgulhar! E, em todos os momentos que sentia alguma dificuldade, olhava para nossa foto no caixote ao lado da minha cama; te deixei lá, junto com meu Gôgô, para não me esquecer que este caminho não era somente meu, era seu também! Muito obrigada por tudo!

Falando em Gôgô, como não agradecer também ao meu irmão João. Com seu jeito peculiar de ser, você também me ajudou muito. Não somente me levando da rodoviária pra casa, da casa pra rodoviária, mas todas às vezes que senti um orgulho transbordando na sua voz quando falava na minha faculdade, da formatura, da minha “vocação” para estudar, Loca te ama! No rol dos irmãos, não posso deixar de agradecer à Luna, minha irmã de alma, pelo convívio, pelas conversas, pela amizade! Você é um presente na minha vida!

Pedro, a você, minha gratidão será eterna por todas as vezes que precisei e você prontamente me atendeu com todo carinho e dedicação de um pai de verdade. Obrigada pela paciência e principalmente pela convivência! Também agradeço ao meu pai João pela ajuda dada nesses quatro anos de universidade; a saudade é imensa, mas nossos momentos estão para sempre guardados no meu coração, amo você papitinha! Mesmo de longe, essa conquista também é sua!

É com muito, muito, amor que agradeço a Rogério, meu parceiro, amigo e namorado! Você que entendeu minhas ausências, ouviu todos os meus momentos desesperados, me ajudou na redação desse trabalho e não deixou, nem por um instante, de me apoiar! Já não sou

mais “sua caloura”, mas espero ser sua menina para o resto da vida! Muito obrigada! Minha gratidão estende-se também a sua família, especialmente a seus pais Noélia e Juarez, por me acolherem em sua casa com tanto carinho! Estar com vocês foi essencial para que eu conseguisse terminar essa monografia!

Aos primos, primas, tios e tias (de sangue ou consideração); em especial a tio Júnior e a Leon pelo afeto e força, muito obrigada! As Minhas pequenas peruas, Yohanna e Marília, pelos momentos de descontração e ternura! A minha avó Prazeres que, no finalzinho, me ajudou bastante, obrigada!

Os amigos... Ah! Os amigos! Cada um foi importante à sua maneira, de longe ou de perto, em Cachoeira, em São Gonçalo, em qualquer lugar! Para essas páginas, não vou citar nomes porque posso correr o risco de esquecer alguém! Quero aqui agradecer aos que estiveram um pouco mais perto, aos colegas de sala que dividiram as angústias e alegrias desses quatro anos! Em particular, obrigada Cil, Núbia, Lilian e Thiago pela parceria! E também meus agradecimentos àqueles com quem morei, o aprendizado foi imenso!

A todos os mestres, não há como mensurar a gratidão pelo conhecimento partilhado! Primeiramente, a Lúcia Aquino (e ao grupo de pesquisa Políticas Públicas e Desenvolvimento Regional) pelas oportunidades de crescimento ao longo desses anos! A Rosimeire Motta por ser um exemplo de pessoa e de profissional e por ter, pioneiramente, acreditado nesse trabalho! A Marina Cruz e a Marcela Silva por terem me encantado ainda mais pelo estudo do envelhecimento! A Denise Alem pela vivência do estágio! E Também a Henrique Rozendo pela paciência e ajuda em todos os momentos!

Não poderia deixar de agradecer a todos os colaboradores dessa pesquisa que, gentilmente, concederam um tempo de suas vidas para me ajudar a findar essa etapa de formação profissional!

Por fim e, com certeza, não menos importante, eu agradeço a proteção dessa força maior que nos rodeia todo o tempo! A força interior que me move e me faz sonhar, que me faz acordar todos os dias e não desistir, que me faz viver!

“Enfraquecido, empobrecido, exilado no seu tempo, o velho permanece, no entanto, o homem que era.”

(Simone de Beauvoir, 1990)

RESUMO

O envelhecimento é um processo natural, inevitável, subjetivo e real constituído de dimensões biológicas, psicológicas e sociais. Com o aumento da população velha em diversos países do mundo, dentre os quais se insere o Brasil, faz-se necessário um aprofundamento sistemático sobre essa temática para o atendimento eficaz das necessidades desses cidadãos. Nesse sentido, este trabalho buscou analisar a relação entre as percepções de idosas acerca do processo de envelhecimento e as representações sociais da velhice na sociedade contemporânea. Para tal, além da construção da fundamentação teórica, realizou-se uma pesquisa de campo com 20 idosas; as colaboradoras frequentam o grupo de atividades físicas *Bem Viver*, existente no município de São Gonçalo dos Campos – BA. A coleta de dados foi feita através de entrevistas com roteiros padronizados, analisados posteriormente a partir da metodologia quali-quantitativa, de abordagem dialética e subsidiada pela Análise de Discurso. Verificaram-se as contradições existentes nas falas das entrevistadas em relação às suas percepções individuais e as expectativas socialmente determinadas para a velhice. Entre o discurso de ser velha, idosa, estar na velhice ou na terceira idade, pode-se apreender a influência dessas produções sociais nas opiniões das mulheres entrevistadas, confusas dentre à sociedade narcisista do espetáculo na qual vivemos.

Palavras-chave: Processo de envelhecimento. Representações sociais. Percepções. Teorias do envelhecimento.

ABSTRACT

Aging is a natural process, inevitable, subjective and constituted of biological, psychological and social dimensions. With the increase of the old population in several countries of the world, among which the Brazil, it is necessary systematic examination on this subject to effective attention to the needs of these citizens. Accordingly, this study sought to analyze the relationship between the elderly perceptions about the aging process and the social representations of old age in contemporary society. To this end, besides the construction of theoretical foundation, held a field research with 20 women elderly; the collaborators attending the physical activity group Well Living, within the municipality of São Gonçalo dos Campos-BA. Data collection was done through interviews with standardized roadmaps, later analyzed from the qualitative-quantitative methodology of dialectical approach and subsidized by Discourse Analysis. We verified the contradictions in the statements of the interviewees womens in relation to their individual perceptions and the expectations socially determined for old age. Between the discourse of being old woman, elderly woman, being in old age or in third age, we can grasp the influence of these social productions in the opinions of the women interviewed, dubious within narcissistic society of the spectacle in which we live.

Keywords: The aging process. Social representations. Perceptions. Theories of aging

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro I – Teorias sociológicas do envelhecimento humano.....	38
Tabela I – Opiniões transcritas de todas as idosas entrevistadas sobre o que é a velhice..	75

LISTA DE FIGURAS

Figura I – Gráficos de pirâmides etárias por sexo: São Gonçalo dos Campos, da Bahia e do Brasil 2010.....	69
---	----

LISTA DE SIGLAS

BPC – Benefício de Prestação Continuada
CAPs – Caixa de Aposentadorias e pensões
CEG – Câmara de Ensino de Graduação
CRAS – Centro de Referência de Assistência Social
IAPM – Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Marítimos
IAPs – Institutos de Aposentadoria e Pensões
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INPS – Instituto Nacional de Previdência Social
SBG – Sociedade Brasileira de Geriatria
SBGG – Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia
PNI – Política Nacional do Idoso
PUCSP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas
NASF – Núcleo de Apoio à Saúde da Família
OMS – Organização Mundial de Saúde
ONU – Organização das Nações Unidas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 TEORIAS ACERCA DO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO HUMANO	17
2.1 Teorias Biológicas	20
2.1.1 Teorias evolutivas	21
2.1.2 Teorias moleculares e celulares	22
2.1.3 Teorias Sistêmicas	24
2.2 Teorias Psicológicas	26
2.2.1 Teorias do desenvolvimento humano	27
2.2.2 Paradigmas em Psicologia do Desenvolvimento e do Envelhecimento	31
2.2.3 O paradigma <i>life-span</i>	33
2.2.4 Alocação de recursos e estratégia de desenvolvimento e envelhecimento bem-sucedido: SOC.....	34
2.2.5 Teorias Psicológicas contemporâneas do envelhecimento	35
2.3 Teorias Sociológicas.....	37
2.3.1 Teorias da primeira geração	39
2.3.2 Teorias da segunda geração	41
2.3.3 Teorias da terceira geração	42
2.4 Breves considerações	45
3 VELHICE E SOCIEDADE	46
3.1 O conceito de construção social	46
3.2 Teoria das Representações Sociais	50
3.3 Velhice: uma categoria social	55
3.4 Significados sociais de expressões classificatórias: velho, velhote, idoso e terceira idade	59
4 REFLEXOS DO ESPELHO: A PESQUISA COM O GRUPO <i>BEM VIVER</i>	65
4.1 Um caminho percorrido: aspectos metodológicos da pesquisa	65
4.1.1 A coleta de dados	70
4.1.2 O grupo <i>Bem Viver</i>	72
4.1.3 Um reflexo: as idosas do grupo <i>Bem Viver</i>	73

4.2 “Espelho, espelho meu”: a percepção de idosas acerca do processo de envelhecimento	74
5 CONSIDERAÇÕES.....	83
REFERÊNCIAS	85
APÊNDICE	

1 INTRODUÇÃO

“*Espelho, espelho meu*”: a percepção de idosas acerca do processo de envelhecimento é um trabalho monográfico cujo objetivo é investigar o significado do envelhecer para mulheres idosas. Estudar o envelhecimento humano não é uma tarefa fácil. Isso porque esse fenômeno natural de nossa existência é influenciado por diversos fatores de ordem não apenas biológica, mas também psicológica e social. Tais dimensões fazem com que essa experiência torne-se singular para cada sociedade e para cada indivíduo. Com o aumento da população idosa ao redor do mundo e suas consequências nos sistemas econômicos e na formulação de políticas sociais, as pesquisas sobre o tema crescem gradualmente (LOPES, 2000).

Primeiramente, essa monografia propõe-se a responder: o que é o envelhecimento? Corroborar-se com Pitanga (2006) na compreensão desse fenômeno como um *processo*; ou seja, afirmamos que se configura como um contínuo inevitável e irreversível de mudanças inscritas no horizonte da temporalidade, sendo característico não apenas de pessoas já envelhecidas, mas de todos da concepção até a morte (PITANGA, 2006). Tais mudanças são estudadas pelos teóricos da chamada *Gerontologia*. Como ciência, ela estuda os aspectos relacionados ao envelhecimento de forma interdisciplinar com contribuições da psicologia, da sociologia e das ciências naturais.

A partir de produções gerontológicas foi construído o primeiro capítulo desse trabalho, com a finalidade de sintetizar e compilar as Teorias do Envelhecimento Humano. Essa tarefa foi fundamental para termos uma dimensão teórica mais profunda sobre nosso objeto e pela carência de obras que reúnam essas teorias. Assim sendo, após realizarmos um resgate histórico do interesse acadêmico acerca da velhice – com Beavoir (1990), Lopes (2000), Pereira, Schneider e Schwanke (2009), dentre outros – apresentamos doze formulações da *biogerontologia*, que tem como foco de análise as mudanças fisiológicas ocorridas com passar dos anos. As teorias foram categorizadas em *sistêmicas, moleculares e celulares* e teorias *evolutivas* através das propostas de autores como Weinert e Timiras (2003), Farinatti (2002), Teixeira e Guariento (2010) e Gava e Zanoni (2005).

Na segunda seção, tendo Neri (1993; 2001; 2006a; 2006b), Lichtenfels (2006) e Lacerda (2007) como principais referências, abordamos as contribuições da psicologia do desenvolvimento para a *psicogerontologia*, o surgimento do paradigma *life-span* e suas influências. Além disso, versamos sobre a estratégia adaptativa SOC e também sobre as teorias contemporâneas da Psicologia do envelhecimento. Já no final do capítulo, o último

tópico refere-se às treze Teorias Sociológicas, da primeira, segunda e terceira geração de teorias – de nível mico, macro e micro/macro de análise – percorridas especialmente por Siqueira (2001) e Bengston, Burgess e Parrot (1997).

O título desse trabalho é uma metáfora alusiva ao ato de se perceber, já que, os sujeitos da pesquisa são mulheres envelhecidas. “Espelho, espelho meu” é uma passagem do longa-metragem clássico *Branca de Neve e os sete anões*, uma produção da Walt Disney ®. A frase é dita pela rainha má ao seu espelho mágico; no final do conto, ela transforma-se em uma idosa má e corcunda para envenenar a branca de neve, sua enteada, por ela ser a mais bela do reino. Pode-se observar que a ideologia acerca da velhice presente nesse filme infantil é: o velho é feio e malévolo enquanto o jovem é belo e bondoso. Entendendo a *percepção* como uma relação significativa, valorativa e sensível entre o sujeito e o mundo exterior – a qual dota de sentido os objetos perceptíveis – ela não pode ser apreendida fora de contextos particulares de análise, de seus meios sociais de produção. Assim, foi necessário entender teoricamente as construções sociais sobre a velhice que implicam neste “percebido” individual.

A segunda parte dessa monografia dedica-se, então, ao estudo da relação entre velhice e sociedade. Para tal, abordamos a ideia de *construção social da realidade* proposta pela *sociologia do conhecimento* de Karl Mannheim e teorizada amplamente por Berguer e Luckmann (2012). Outro conceito utilizado foi o de *Representações Sociais* de Serge Moscovici para entendermos como a *velhice* se constitui em uma categoria social. Como uma ideia socialmente produzida a velhice e a estruturação cronologicamente etária do curso de vida individual foram analisadas à luz de autores como Debert (2007), Rodrigues e Soares (2006), Batistoni e Namba (2010) e Erbolato (2006).

Por fim, a representação social da velhice foi apreendida a partir dos termos classificatórios linguísticos utilizados no senso comum, como *velho*, *velhote*, *idoso* e *terceira idade*, discutidos categoricamente por Peixoto (2007). Esses vocábulos relacionam-se intimamente com a mudança do *status* social dos indivíduos envelhecidos na sociedade capitalista, transformados em um novo mercado de consumo de bens, serviços e programas específicos.

Para observarmos se essa nova ideologia acerca da velhice materializa-se no cotidiano através das percepções individuais de idosas, realizamos uma pesquisa de campo. O percurso metodológico da pesquisa é tratado no último capítulo; a técnica empregada foi a entrevista estruturada a partir da abordagem quali-quantitativa; e, as colaboradoras são 20 idosas

participantes de um dos programas para a terceira idade existentes no município baiano de São Gonçalo dos Campos, o grupo de atividades físicas *Bem Viver*.

Apresentamos um breve histórico da formação do grupo, alcançado pela entrevista com um de seus fundadores. Traçamos o perfil das entrevistadas e as suas opiniões sobre o processo de envelhecimento através da *Análise de Discurso* foram comentadas, tendo como suporte a fundamentação teórica construída nos capítulos anteriores. Consideramos – não como postulado, pois, essa pesquisa foi apenas um recorte de uma realidade – que o objetivo da nova representação social da velhice, sob a égide capitalista da terceira idade, está consolidado entre as idosas colaboradoras, apesar de contradições existentes em suas alocações individuais sobre ser velha ou idosa, estar velhice ou na terceira idade.

2 TEORIAS ACERCA DO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO HUMANO

*A história está aí para demonstrar
que as ideias sobre a velhice são tão
antigas quanto a origem da
humanidade
Mateus Papaléo Netto*

A busca por explicações sobre como e porque o ser humano envelhece não é contemporânea. Ao contrário, os próprios gregos, por exemplo, há milênios refletiram sobre o fenômeno e procuraram suas causas¹. De acordo com Simone de Beauvoir (1990), a resposta para a questão do envelhecimento dependia dos avanços e considerações da Medicina, que se tornou, gradativamente, influenciada pela racionalidade, afastando-se da magia e Filosofia, com o pensamento de Hipócrates. De acordo com esse médico grego, a partir da teoria pitagórica dos quatro humores (sangue, fleuma, bile amarela e bile negra), a velhice é um desequilíbrio desses componentes do corpo humano e se inicia aos 56 anos. Outro importante médico que trouxe contribuições históricas para o estudo da velhice foi Galeno. Ele conciliou a teoria dos humores com a do calor interno, na qual o calor nutre-se dos humores, considerando a senescência² como intermediária entre saúde e doença. Seus conselhos para higiene dos idosos estão em sua *Gerocomica* e foram respeitados na Europa até o século XIX (BEAVOIR, 1990, p. 24).

Posteriormente à colaboração desses médicos da antiguidade para o estudo da velhice, outros profissionais e pensadores deram sequência às pesquisas³, ainda em uma perspectiva higiênica preventiva, em que a vetustez⁴ era tratada como uma patologia. Assim, de acordo com Beavoir (1990), até o fim do século XV todos os trabalhos realizados foram Tratados de higiene. Pode-se citar, por exemplo, Roger Bacon, que escreve no século XIII para Clemente VI uma “higiene da velhice”; e Gabriele Zerbi, autor de *Gerontocomia*, primeira monografia dedicada a esta patologia (BEAVOIR, 1990, p.25). A partir do desenvolvimento das ciências, principalmente da anatomia com Leonardo da Vinci, propiciada pelo avanço progressivo das autópsias, as produções científicas acerca do envelhecimento ganharam maior credibilidade.

¹ Ptah-Hotep, no Egito de 2500 a.C., é a primeira referência conhecida a escrever uma obra dedicada à velhice de acordo com GOMES, 1985 apud LOPES, 2000.

² Ao contrário do entendimento de Pitanga (2006), neste trabalho não estamos entendendo *senescência* estritamente como *envelhecimento saudável*. O termo será utilizado como sinônimo de velhice e também de envelhecimento, com objetivo de evitar repetições de palavras e por considerar não haver perdas de significado com o seu uso.

³ Na primeira parte de seu livro, no tópico I *velhice e biologia*, Simone de Beauvoir faz um interessante resgate cronológico de diversas obras, pesquisadores e entidades que, ao longo da história, desenvolveram pesquisas acerca do envelhecimento.

⁴ Em algumas passagens do texto o vocábulo *vetustez* será utilizado como sinônimo de velhice.

Ainda no século XVIII, em 1799, destacou-se a obra de Burkhard Seiler, dedicada, exclusivamente, à anatomia dos velhos. É importante perceber que mesmo com um número pequeno de idosos na população, reflexões importantes acerca da velhice foram realizadas pelos médicos, pesquisadores, cientistas e estudiosos em geral, sendo fundamentais para as investigações e formulações teóricas posteriores.

O progresso da Fisiologia e das ciências experimentais aplicadas à Medicina continuava largamente. O neurologista e psiquiatra Jean-Martin Charcot, com suas pesquisas no hospital francês *Salpêtrière*, trouxe relevantes contribuições para o estudo da velhice por meio da publicação, em 1867, de suas *Lições sobre o envelhecimento*, “primeiro trabalho formal sobre o tema a surgir nos Estados Unidos” (PEREIRA; SCHNEIDER; SCHWANKE, 2009, p.158). As pesquisas e o interesse acadêmico pela temática apenas progrediram ao longo dos séculos. As doenças da senescência e seus tratamentos foram abordados por vários médicos durante o século XVIII e XIX. Todavia, foi o século XX que marcou a importância do estudo da velhice; consequência do crescimento de uma natural tendência pelo estudo do envelhecimento, evidenciada nos séculos anteriores e, por outro lado, pela pressão passiva do aumento do número de idosos em todo o mundo (NETTO, 2006).

Em 1909, no artigo *Geriatrics* para o *New York Medical Journal*, o médico vienense Ignatz Leo Nascher⁵ propôs a criação de uma nova especialidade, a Geriatria, cujo objetivo era “tratar das doenças dos idosos e da própria velhice” (PEREIRA; SCHNEIDER; SCHWANKE, 2009, p.158). Em 1912, ele fundou a Sociedade de Geriatria de Nova Iorque, sendo, até hoje, considerado o “pai da geriatria”. Juntamente com esta nova especialidade desenvolveu-se a Gerontologia. O termo foi criado pelo pesquisador Elie Metchnikoff, em 1903, “para designar um campo de investigação dedicado ao estudo exclusivo do envelhecimento e da velhice” (LOPES, 2000, p.20). Outros esforços de estudiosos preocupados com a questão da senescência ocorreram no primeiro quarto do século XX, como o do psicólogo Stanley Hall com a publicação de *Senescense: the last half of life* em 1922 (NETTO, 2006).

A gerontologia, não agregou pesquisadores com facilidade, principalmente pelo fato de propor a interação multidisciplinar para o estudo do envelhecimento, concentrando seus primeiros esforços “na observação dos processos fisiológicos do envelhecimento e no potencial prolongamento da vida por meio de intervenções e tratamentos médicos” (LOPES,

⁵ De acordo com Andrea Lopes (2000), o início da Geriatria viria em 1914 com a publicação do livro **Geriatrics: The diseases of old age and their treatment, including physiological old age, home and institutional care, and medico-legal relations** de Ignatz Nascher.

2000, p.20). A transformação desta situação, na qual essa nova ciência encontrava-se, ocorreria apenas nas décadas posteriores:

Apenas a partir dos anos 40, principalmente após o período do pós-guerra, a Gerontologia efetivaria seu empreendimento multidisciplinar e extrapolaria os limites do corpo envelhecido, começando a assumir uma identidade coletiva, tratando também dos aspectos psicológicos e sociais da velhice. (LOPES, 2000, p. 25).

Atualmente, a gerontologia é considerada um campo interdisciplinar, que depende de outras ciências, e contribui para o entendimento da senescência enquanto um processo multifacetado. Sua especificidade reside na capacidade de interação entre trabalhos mono, multi e interdisciplinares para a construção de conhecimento e de teorias específicas acerca do envelhecimento humano (DOLL, 2004).

O aumento gradual da população idosa começou a ser um fenômeno comum em diversos países no decorrer de seus processos históricos. Nesse sentido, Elisabete Viana de Freitas (2004) apresenta alguns fatores justificantes para esse fato: redução do número de jovens com a diminuição da taxa de fecundidade; redução também da mortalidade e aumento da expectativa de vida. Com as modificações da demografia populacional no século XX e suas consequências na dinâmica da sociedade⁶, as recém-criadas Geriatria e Gerontologia ganharam ainda mais visibilidade, principalmente a partir da década de 1930. Até esta década, a gerontologia restringia-se, praticamente, à análise biológica do envelhecimento. É apenas com o trabalho da “mãe da geriatria”, a médica inglesa Marjorie Warren, que se delineia a importância da interdisciplinaridade e da avaliação multidimensional (NETTO, 2006). Marjorie Warren “desenvolveu princípios até hoje tidos como centrais na prática da Geriatria moderna”, “introduzindo o conceito de reabilitação” e sistematizando a avaliação de pacientes idosos (PEREIRA; SCHNEIDER; SCHWANKE, 2009, p.159).

Em 1938 aconteceu, em Kiev, a primeira grande conferência internacional sobre envelhecimento (MACHADO, 2006). Já em 1942 foi criada a American Geriatric Society e em 1946, a Gerontological Society of America. Entre 1950 e 1970 diversos grupos de pesquisa longitudinal⁷ sobre a vida adulta e a velhice foram formados, como por exemplo, os estudos de Kansas City (1964) e de West Virginia (1972) baseados no paradigma *life-span*.

⁶ Corroboramos com o entendimento de Andrea Lopes (2000) de que a velhice enquanto uma problemática social não pode ser entendida como resultante apenas das mudanças demográficas globais; sua crescente visibilidade extrapola este fenômeno, perpassando pela intensificação das demandas deste segmento populacional e das próprias consequências sociais do envelhecimento da população para o conjunto da sociedade, inclusive, no sentido econômico destas consequências.

⁷ Em estudos longitudinais, um mesmo grupo é testado em uma determinada idade e retestado conforme envelhece. Ian Stuart Hamilton (2002) faz importantes considerações e críticas em relação à estes estudos.

No Brasil, além do aumento populacional de idosos, o processo de internacionalização da gerontologia promovido pelos países desenvolvidos através da Organização Mundial das Nações Unidas (ONU) e da Organização Mundial da Saúde (OMS), foi propulsor para o aumento das investigações em relação ao tema do envelhecimento. Dessa maneira, em 1961 foi criada a Sociedade Brasileira de Geriatria (SBG) e em 1968, com a inclusão de sócios não médicos, a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia. Na área acadêmica, a década de 1990 foi bastante relevante: a universidade de São Paulo reconheceu a geriatria como disciplina obrigatória para a graduação em medicina em 1992; em 1997 começou o programa de pós-graduação *stricto sensu* em Gerontologia da UNICAMP; em 1998, iniciam-se as atividades do mestrado em Gerontologia Social da PUCSP; e, já no ano 2000, a PUCRS principiou o mestrado e doutorado em Gerontologia Biomédica (NETTO, 2006). Prado e Sayd (2004) destacam a existência de 144 Grupos com linha de pesquisa referente ao envelhecimento humano no Brasil segundo informações do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Em dezembro de 2002, em um levantamento bibliográfico realizado na base de dados do Lilacs (Literatura Latino-americana e do caribe em ciências da saúde) foram localizadas 3.705 publicações sobre envelhecimento e saúde (Prado; Sayd, 2004 apud Netto, 2006).

Com o progresso dos estudos e pesquisas nas áreas da Geriatria e da Gerontologia, diversas teorias acerca do envelhecimento foram formuladas; tanto de bases fisiológico-biológicas, quanto as fundamentadas nas perspectivas sociais e psicológicas. Estes trabalhos são de extrema relevância para o entendimento cada vez mais profundo, sistemático e científico do processo de envelhecimento. Serão apresentadas, neste capítulo, algumas dessas formulações teóricas.

2.1 Teorias biológicas

Pinheiro e Freitas (2004) afirmam que o envelhecimento é inquestionável; o tempo é a prova de sua existência e o desenvolvimento desse processo, objeto de investigação acadêmica. Os esforços científicos para a produção de explicações fisiológicas plausíveis sobre o tema resultam, nas polêmicas e discutidas, “Teorias biológicas do envelhecimento”. De maneira geral, essas teorias “examinam o assunto sob a ótica da degeneração da função e estrutura dos sistemas orgânicos e células” (FARINATTI, 2002, p.129). E, apesar de divergirem nas orientações teóricas “comungam a noção de perda de funcionalidade

progressiva com a idade, com o conseqüente aumento da susceptibilidade e incidência de doenças, aumentando a probabilidade de morte” (MOTA; FIGUEIREDO; DUARTE, 2004).

Paulo de Tarso Veras Farinatti (2002) explana que, de maneira geral, as teorias biológicas podem categorizadas em duas vertentes: as de natureza *genético-desenvolvimentista* e as de natureza *estocástica*.

No primeiro caso, o envelhecimento é visto como um *continuum* controlado geneticamente e, talvez, programado. Algumas correntes associam essa possível programação a um desequilíbrio neuroendócrino, levando a uma diminuição de integração funcional dos sistemas orgânicos. As teorias estocásticas trabalham com a hipótese de que o envelhecimento dependeria do acúmulo de agressões ambientais que atingem um nível incompatível com a manutenção das funções orgânicas e da vida. (FARINATI, 2002, p. 130, grifo do autor).

Teixeira e Guariento (2010), por exemplo, também utilizam para categorização o termo teorias *estocásticas*; no entanto, empregam a nomenclatura utilizada por Weinert e Timiras (2003) para considerar os estudos com os postulados *genético-desenvolvimentistas*, chamando-os de teorias *programadas*: “According to the ‘programmed’ theories, aging depends on biological clocks regulating the timetable of the life span through the stages of growth, development, maturity, and old age”⁸. Para fins didáticos deste trabalho, utilizaremos a classificação proposta por Weinert e Timiras (2003), na qual as teorias biológicas estão divididas em: teorias *evolutivas*, *moleculares*, *celulares* e *sistêmicas*; apresentando alguns modelos explicativos de cada grupo.

2.1.1 Teorias evolutivas

As teorias evolutivas comparam o envelhecimento e a longevidade das diferentes espécies. Utiliza-se de três conceitos principais: a sexualidade/reprodução, a seleção natural, proposta pelo Darwinismo⁹, e as mutações genéticas.

A reprodução sexuada permite a recombinação gênica, a qual possibilita o surgimento de características que podem ou não favorecer uma espécie. A seleção natural é o mecanismo pelo qual uma ou mais características são identificadas como favoráveis a determinada espécie num dado intervalo de

⁸ De acordo com essas teorias, o envelhecimento depende de “relógios biológicos” que regulam o calendário da vida através dos estágios de crescimento, desenvolvimento, maturidade e velhice (WEINERT; TIMIRAS, 2003, p. 1706, tradução nossa).

⁹ Termo utilizado para fazer alusão às ideias propostas pelo naturalista Charles Darwin em seu livro *A origem das espécies* de 1859.

tempo. Assim, a reprodução é o meio pelo qual as espécies transmitem suas características favoráveis às gerações futuras após essas características terem sofrido ação da seleção natural. (REGOLIN; KARNIKOWSKI, 2009, p. 236).

Após o esclarecimento de seus principais conceitos, abordaremos a seguir três teorias de bases *evolutivas*:

- a) Acúmulo de mutações: Proposta por Peter Medawar, em 1952, esta teoria considera que o processo de seleção natural fica deficiente com o decorrer da idade. Neste sentido, durante a adaptação da espécie, as mutações deletérias prejudiciais ao processo reprodutivo deveriam ser eliminadas para não se perpetuarem nos genomas das gerações futuras. No entanto, se a expressão dessa mutação nociva não se manifesta até uma idade avançada e o indivíduo morre, a seleção natural tem poucas “oportunidades para limpar” o genoma da espécie, deixando-o com um acúmulo dessas mutações lesivas;
- b) Pleiotropia antagonista: “O declínio da força de seleção natural após o sucesso reprodutivo é a base para uma das principais teorias evolucionárias do envelhecimento: Pleiotropismo Antagônico” (REGOLIN; KARNIKOWSKI, 2009, p. 237). Idealizada por George Willians em 1957, sugere que os genes com efeitos benéficos para o vigor da juventude, período reprodutivo, tornam-se danosos na senescência; nessa perspectiva, os genes possuem efeitos diversos durante o ciclo da vida. Neste ciclo, “a maturidade da função reprodutiva representaria o marco para o início da senescência: quanto mais cedo ocorre a reprodução, mais cedo tem início a senescência” (TEIXEIRA; GUARIENTO, 2010, p. 2848);
- c) Soma descartável: apresentada pelo pesquisador Kirkwood, em 1977, exprime que a melhor estratégia para a evolução das espécies é o investimento de energia na manutenção dos órgãos reprodutivos em ótimas condições; as estruturas somáticas (não reprodutivas) teriam importância secundária, pois, o custo energético para sua conservação na fase pós-reprodutiva seria inviável (TEIXEIRA; GUARIENTO, 2010, p. 2848). “Desse ponto de vista, é mais interessante para a espécie um membro que morra aos 20 anos e que tenha deixado 30 filhos do que um que morra aos 100 anos sem filhos” (REGOLIN; KARNIKOWSKI, 2009, p. 241).

2.1.2 Teorias Moleculares e Celulares

Teixeira e Guariento (2010) analisam as teorias com princípios *moleculares e celulares* em um único tópico; já Farinatti (2002) organiza essas formulações em *Teorias de base genética*, assim como Gava e Zanoni (2005) que discorrem acerca da *Teoria genética de envelhecimento*. Nelas, o conhecimento profundo acerca da estrutura e funcionamento dos genes do corpo humano é primordial para o avanço das pesquisas. Essas teorias são norteadas pelas seguintes hipóteses: as alterações nas moléculas de ácido desoxirribonucleico - DNA e de ácido ribonucleico - RNA produzem moléculas enzimáticas defeituosas que afetam a capacidade funcional das células; o excesso de DNA em um organismo possui estreita relação com o processo de envelhecimento, protegendo o sistema; e, a última hipótese genética do envelhecimento, sustenta a teoria de um envelhecimento *programado* presente em cada célula do indivíduo (GAVA; ZANONI, 2005). A seguir, apresentaremos essas teorias:

a) Teorias moleculares;

- Erros catastróficos: desenvolvida por Orgel em 1963, está baseada na primeira hipótese das teorias genéticas. De acordo com ela, o envelhecimento é resultado de um acúmulo de erros aleatórios na síntese proteica, resultando em um “erro catastrófico”. “Uma vez os erros dando-se em proteínas ribossomiais mantenedoras da acurácia translacional, por exemplo, as sínteses proteicas subsequentes teriam provavelmente uma taxa de erros ainda maior, até o completo colapso do sistema” (FARINATTI, 2002, p.131);

- Mutações somáticas: foi uma das primeiras teorias com o objetivo de explicar o envelhecimento a nível molecular. Sustenta-se na hipótese de que a exposição a doses de radiação, naturais e de outros agentes ambientais, está relacionada à redução do tempo de vida (MOTA; FIGUEIREDO; DUARTE, 2004);

b) Teorias celulares;

- Encurtamento dos Telômeros/ senescência celular: Hayflick e Moorhead propuseram, em 1965, a teoria do envelhecimento celular. Conforme esta teoria, há uma limitação da capacidade de replicação das células normais em cultura. A senescência celular pode ser de dois tipos: aquela induzida por estresse; e a “senescência replicativa”, resultado da perda dos telômeros. Os telômeros são estruturas presentes nos extremos dos cromossomos normais que impedem a união entre cromossomos (GAVA; ZANONI, 2005);

- Radicais livres: proposta por Denham Harman, a qual sugere que o envelhecimento celular está associado às reações de oxidação dos radicais livres nos componentes

celulares, provocando disfunções acumulativas, cujo resultado é a morte da célula (FARINATTI, 2002);

- Glicosilação /Ligações cruzadas: o fenômeno do envelhecimento, segundo esta teoria, estaria associado às modificações ocorridas nas proteínas provenientes das reações de glicosilação (TEIXEIRA, 2006). Esse processo origina as chamadas ligações cruzadas que inibem o processo de recuperação dessas proteínas alteradas, acumulando-as nas células do corpo (TEIXEIRA; GUARIENTO, 2010);

- Morte celular/ apoptose e necrose: apoptose e necrose são dois tipos de morte celular. “Os organismos multicelulares eliminam as células redundantes, danificadas ou infectadas, por meio de um programa de suicídio celular, denominado de apoptose” (GAVA; ZANONI, 2005, p.44). É um processo fisiológico programado, no qual, a célula recebe sinais extracelulares para sua morte. Já a necrose, é uma morte celular patológica causada por substâncias tóxicas, falta de oxigênio e ataques de microrganismos. Apoptose seria um mecanismo de homeostase do corpo, pois, elimina as células incapazes de recuperar danos do DNA, substituindo-as com a divisão de outra célula. Células senescentes danificadas seriam resistentes a este mecanismo programado, conglomerando-se e comprometendo a função tecidual.

2.1.3 Teorias Sistêmicas

Nestas teorias, o processo de envelhecimento está relacionado com o declínio de sistemas essenciais para o funcionamento dos demais sistemas do organismo humano; e, com a capacidade reduzida de resposta, comunicação e adaptação desse organismo com o meio em que vive (WEINERT; TIMIRAS, 2003). Apesar da importância de todos os sistemas para a sobrevivência humana, por suas funções na regulação intersistêmica e na comunicação interativa/defensiva do organismo aos estímulos internos e externos, destacam-se os sistemas o nervoso, o endócrino e o imunológico (TEIXEIRA; GUARIENTO, 2010). A partir desta abordagem, neste grupo, encontram-se as seguintes teorias: neuroendócrina, neuroendócrina-imunológica e ritmo/velocidade de vida. Para Weinert e Timiras (2003), as duas primeiras estão incluídas no “nível biológico” sistêmico; esta proposta é diferente do que Pinheiro e Freitas (2004) apresentam, pois, os autores sugerem a existência de uma *teoria sistêmica* independente. Já Mota, Figueiredo e Duarte, (2004) consideram-nas, em sua obra, como *Teorias Genéticas*:

- a) Neuroendócrina: a premissa desta teoria é a de que o envelhecimento é resultado de modificações nas funções neurais e endócrinas, afetando o equilíbrio do organismo para sua reprodução e sobrevivência. “Dessa forma, considera-se que a duração da vida é regulada por “sistemas biológicos” e controlada, em estágios sequenciais, por sinais nervosos e endócrinos” (TEIXEIRA; GUARIENTO, 2010, p. 2854);
- b) Imunológica ou neuroendócrina-imunológica: De acordo com essa teoria, “a falha de determinados genes do sistema imune determina a falência da homeostasia corporal e a morte” (PINHEIRO; FREITAS, 2004, p. 261);
- c) Ritmo/velocidade da vida: Apresentada por Pearl, em 1928, explana que a senescência celular pode ser explicada através da geração de espécies reativas de oxigênio, consequência do dispêndio de energia realizado pelo organismo. Assim, consoante esta teoria, o envelhecimento está associado ao consumo de energia (TEIXEIRA; GUARIENTO, 2010).

A partir da perspectiva biológico-fisiológica, foram apresentadas algumas teorias que tentam esclarecer o processo de envelhecimento humano. Podemos inserir esses modelos explicativos na chamada *Biogerontologia*, *Gerontologia Biológica* ou *Gerontologia Biomédica*, área da gerontologia que estuda o “fenômeno do envelhecimento (como e por que envelhecemos) do ponto de vista molecular e celular, orgânico, evolutivo e de todas as interfaces entre eles” (PEREIRA; SCHNEIDER; SCHWANKE, 2009, p.159).

Apesar da diversidade de propostas apresentadas pelos pesquisadores, a questão da senescência biológica permanece ainda, em sua totalidade, sem uma resposta satisfatoriamente unânime. Não podemos afirmar que a velhice é somente fruto de uma seleção natural e do sucesso reprodutivo como propõe as teorias evolutivas; ou tem origem exclusivamente nos processos bioquímicos moleculares e celulares do corpo; ou mesmo que é um produto de falhas e modificações de sistemas e genes como indicam as teorias sistêmicas. Ainda serão necessárias muitas pesquisas e investimentos na biogerontologia para que os conceitos básicos sobre o envelhecimento sejam explicados.

As teorias apresentadas possuem limitações; em muitas delas, as experiências laboratoriais são contestáveis, os organismos utilizados para a cultura não satisfazem comparativamente aos mecanismos humanos, dificultando sua comprovação no âmbito científico. A variedade de classificações, categorias e até terminologias empregadas diferem em muitas obras devido à breve existência da pesquisa biogerontológica (NETTO, 2006). No entanto, podemos considerar, contemporaneamente, a complementariedade e importância

dessas proposições para desvendar o complexo, inquestionável e real fenômeno de envelhecimento das espécies.

2.2 Teorias Psicológicas

Percebendo a gerontologia enquanto um campo de conhecimento interdisciplinar, a psicologia é considerada um de seus eixos estruturantes. A chamada Psicologia do envelhecimento, ou *Psicogerontologia*, ainda é uma área de estudo recente; cujo objetivo, é analisar as mudanças nos “desempenhos cognitivos, afetivos e sociais, bem como as alterações em motivações, interesses, atitudes e valores que são característicos dos anos mais avançados da vida e dos anos da velhice” (FALCÃO, CACHIONI; YASSUDA, 2009, p.43-44).

Anita Liberalesso Neri (2006b) observa que nos primeiros 60 anos do século XX, a psicologia considerava a velhice como um período de exclusivo declínio intelectual; ao contrário, dos ideais de produtividade e autonomia atribuídos à fase adulta. E, apesar de alguns pensadores do século XVIII e XIX, a exemplo de Quetelet¹⁰, entenderem o desenvolvimento humano enquanto um fenômeno possível durante toda a vida, não havia condições socioculturais que permitissem à Psicologia do Desenvolvimento avançar nessas considerações.

Com o aumento da população de idosos no mundo no decorrer do século XX e o próprio envelhecimento dos cientistas estudiosos da psicologia infantil e da adolescência, as teorias clássicas acerca do desenvolvimento humano foram questionadas. Além disso, crescia a expressão dos movimentos sociais americanos em favos das minorias, entre elas, idosos e mulheres, estimulando as investigações sobre perdas na velhice e envelhecimento saudável. Neste contexto, surgiram também as teorias sociológicas sobre a senescência, a Teoria da Atividade e a do Afastamento, estudos sobre meia-idade do Instituto MacArthur e o estudo longitudinal de Schaie, o *The Seattle Longitudinal Study* (NERI, 2006b).

Além dessas fontes de influência, as teorias precursoras de Jung (1971), C. Bühler (1935) e Erikson (1950), o paradigma *life course* em Sociologia (Havighurst, 1951; Brim & Wheeler, 1966; Neugarten, 1968, 1969; Chiriboga, 1975), o manifesto de Riegel (1976) em favor da adoção pela Psicologia do Adulto, do paradigma dialético a nova metodologia criada por

¹⁰ Astrônomo e matemático que tentou descrever as mudanças do comportamento humano através da perspectiva do desenvolvimento durante toda a vida. Procurou tratar o processo de envelhecimento de forma mais científica, servindo como referência para trabalhos posteriores (ALMEIDA, 2008).

Schaie, o behaviorismo e a psicologia da aprendizagem americana tiveram grande impacto sobre o pensamento de um grupo de acadêmicos interessados na descrição dos padrões evolutivos característicos da velhice e da plasticidade ou capacidade de modificar-se do desempenho cognitivo em adultos e idosos (Baltes, 2000). Nascia a Psicologia do Envelhecimento [...] (NERI, 2006a, p.18, grifo da autora).

Podemos perceber a intrínseca relação entre a Psicologia do Desenvolvimento e a do Envelhecimento. A primeira forneceu as bases teóricas necessárias e refutáveis para o surgimento e constante aprofundamento da segunda. Destarte, não podemos ignorar sua relevância para a própria formação da *Psicogerontologia*, de suas referências e modelos explicativos atuais. Esta seção irá então apresentar as contribuições dos principais precursores da psicologia do desenvolvimento e do envelhecimento; os paradigmas existentes; os princípios e influências do paradigma dominante na psicologia do Envelhecimento, o *life-span*; as estratégias de *seleção*, *otimização* e *compensação* para um envelhecimento bem sucedido; e, as teorias contemporâneas da Psicologia do Envelhecimento.

2.2.1 Teorias do desenvolvimento humano

As concepções científicas clássicas sobre o desenvolvimento humano possuem uma fonte ancestral comum: a teoria evolucionista de Charles Darwin (1801-1882) (NERI, 2006b). A teoria do naturalista não influenciou apenas a biologia do envelhecimento, como vimos anteriormente; foi base também para estudos de outras áreas do conhecimento, como a sociologia, a antropologia e, inclusive, para a própria psicologia.

O modelo de *mudança ordenada*, oriundo das perspectivas darwinianas, explica que o desenvolvimento procede naturalmente como uma sucessão de estágios regulados por mudanças e, condicionado a determinantes sociais, históricos e culturais. É norteado pelos seguintes elementos: 1) Sequencialidade das transformações do indivíduo ao longo do tempo; 2) direcionamento à meta; 3) irreversibilidade; 4) unidirecionalidade; 5) natureza estrutural-qualitativa das transformações; e 6) universalidade dos processos de mudança (NERI, 2006b). Este modelo, fundamentado biologicamente, resultou na adoção científica do desenvolvimento como períodos de crescimento sucessivo, culminância e involução, marcando a velhice como estagnação (LICHTENFELS, 2007). Foi fonte para o surgimento de diversas teorias de estágios, assumidas pela psicologia do desenvolvimento no começo do século XX (LERNER, 1983 apud NERI 2006b).

Podemos mencionar, de forma sucinta, alguns estudiosos que deixaram legados importantes para o conhecimento científico acerca do desenvolvimento, baseados nas proposições de Darwin:

- a) Stanley Hall (1844-1924) em *Senescence, the Last Half of Life* (1922) considerou que a vida é dividida em cinco estágios: 1) infância; 2) adolescência (da puberdade à idade núbil); a 3) meia-idade (dos 25-30 anos aos 40-45 anos), a qual contempla o ápice do desenvolvimento e o início do declínio; 4) senescência (começa aos 40 anos e mais cedo nas mulheres); e, 5) senectude que é a velhice propriamente dita. Criticou a noção de velhice como oposto da adolescência, postulando a existência de variações individuais independentes de diferenças etárias (NERI, 2006b);
- b) Sigmund Freud (1856-1939), considerado o criador da *psicanálise*¹¹, analisa que o desenvolvimento da personalidade está relacionado com o desenvolvimento da sexualidade. É um modelo psicosssexual constituído de cinco fases e em cada uma delas, o indivíduo conquista uma nova zona erógena. Foi no segundo dos *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905) que Freud postulou as fases psicossociais: 1) oral (0 a 18 meses), a zona de erotização é a boca, o prazer está relacionado com a ingestão de alimentos para a conservação e manutenção da vida; 2) anal (18 meses a 3 anos, aproximadamente), a zona de erotização é o ânus e o controle do esfíncter é o prazer; 3) fálica (3 a 6 anos), apogeu e final da sexualidade infantil. A zona de erotização é o próprio órgão sexual e a criança escolhe um objeto sexual; é a fase do *Complexo de Édipo*¹². 4) Latência (5/6 anos à puberdade), há uma dissolução do complexo edipiano, uma diminuição das atividades sexuais e não existe erotização de nenhuma parte do corpo. Surgem sentimentos de pudor e repugnância e, constantes repressões por parte dos pais. 5) Na fase genital (puberdade à idade adulta jovem), o objeto erotização e desejo não está mais no próprio corpo, passando a ser externo, ou seja, o outro. Existe uma consciência da identidade sexual e ressignificação das zonas erógenas antigas. Ressalta-se que as idades cronológicas das

¹¹ Método terapêutico criado por S. Freud, empregado em casos de neurose e psicose, que consiste fundamentalmente na interpretação, por um psicanalista, dos conteúdos inconscientes de palavras, ações e produções imaginárias de um indivíduo, com base nas associações livres e na transferência (HOUAISS, Dicionário digital da língua portuguesa, 2009). O termo foi concebido por Freud em 1896 (LICHTENFELS, 2007). Para aprofundamento, ver: COUTINHO, M. A.; FERREIRA, N. P. **Freud, criador da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002

¹² O Complexo de Édipo é uma das problemáticas fundamentais da teoria e da clínica psicanalítica freudiana, servindo como base explicativa para as “neuroses” e sexualidade. Sua teorização acerca do tema constitui-se a partir de obras clássicas como “Hamlet” de Shakespeare que reencenam o mito de Édipo da tragédia de Sófocles. Está relacionado com o medo de castração do menino e o complexo de inferioridade nas meninas (LOURENÇO, 2005). De forma simplificada, este conflito psicológico, o Complexo de Édipo, traz a identificação da filha com o pai e do filho com a mãe (MOREIRA, 2004).

fases descritas por Freud podem variar. Dos cinco estágios descritos, os três primeiros, são determinantes para a formação da personalidade, até a velhice (LICHTENFELS, 2007);

- c) Carl Gustav Jung (1875-1961): autor de *Psychologische Typen* (1921), importante obra para o mundo científico, estudioso da teoria da personalidade e formulador de conceitos como *inconsciente coletivo*, Jung desenvolveu toda sua teoria acerca do desenvolvimento a partir de três princípios: crescimento, individuação e realização do si - mesmo. Os estágios são uma extensão evolutiva e o ciclo vital um processo de transformação homeostaticamente controlado pelo si - mesmo. Segundo Jung, a vida humana está dividida em duas metades e em quatro idades: infância, vida adulta, meia-idade e velhice; além dos estágios de transição como a adolescência e a idade avançada. Em cada uma das metades, há um tema principal e tarefas a serem cumpridas. Na primeira, a meta é o envolvimento com o mundo externo; já na segunda metade da vida, os objetivos são de realização e de expansão do *self*¹³ (LICHTENFELS, 2007);
- d) Jean Piaget (1896-1980): um dos principais pesquisadores do século XX, a base de suas pesquisas foi o desenvolvimento do pensamento simbólico e a formação do pensamento formal. Observou a evolução do comportamento das crianças, publicando em 1936 o *La naissance de l'intelligence chez l'enfant*, criando uma teoria abrangente sobre o desenvolvimento cognitivo a partir de um conceito fundamental em seu trabalho, *estrutura cognitiva*. Sendo *estágio* uma organização complexa coordenadora de comportamentos e até da inteligência, Piaget definiu os estágios cognitivos: 1) período sensorial-motor (nascimento a 1 ano e meio/2 anos, em média), ocorre a organização gradual de atividades entre o indivíduo e o ambiente; 2) período do pensamento intuitivo, pré-operacional (2 a 7 anos, em média), no qual, a criança desenvolve um sistema de representações usando símbolos para representar as pessoas, os lugares e os acontecimentos; 3) operações concretas (7 a 12 anos, em média), há uma certa lógica na resolutividade dos problemas realizada pelas crianças; 4) período das operações formais ou proposicionais (12 anos até a idade adulta), agora o indivíduo consegue pensar em possibilidades, distinguir fenômenos históricos, mecânicos, temporais e atemporais, reversíveis e irreversíveis. Na proposta de Piaget, as idades também são aproximadas e os

¹³ 1. Sentimento difuso da unidade da personalidade (suas atitudes e predisposições de comportamento). 2. Indivíduo, tal como se revela e se conhece, representado em sua própria consciência (HOUAISS, Dicionário digital da língua portuguesa, 2009).

estágios devem se desenvolver de forma sequencial e dependente (LICHTENFELS, 2007);

- e) Erik Homburg Erikson (1902-1994): primeiro estudioso a abordar o desenvolvimento humano em toda extensão da vida, Erikson contrapõe-se a teoria freudiana ao afirmar que o desenvolvimento do *ego*¹⁴ não ocorre apenas na infância (LACERDA, 2007). Sua teoria do *ciclo de vida* representa dois avanços em relação às teorias clássicas do desenvolvimento: o primeiro é a análise da vida humana em toda sua extensão; o segundo progresso consistiu na proposição de que as influências socioculturais contextualizam a manifestação e a resolução das crises evolutivas do *ciclo da vida*. As qualidades do *ego* são originadas a partir da tensão contraditória das crises. À sua fonte, a teoria Freudiana, Erikson inclui mais quatro estágios correspondentes à vida adulta e à velhice. Segundo o alemão naturalizado americano, o ser humano possui oito idades cada uma com um conflito do *ego* característico e um valor emergente. São elas: 1) fase bebê, confiança x desconfiança, o valor é a *esperança*. 2) Na infância inicial, o conflito é entre a autonomia x vergonha e dúvida, o valor é o *domínio*. 3) idade do brinquedo caracteriza-se pela iniciativa x culpa, o valor que surge é o *propósito*. 4) a *competência* é o valor da idade escolar, na qual o trabalho x inferioridade são os sentimentos bipolares. 5) na adolescência, a identidade x confusão de papéis divide espaço com *fidelidade*. 6) os conflitos entre intimidade e isolamento na idade adulta coexistem com o valor do *amor*. 7) na idade da maturidade o *ego* conflita com geratividade x estagnação, e o valor emergente é o *cuidado*. 7) o último estágio é a velhice, na qual, o conflito é gerado pela integridade x desespero e a *sabedoria* é o valor que surge (NERI, 2001). É importante destacar o sentido de crises na teoria de Erikson; para ele, seu significado é de “tarefas desenvolvimentais psicossociais específicas”, as quais, o indivíduo deve cumprir para o seu desenvolvimento. A sociedade, em sua obra, não é um empecilho como julgava Freud; mas é determinante para moldar o desenvolvimento do *ego* de cada pessoa (LICHTENFELS, 2007);
- f) Charlotte Bühler (1893-1974): esta psicóloga alemã fundamentou seus estudos em biografias, definindo, para o curso da vida humana, cinco fases biológicas: 1ª (nascimento aos 15 anos), período de maior convivência com os pais e elaboração dos primeiros planos de vida. 2ª: (15-25 anos), fase de expansão na qual o jovem amplia seu

¹⁴ De acordo com a segunda teoria freudiana, instância do aparelho psíquico que se constitui através das experiências do indivíduo e exerce, como princípio de realidade, função de controle sobre o seu comportamento, sendo grande parte de seu funcionamento inconsciente [As três instâncias que compõem o aparelho psíquico são o id, o ego e o superego.] HOUAISS, Dicionário digital da língua portuguesa, 2009).

relacionamento com outras pessoas e inicia a vida profissional. 3ª: entre 25 e 45 anos de idade, é a etapa de culminância, de maior vitalidade, há o alcance das metas pessoais. 4ª: (45-65anos) acontece uma crise da meia idade, com consequente redirecionamento de metas anteriores e novos interesses. 5ª: (dos 65 anos até a morte), a consciência de finitude e a inclinação para a religiosidade tornam-se mais presentes, assim como as metas são reconduzidas para curto prazo. Neste período, ocorre uma avaliação do alcance dos objetivos pessoais no transcorrer da vida; Bühler ponderou que o sentimento negativo do descumprimento de metas importantes geravam mais problemas aos idosos do que o declínio biológico (LACERDA, 2007);

- g) Daniel Levinson (1920-1994): os subsídios de análise para este americano foram entrevistas biográficas. Ele classificou o desenvolvimento como uma série de períodos relacionados à idade cronológica (LACERDA, 2007). A primeira *era* é considerada por Levinson como *Pré-Idade Adulta* e manifesta-se do nascimento aos 22 anos e caracteriza-se pelo rápido desenvolvimento bio-psico-social. A segunda *era*, chamada *Idade Adulta Jovem* acontece dos 17 aos 45 anos; nela, há maior energia, abundância, stress e contradição. O período dos 17 aos 22 anos é denominado *Transição da Idade Adulta Jovem* estando presente nas duas *eras*. Dos 40 aos 45 anos, o indivíduo passa pela *Transição da Meia Idade*; este período pertence simultaneamente a segunda e terceira *Era*, a da *Meia Idade*, na qual nos tornamos mais condolentes e sensatos. A *Transição para a Idade Adulta Avançada*, dos 60 aos 65 anos, é o início da última *era*, a *Idade Avançada*. A sequência desses estágios é resultado da conjunção de influências biológicas, psicológicas e sociais, de acordo como autor (AGUDO, 2008).

As teorias apresentadas, baseadas na sequencialidade de estágios da vida, ainda possuem expressiva influência na visão de desenvolvimento humano na sociedade contemporânea. Consequentemente, o imaginário negativo acerca da velhice e o preconceito científico com o tema continuam ecoando. São formulações teóricas fundamentadas em *paradigmas*¹⁵, sendo, cada uma à sua maneira e de forma complementar, substanciais para a construção do conhecimento acerca do desenvolvimento e envelhecimento.

2.2.2 Paradigmas em Psicologia do Desenvolvimento e do Envelhecimento

¹⁵ Os paradigmas científicos não são teorias, são grandes construções intelectuais, visões de gerais. Oferecem implicações restritivas e definidoras para a construção de teorias e condução das pesquisas. No desenvolvimento e no envelhecimento, os paradigmas relacionam-se à natureza das mudanças evolutivas no decorrer dos períodos da vida e durante a vida em toda sua extensão (NERI, 2006b).

Os paradigmas em psicologia do desenvolvimento e do envelhecimento são caracterizados por Neri (2006b) da seguinte forma:

- a) Paradigma mecanicista: o ser humano estaria representado pela metáfora da máquina; ou seja, seria reativo às transformações e forças, sem capacidade de ação. A realidade é preexistente e não criada pelos indivíduos. O desenvolvimento seria um produto de relações e funções estímulo-resposta sem intervenção de uma mente interpretativa. Apesar de sua parca influência na explicação do desenvolvimento, despertou o interesse da psicologia pela experimentação com pessoas mais velhas. Ajudou a fortalecer a ideia de que o desenvolvimento cessa após a adolescência, construindo a noção de incompatibilidade entre envelhecimento e aprendizagem. Autores: Skinner (1904-1990), Hull (1884-1952), Watson (1878-1958) e Tolman (1886-1959);
- b) Paradigma organicista: constitui-se em uma visão ativa-construtivista do ser humano. O desenvolvimento é produto da intervenção ativa dos indivíduos, de sua interpretação e modificação do mundo externo. É a luz desse paradigma que nascem as *teorias de estágio* fundadas pelo *modelo de mudança ordenada* e pela perspectiva Darwiniana. Assim, essa visão de mundo influenciou as pesquisas dos autores apresentados no item anterior desse trabalho: Freud, Hall, Piaget, Jung, Levinson, Erikson e Bühler;
- c) Paradigma contextualista: dois conceitos são básicos para esse paradigma decorrente do funcionalismo em psicologia e do interacionismo simbólico em sociologia: interação social e socialização. Segundo este paradigma, há uma relação mútua entre o indivíduo e o ambiente, coparticipantes na construção da trajetória de desenvolvimento (processo contínuo de adaptação) individual e das diferentes *coortes*¹⁶. É sob este paradigma que Neugarten cunha a metáfora do *relógio social* para descrever os “mecanismos sociais de temporalização do curso de vida individual”. Influenciou outros pesquisadores, além de Neugarten (1916-2001), Havighurst (1900-1990) e integrantes do primeiro programa acadêmico conhecido sobre maturidade e velhice instalado, nos anos de 1940, na Universidade de Chicago;

¹⁶ Uma *coorte* consiste num conjunto de pessoas nascidas na mesma época, que entram e saem juntas de seus sistemas ou instituições – como, por exemplo, a escola e o trabalho -, que tendem a experienciar os mesmos eventos históricos, nas mesmas épocas de sua vida (NERI, 2001).

- d) Paradigma dialético: com as mudanças da demografia populacional e com os dados de estudos como o *Seattle Longitudinal Study* (Schaie, 1996), mudanças paradigmáticas focalizaram as atenções. Os fundamentos desse paradigma são a mudança e a contradição. O enfoque dialético considera a interação dinâmica, causação simultânea, atuação conjunta de processos ontogenéticos e histórico-culturais na determinação do comportamento e do desenvolvimento. A teoria Erikson, apresentada anteriormente, é um exemplo do diálogo entre os paradigmas organicista e dialético. Apesar das contribuições do autor supracitado, foi Klaus Riegel (1927-1977) que influenciou intensamente a construção desse novo paradigma. Rejeitou o princípio dos estágios e a visão do desenvolvimento como um processo linear em busca de um ponto específico. De acordo com o alemão radicado nos Estados Unidos, o desenvolvimento deve ser entendido como um processo que dura toda a vida e é presidido por influências de natureza inato-biológica, individual-psicológica, cultura-psicológica, natural-ecológica.

Dos paradigmas apresentados, do percurso das investigações científicas da psicologia em relação ao desenvolvimento e ao envelhecimento, nasceu o *paradigma de desenvolvimento ao longo de toda vida*, o *life-span*¹⁷, o qual integra a noção organicista com as ideias contextualistas e dialéticas para a explicação das mudanças evolutivas do ser humano (NERI, 2006b).

2.2.3 O paradigma *life-span*

O paradigma *life-span* é, hoje, corrente dominante na psicologia do envelhecimento e veem sendo cada vez mais utilizado por outras áreas, como na psicologia da infância e adolescência (NERI, 2006a). O desenvolvimento é considerado como um processo contínuo, que não se finda após a época reprodutiva; ao adverso, ocorre durante todo o ciclo vital; é influenciado por múltiplas dimensões, integrando fontes genético-biológicas, psicológicas, ecológicas e socioculturais (NERI, 2006b). Foi influenciado pelos estudos de diversos autores, entre eles, Erik Erikson, Bühler, Neugarten, Lerner, Schaie, Birren, Smith, Brim. As

¹⁷ Corroborando com o entendimento de Neri (2001), optou-se pela preservação original da expressão *life-span*, já que sua tradução literal, extensão de vida tem relações mais próximas com os conceitos biodemográficos de duração de vida. A tradução para *curso de vida* proposta pela mesma autora, Neri (1995), foi revista e os dois termos foram devidamente elucidados, apesar de suas semelhanças, através da obra de 2001. NERI, Anita L. Paradigmas contemporâneos sobre o desenvolvimento humano em psicologia e em sociologia. In: NERI, Anita (org.). **Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas**. São Paulo: Papirus, p.11-37, 2001.

contribuições históricas desses pesquisadores, os princípios e metodologias do paradigma, são analisados por Paul B. Baltes, psicólogo alemão que deixou um grande legado para a psicologia do desenvolvimento e do envelhecimento (NERI, 2006a; NERI, 2006b). No Brasil, esta perspectiva é apoiada por conceituados pesquisadores como Anita Liberalesso Neri, Guita Debert e Anna Bassit (LICHTENFELS, 2007).

De acordo com o *life-span*, o desenvolvimento e o envelhecimento compreendem uma sequência de mudanças previsíveis, as quais podem ser classificadas como (NERI, 2006a; NERI, 2006b):

- a) Influências normativas graduadas por idade, ou *Ontogenéticas*: são eventos de natureza genético-biológica que tendem a ocorrer na mesma época para a maioria dos indivíduos de uma sociedade. São frutos da interação entre o indivíduo e o ambiente, exemplo: a maturação neurológica dos cinco primeiros anos, a puberdade e o climatério;
- b) Influências normativas graduadas por História: são acontecimentos macroestruturais vividos por indivíduos de uma unidade cultural. São mudanças psicossociais relacionadas com o processo de socialização ao qual estão sujeitas pessoas de determinada *coorte*. Mudam em função de variáveis como gênero e classe social. Exemplos: ingresso na escola, o casamento e a aposentadoria por idade;
- c) Influências não normativas ou *idiossincráticas*: podem ser de caráter biológico ou societal e não atingem todos os indivíduos de um mesmo grupo etário. São eventos imprevisíveis dependentes também do grau de exposição da pessoa a eventos incontroláveis. Exemplos: perda de emprego, a viuvez na idade adulta, acidentes, doenças e morte de um filho.

Essas três classes de influências atuam na construção de regularidades e diferenças das trajetórias de vida individuais. Cada uma possui forças distintas na regulação do desenvolvimento durante os períodos, por exemplo, durante a infância inicial e a velhice os processos genéticos biológicos graduados por idade tem mais força no desenvolvimento do que os de natureza sociocultural (NERI, 2006b).

2.2.4 Alocação de recursos e estratégia de desenvolvimento e envelhecimento bem-sucedido: SOC

Os *recursos* são meios reais ou potenciais, internos (ex.: inteligência) ou externos (ex.: sistema educacional), cujo objetivo é ajudar as pessoas a alcançar suas metas. De

maneira geral, a trajetória de alocação de recursos no desenvolvimento humano compreende a seguinte lógica: crescimento na infância, manutenção na vida adulta e regulação de perdas na velhice. *Crescer* envolve maior capacidade adaptativa; *manter* direciona-se à estabilidade dos níveis de funcionamento em face de novos desafios ou perdas em potencial; e, *regulação* refere-se ao funcionamento em níveis mais baixos quando a manutenção ou recuperação não são mais possíveis. Esse raciocínio conduzem à teoria da *seleção, otimização e compensação* desenvolvida por Paul Baltes e M. Baltes (1990) que é inspirada na *plasticidade comportamental*¹⁸ e considerada meta-modelo do desenvolvimento (NERI, 2006b).

Dois são os objetivos da teoria de seleção, otimização e compensação (teoria SOC), originalmente desenvolvida para descrever o envelhecimento bem-sucedido e hoje considerada uma teoria geral do desenvolvimento comportamental: (1) descrever o desenvolvimento em geral; e (2) estabelecer como os indivíduos podem efetivamente manejar as mudanças nas condições biológicas, psicológicas e sociais que se constituem em oportunidades e em restrições para os seus níveis e trajetórias de desenvolvimento (NERI, 2006b, p. 69).

Com a estratégia de *seleção* o indivíduo especifica metas, diminuindo a quantidade de opções possíveis para sua plasticidade individual. Com a seleção, recursos escassos podem ser mais bem direcionados para o alcance das finalidades ansiadas. A *otimização*, está relacionada com a aquisição, aplicação, coordenação e manutenção de recursos internos e externos. O objetivo é o alcance de níveis mais altos de funcionamento. Já a *compensação*, abrange a adoção de alternativas para manter o funcionamento, como por exemplo, o uso de cadeiras de roda (NERI, 2006b).

Outro exemplo do uso do SOC no cotidiano de uma senhora idosa: aos 70 anos, ela tinha um grande prazer em cuidar do grande jardim de sua casa; em torno dos 80 anos, ela cultivava um belo canteiro de flores; já aos 90 anos, restringiu a proporção da jardinagem para seus vasos de flores na janela. O que vale na verdade não é a quantidade, mas sim a qualidade (LICHTENFELS, 2007, p. 93).

2.2.5 Teorias psicológicas contemporâneas do envelhecimento

Como bem aponta Neri (2006b), a gerontologia é um campo relativamente pobre em teorias. O esforço científico concentra-se no uso de teorias para explicação de aspectos específicos do envelhecimento, estratégias de enfrentamento ao stress, geratividade e relações

¹⁸ “Possibilidade de mudar para adaptar-se ao meio” (NERI, 2006a).

recíprocas entre o *self* e a sociedade na construção do envelhecimento. Duas teorias serão apresentadas a seguir, ressaltando que ambas são referenciadas ao paradigma *life-span* e abordadas neste trabalho a partir de Neri (2006b):

- a) Teoria da seletividade socioemocional: esta teoria foi formulada por Laura Carstensen para explicar as mudanças do comportamento emocional dos idosos. Refutando as teorias sociológicas da Atividade, do Afastamento e das Trocas Sociais, a pesquisadora propõe que há inter-relação ativa no processo de construção do mundo social entre o indivíduo e o ambiente. Assim, a redução da amplitude de redes de relações sociais e participação social na velhice reflete um mecanismo de adaptação, de redistribuição dos recursos socioemocionais frente à limitação temporal dos idosos. As relações socialmente próximas são mantidas, pois, oferecem experiências mais significativas. Essa alteração no comportamento, de acordo com Carstensen, é de natureza adaptativa, cujo objetivo é poupar recursos, canalizá-los e otimizar o seu funcionamento afetivo. Essa teoria defende que os idosos moldam seu ambiente com o objetivo de maximizar afetos positivos e diminuir os negativos, metas úteis para uma velhice bem-sucedida;
- b) Teoria da dependência aprendida: desenvolvida por M. Baltes pressupõe que a dependência¹⁹ não é uma característica da velhice, mas ocorre durante toda a vida. Os valores culturais refletem na relação das pessoas com a dependência, seu significado e aceitação. Esta teoria analisa os padrões de interação que permeiam os ambientes nos quais o idoso vive; se, no ambiente, há estímulo à comportamentos dependentes ou independentes. A dependência aprendida pode ser observada quando o conceito de cuidar torna-se o de “fazer pelo idoso” (ambientes superprotetores); ou quando os comportamentos dependentes se mantem para assegurar a manutenção dos contatos sociais, de indícios de atenção e condolência, promovendo o bem-estar psicológico dos idosos. Segundo M. Baltes, a dependência aprendida pode ser uma estratégia adaptativa e compensatória, a qual proporciona ao idoso o controle passivo do ambiente.

Das teorias e paradigmas da psicologia do envelhecimento são esperadas algumas contribuições: descrição e explicação das mudanças comportamentais na velhice; diferenciação entre o que é peculiar aos idosos em função da idade e o que é devido ao

¹⁹ “Na literatura gerontológica, a dependência é definida como a incapacidade de a pessoa funcionar satisfatoriamente sem ajuda, devido a limitações físico-funcionais, a limitações cognitivas ou a uma combinação dessas duas condições”. (NERI, 2006, p.73)

contexto sócio histórico e pessoal; identificação das diferenças entre os idosos e outros grupos etários; descrição das alterações e funcionamento de diferentes processos psicológicos na velhice (NERI, 2006b). Para os estudos gerontológicos, a questão comportamental, as motivações, a cognição, a memória, são fundamentais para entendermos a adaptação do indivíduo às transformações vinculadas à velhice. A psicologia auxilia no entendimento dessas questões mais subjetivas e avança, pois, considera também variáveis como gênero, classe social, saúde, renda, contexto sociocultural, ultrapassando níveis micro de análise. Talvez sua maior contribuição para o estudo do envelhecimento tenha sido a formulação do paradigma *life-span*, pois, com ele houve a desmistificação da suposta relação entre declínio e senilidade²⁰ e a apresentação de uma nova possibilidade: o desenvolvimento nos anos mais avançados da vida.

2.3 Teorias sociológicas

Assim como as ciências biológicas e a psicologia, a sociologia também oferece importantes contribuições para a compreensão do envelhecimento. Alicerçada em suas principais tradições teóricas, a sociologia analisa as influências históricas, econômicas, etnográficas, culturais e sociais que influenciam a velhice (SIQUEIRA, 2001).

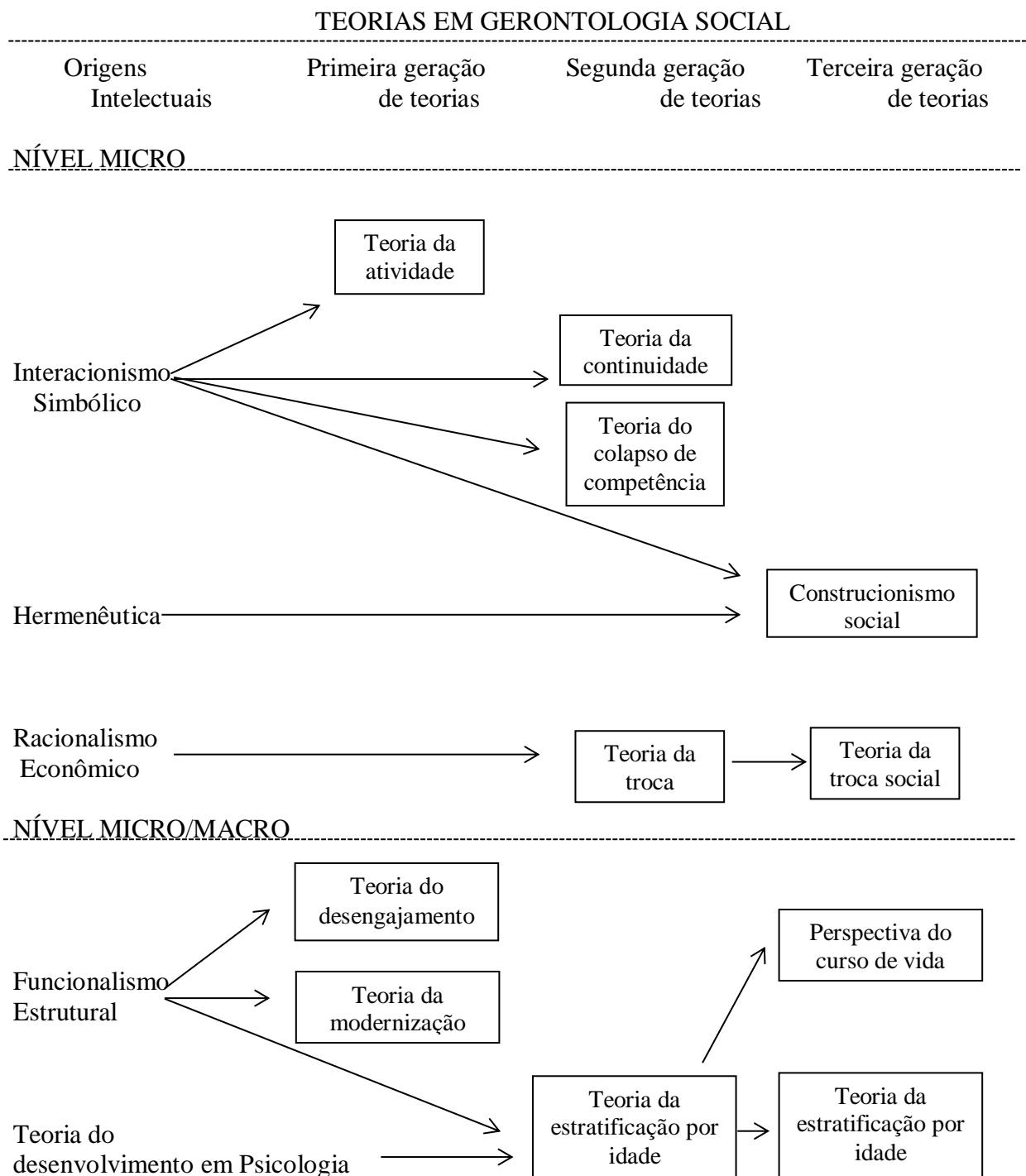
Bengtson, Burgess e Parrott (1997) apresentam um interessante panorama das perspectivas mais citadas nos artigos das revistas de gerontologia social, publicados entre 1990 e 1994: construtivismo social, troca social, curso de vida, feminista, estratificação etária, economia política do envelhecimento e a teoria crítica. Discorrem acerca de suas origens acadêmicas, as questões de pesquisa, seus principais conceitos, exemplos de aplicação prática e as contribuições e limitações de cada perspectiva. Destacam a dívida dessas publicações com as teorias clássicas do envelhecimento formuladas pelas ciências sociais, essenciais para a construção do conhecimento contemporâneo sobre a velhice.

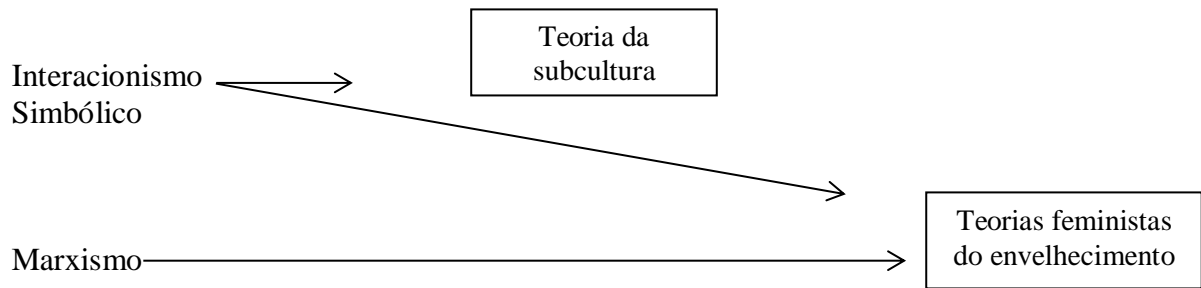
Os autores dividem as teorias da sociologia do envelhecimento em três gerações, de acordo com suas origens intelectuais: a primeira geração é composta pelas teorias elaboradas entre 1949 e 1969; as da segunda entre 1970 e 1980 e a terceira geração é considerada a partir de 1980. Classificam-nas também segundo seu nível de análise: macrossocial, microssocial e micro/macrossocial. As teorias macrossociais examinam as influências das estruturas sociais

²⁰ Neste trabalho, não estamos entendendo *senilidade* no sentido de envelhecimento patológico como Pitanga (2006). A palavra está sendo utilizada como sinônima de envelhecimento, saudável ou doentio, com objetivo de evitar repetições vocabulares.

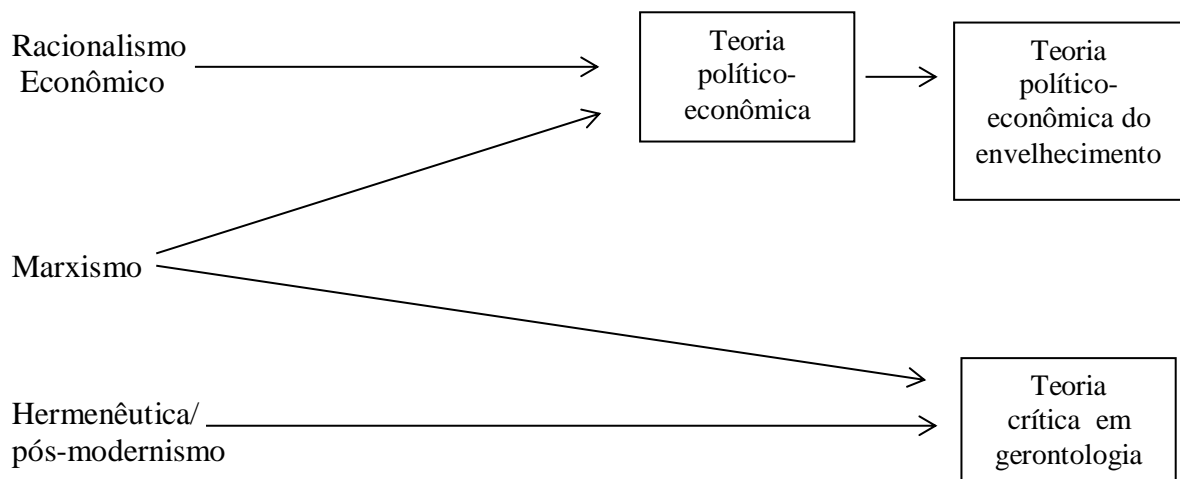
nas experiências e comportamentos. No nível microsocial, o foco é o organismo individual, isto é, o indivíduo e suas interações sociais. No micro/macro, estão as teorias que abrangem os dois níveis de análise simultaneamente. A seguir será apresentado um quadro com as mais influentes teorias sociológicas, classificadas de acordo com seu nível de análise, origem intelectual e geração a qual pertence.

Quadro I – Teorias sociológicas do envelhecimento humano





NÍVEL MACRO



Fonte: Bengston, Burgess e Parrot (1997), v.52B, nº2 (tradução nossa).

Nesta seção, de maneira sintetizada, iremos apresentar as teorias propostas no quadro acima, desde as clássicas até as da terceira da geração, pretendendo, desta maneira, perceber a evolução das teorias sociológicas do envelhecimento.

2.3.1 Teorias da primeira geração

- a) Teoria da atividade: seus principais proponentes foram Cavan, Buerguess, Havighurst, Goldhamer e Albrecht. A premissa orientadora dessa teoria é que o declínio das atividades físicas e mentais, associadas normalmente à velhice, está relacionado com as doenças psicológicas dos idosos. O bem-estar na velhice seria consequência da resistência ao desengajamento social, enfatizando a necessidade benéfica da atividade social entre os velhos. Uma das limitações centrais dessa teoria é a proposição de que o idoso controla o cenário para o desempenho de novos papéis sociais; desconsidera a pobreza, a exclusão, o declínio físico e mental enquanto barreiras para a escolha e o exercício desses papéis. Outra falha é a

relação direta entre atividade e satisfação, sem considerar as circunstâncias e ambientes de vida dos idosos (SIQUEIRA, 2001).

- b) Teoria do desengajamento: foi formulada por Cumming e Henry no livro *Growing Old* (1961), baseada nos dados de uma pesquisa realizada com 279 moradores de Kansas City e cidades-satélites, com idades entre 50 e 90 anos e que eram física e financeiramente autossuficientes (essa pesquisa também fez parte da fundamentação da teoria da atividade). Esta obra é considerada clássica, pois, a partir dela, as investigações gerontológicas aumentaram significativamente. Foi a primeira tentativa, explícita e multidisciplinar, de apreensão do processo de envelhecimento a partir das mudanças de relação entre o indivíduo e a sociedade. Contrapõe-se à teoria da atividade, ao afirmar que pessoas idosas desejam reduzir contatos sociais, sentindo-se, dessa maneira mais felizes e satisfeitas. O envelhecimento seria um processo inevitável de desengajamento, ou seja, de diminuição da interação entre o indivíduo e seu sistema social. A teoria do desengajamento foi, desde seu lançamento, bastante criticada; principalmente em relação à suposta universalidade do desengajamento individual, a qual desconsidera variáveis como profissão, renda, educação, etc. O desengajamento é observado, pela teoria, como funcional, pois, possibilita à sociedade abrir espaço para os mais jovens e preparar o idoso para o desengajamento total: a morte; é também mútuo, já que, a sociedade afasta as pessoas mais velhas assim como essas se distanciam daquela; e inevitável, uma vez que é um processo natural e espontâneo promovido por todo sistema social (DOLL et.al., 2007).
- c) Teoria da modernização: esta teoria elabora suas reflexões a partir do *status* do idoso na sociedade moderna. Ao contrário das teorias apresentadas anteriormente, a da modernização não se empenha em abordar a relação de bem-estar e atividade na velhice; preocupa-se com a imagem do idoso e com as representações que influenciam essa imagem. Foi apresentada por Cowgill e Holmes em 1972 com o livro *Aging Around the World*, o qual relaciona o declínio da reputação social do idoso com o processo de modernização da sociedade. A modernização é concebida como a transformação no estilo de vida rural, com tecnologia limitada e valores tradicionais em direção a uma vida urbana, com tecnologia altamente desenvolvida, ênfase no progresso e na eficiência. Cowgill analisa as mudanças no *status* dos idosos a partir de áreas-chave influenciadas pela modernização: mudanças demográficas, os valores, as estruturas familiares, o sistema econômico,

as estruturas políticas e os sistemas religiosos e educacionais. Por exemplo, os valores de uma sociedade podem ser favoráveis ou desfavoráveis aos idosos; normalmente, em sociedades pré-industrializadas, a hierarquia familiar é mais valorizada. Ao contrário das sociedades modernas, nas quais o culto à juventude, o trabalho e o individualismo prejudicam o *status* do velho. Em resposta às críticas direcionadas a sua teoria, Cowgill argumenta que sua proposição não reforçaria uma ideia romântica idade de ouro de pessoas idosas nos tempos anteriores (DOLL et.al., 2007). A rejeição à teoria da modernização fundamenta-se na necessidade de incorporação de variáveis como gênero, etnia, classe social, período histórico ao estudo do envelhecimento (SIQUEIRA, 2001).

- d) Teoria da subcultura do envelhecimento: essa teoria enfatiza que as normas de comportamento são estabelecidas a partir das interações sociais. Surgiu nos Estados Unidos e de acordo com seus pressupostos, os idosos estão desenvolvendo uma cultura própria baseada em seus interesses e crenças comuns, fomentada pela exclusão social e pela política segregacionista a qual agrupa os idosos em um mesmo contexto. Grupos ativistas como *Panteras grisalhos* e *Associação Americana de aposentados* são exemplos dessa teoria. A existência dessa subcultura pode aumentar o conceito negativo acerca do idoso e da velhice e, por outro lado, estimular uma consciência de grupo para ação social e política na luta pela defesa de direitos desse grupo populacional. A falha dessa teoria está na ênfase no nível microssocial de análise, pouco reconhecendo a influência de fatores estruturais nos comportamento social (SIQUEIRA, 2001).

2.3.2 Teorias da segunda geração

- a) Teoria da continuidade: inicialmente, foi formulada como uma teoria geral do desenvolvimento. Seu objetivo é explicar como pessoas de meia-idade e idosas mantem suas estruturas internas (exe.: experiências, afeto, habilidades, personalidade) e externas (conhecimento do ambiente físico e social, papéis e atividades sociais anteriormente exercidos) preexistentes. Relaciona a continuidade com os processos de mudança e mecanismos de adaptação individuais; como tais mecanismos contribuem para o ajustamento às transformações. A ausência de questionamentos acerca da influência de questões estruturais na continuidade é uma das limitações dessa teoria (SIQUEIRA, 2001).

- b) Teoria do colapso de competência: Kuypers e Bengston são seus propositores. Esta teoria é adequada para se entender as consequências negativas (colapso de competência) resultantes das crises frequentes da velhice. Essas crises (viuvez, perda de saúde, de papéis sociais) formam espiral de respostas negativas em relação à senescência e acabam provocando um rótulo de dependência do idoso em relação ao ambiente, à família ou a profissionais. Isso implica em um autoconceito de doente, incapaz ou inadequado por parte do sujeito, atrofiando competências antes existentes. Com base nessa teoria, modelos de intervenção com o objetivo de construção de ambientes encorajadores para os idosos, com estratégias de resolução das tensões entre dependentes e cuidadores, foram constituídos (SIQUEIRA, 2001).
- c) Teoria da troca: de acordo com essa teoria, o velho tende a afastar-se de relações sociais, pois, possui poucos recursos comparando-o com os mais jovens (exe.: baixos níveis educacionais, de saúde e de renda). Apenas o idoso que possuísse tais recursos manteria essas interações sociais entre gerações. Uma crítica apontada à esta teoria é sua ênfase no racionalismo e na perspectiva econômica, ignorando motivações não racionais como amor e altruísmo (SIQUEIRA, 2001).
- d) Teoria da estratificação por idade: uma das mais influentes perspectivas de análise da gerontologia social, essa teoria possui as seguintes premissas de acordo com Riley, Foner, and Waring (1988): 1) Estudar o movimento das *coortes* ao longo do tempo para identificar semelhanças e diferenças entre elas; 2) examinar a assincronia entre as mudanças estruturais e individuais através do tempo; e 3) apreender a interdependência das *coortes* de idade e as estruturas sociais. Recentemente, Riley e seus colaboradores tem aplicado nesta perspectiva o conceito de *descontinuidade estrutural*²¹; ela ocorre quando as estruturas sociais não mantêm o ritmo em relação às mudanças na dinâmica populacional e a vida individual. Um exemplo é o aumento da esperança de vida para mais de 65 anos e a falta de estrutura social para acomodar e incorporar os anciãos aposentados. Uma das falhas dessa teoria é não tratar, de maneira adequada, as relações de poder, ignorando a maneira pela qual as estruturas sociais são controladas por uma pequena elite (BENGTSON; BURGESS, PARROTT, 1997).

2.3.3 Teorias da terceira geração

²¹ A expressão original é *structural lag*, esta tradução foi utilizada por Anita Liberalesso Neri (2001).

- a) Construcionismo social: esta teoria vem sendo bastante utilizada pela gerontologia, refletindo uma longa tradição de análise microsocial nas ciências sociais, da relação de atividades individuais, dos comportamentos sociais, com as estruturas maiores da sociedade. Os pesquisadores que utilizam essa teoria buscam, então, compreender a influência de definições e estruturas sociais no processo individual de envelhecimento através de conceitos-chave como: significado social, realidade e relações sociais no envelhecimento, eventos da vida, atitudes perante senescência e *timing*. Esta teoria contribui para a gerontologia social em vários aspectos: reconhece o papel ativo do indivíduo na manutenção e criação de significados sociais cotidianos para si e para aqueles que o rodeiam, um processo considerado dialético de construção da realidade; é uma teoria que permite uma interação multidisciplinar para o estudo de ampla diversidade de questões; e, vem influenciando outras perspectivas gerontológicas como a teoria feminista e a crítica. Uma avaliação negativa dessa teoria é seu foco no nível individual, sem refletir acerca de variáveis como *coorte* e contexto histórico (BENGTSON; BURGESS; PARROTT, 1997).
- b) Curso de vida: com essa teoria o envelhecimento é analisado desde o nascimento até a morte como um processo biológico, social e psicológico moldado por fatores “coorte-históricos”. Traz importantes contribuições para o estudo do envelhecimento já que interliga o âmbito pessoal com o estrutural de análise, incorporando os efeitos históricos e estruturais aos significados sociais da senescência. Possui uma visão dinâmica da totalidade da vida, de sua heterogeneidade, além de utilizar princípios e métodos multidisciplinares. Seus críticos apontam seu caráter amplo e difuso, o que dificulta sua caracterização enquanto teoria ou paradigma (SIQUEIRA, 2001).
- c) Teorias feministas: as perspectivas feministas argumentam que o gênero, principal organizador da vida social, deveria ser principal aspecto para o estudo do envelhecimento. Afirmam que as teorias contemporâneas não são suficientes, pois, não conseguem incluir relações de gênero e experiências femininas no contexto do envelhecimento. Conceitos-chave da perspectiva feminista no envelhecimento incluem: estratificação de gênero, as estruturas de poder, instituições sociais a nível macro de análise, redes sociais, cuidador e trabalho da família, significados sociais e identidade no micro- nível de análise. Essa perspectiva tem potencial para contribuir com o desenvolvimento da gerontologia social, visto que, por exemplo, concentra-se nas necessidades da maioria da população de idosos, as mulheres. No entanto possui

fragilidades, como por exemplo, a desconsideração para questões como masculinidade e envelhecimento (BENGTSON; BURGESS; PARROTT, 1997).

- d) Teoria político-econômica do envelhecimento: é originada do marxismo, da teoria do conflito e na teoria crítica, sendo uma reação ao estruturalismo funcional. Propõe que a interação de forças econômicas e políticas determinam a alocação de recursos sociais e, conseqüentemente, o *status* do idoso; as experiências individuais são marcadas não só pela idade, mas também por variáveis como gênero, raça, classe social; a estrutura social e as políticas públicas constroem oportunidades, escolhas e experiências na velhice; e, a perda de poder e de autonomia com o envelhecimento são conseqüências da influência de restrições econômicas e políticas. Uma de suas críticas é em relação à exclusão da possibilidade de construção de experiências pessoais de envelhecimento, compreendendo os idosos como passivos e sem controle de suas vidas diante do determinismo das estruturas sociais (SIQUEIRA, 2001).
- e) Teoria crítica: reflete nas tendências diversas na gerontologia contemporânea, como, por exemplo, na teoria político-econômica do envelhecimento e nas perspectivas feministas. Seus conceitos base para investigação gerontológica são: poder, ação social e significados sociais. Segundo Dannefer (1988), a heterogeneidade do processo de envelhecimento é negligenciada pela maioria das teorias que tratam apenas do desenvolvimento, da socialização e do envelhecimento normativo; esse fato seria uma conseqüência da adoção do paradigma positivista pela gerontologia social. Seu cunho humanístico está na proposta de os próprios idosos definirem as questões mais significativas para a pesquisa. Suas principais falhas seriam seu alto grau de abstração, e a dificuldade de suas proposições serem empregadas por pesquisadores que utilizam paradigmas positivistas (SIQUEIRA, 2001).

É inegável o processo gradativo de mudança nas percepções e avaliações dos pesquisadores em relação ao envelhecimento ao longo da história dos construtos teóricos das ciências sociais. A abrangência para níveis macrossociais de análise da realidade é um avanço bastante relevante para a compreensão da velhice nas sociedades atuais e para entendermos a influência das estruturas e construções sociais nas experiências individuais. No entanto, o maior desafio talvez repouse no equilíbrio adequado entre os níveis micro e macrossociais nas pesquisas gerontológicas, considerando as dimensões psicológicas, sociológicas e biológicas do envelhecimento.

2.4 Breves considerações

A apresentação dessas três categorias teóricas proporcionou o conhecimento das produções de vários pesquisadores, exaltando as contribuições de cada área para o estudo do envelhecimento. Dentro da Biogerontologia, da Psicogerontologia e da Sociologia do envelhecimento, foram apreendidos debates, avanços, fontes e metodologias utilizadas para a constituição da epistemologia acerca da temática. Como apontam autores citados, como Neri (2001; 2006b) e Bengston, Burgess e Parrot (1997), a teoria, muitas vezes, está sendo negligenciada nas pesquisas gerontológicas mundiais, gerando problemas como a perpetuação de preconceitos e falsas crenças sobre o tema e a incapacidade de se progredir a partir do que já foi elaborado (NERI, 2006b). No Brasil, especificamente, a situação ainda é mais grave, pois discussões e obras importantes ainda não foram traduzidas para a língua portuguesa, dificultando, assim, o acesso ao conhecimento produzido internacionalmente. Além do mais, outros fatores como a novidade da gerontologia no país e a própria falta de professores e pesquisadores especializados sobre o assunto, contribuem para a continuidade de pesquisas com pouquíssimo grau de fundamentação e revisão teórica. O que atesta, em outras palavras, a necessidade de novas pesquisas que, assim como esta, procurem dar conta de tais tipos de abordagens.

3 VELHICE E SOCIEDADE

A velhice é um fenômeno natural e universal, explicado por variadas teorias biológicas apresentadas no capítulo anterior deste trabalho. Corroborando com as reflexões de Guita Debert (2007), para versarmos sobre a velhice, precisamos entendê-la também enquanto uma categoria socialmente construída, sujeita aos valores e crenças presentes no contexto histórico, político e cultural de sua produção. Assim, o tratamento e o *status* que cada sociedade concede às pessoas envelhecidas reflete uma ordem constituída, legitimada e internalizada por seus sujeitos sociais. É sobre essa dimensão de análise da velhice que este capítulo irá refletir. Primeiramente, apresentaremos o conceito de construção social da realidade, ou seja, como se estrutura a realidade objetiva para os indivíduos. Essa realidade é permeada de representações sociais de seus objetos, tema da segunda seção do capítulo. Por último, e não menos relevante, trataremos das representações sociais acerca da velhice na sociedade ocidental e capitalista contemporânea.

3.1 O conceito de construção social

"Não é a consciência dos homens que determina seu ser, mas, pelo contrário, seu ser social é que determina sua consciência"
Karl Marx

Mas, afinal, o que Karl Marx quis dizer com essa frase? Bem, a resposta é, ao mesmo tempo, simples e complexa: é a sociabilidade que determina a consciência dos indivíduos, seus pensamentos e valores, e não ao contrário; ou seja, o homem está condicionado ao seu meio social. É esse pressuposto acerca da relação entre a consciência individual e os determinantes da sociabilidade que conduzirá os intelectuais das Ciências Sociais para a formulação de um novo ramo da Sociologia: a Sociologia do Conhecimento.

O responsável por tornar essa Sociologia uma disciplina científica foi o sociólogo Karl Mannheim. A partir do pressuposto fundamental dessa relação entre “consciência” e “sociedade” enunciado por Marx e Engels, Mannheim discute o Conceito Sociológico do Pensamento, numa perspectiva histórica, em *Ideologia e Utopia - Introdução à Sociologia do Conhecimento* (1929) (HUNGER; SOUZA NETO, 2003). O principal objetivo do autor, de acordo com Ferreira e Britto (2004), foi elaborar uma crítica à concepção iluminista de razão a-histórica, a partir da ideia de condicionamento histórico do conhecimento.

Mannheim divide o novo ramo disciplinar da Sociologia em duas partes: a primeira, enquanto teoria, a Sociologia do conhecimento deve analisar a relação entre conhecimento e existência; como método de pesquisa, seu objetivo é descrever as formas que este relacionamento assumiu no desenvolvimento intelectual da humanidade (FERREIRA; BRITTO, 2004).

A principal característica do programa de Mannheim para a sociologia do conhecimento está na radical rejeição da epistemologia. Para ele a verdadeira análise do conhecimento não é aquela que se dedica exclusivamente a desvendar o encadeamento lógico dos conceitos abstraídos de qualquer tipo de condicionalidade. Ao contrário, a tarefa da sociologia do conhecimento é evidenciar o condicionamento social a que está submetida de modo irreduzível toda forma de pensamento (FERREIRA; BRITTO, 2004, p. 138).

O resgate histórico dos fundamentos da Sociologia do Conhecimento foi realizado por Peter Berger e Thomas Luckmann no livro *A construção social da realidade: Tratado de Sociologia do conhecimento*. A obra possui claro objetivo teórico explicitado já na sua introdução. Seus autores defendem que “*a sociologia do conhecimento diz respeito à análise da construção social da realidade*” (BERGER; LUCKMANN, 2012, p.14). Nesse sentido, essa disciplina versa sobre as relações entre o pensamento humano e o contexto social dentro do qual ele surge. É o conceito utilizado por Mannheim de *conhecimento relacional*, ou seja, o pensamento, os valores, os pontos de vista apenas podem ser entendidos em um meio social específico.

De acordo com Berger e Luckmann, a consciência sobre os fundamentos sociais dos valores já era encontrada na Antiguidade. No entanto, apenas no século XIX, com o pensamento marxista, o nietzschiano e o historicista, que se desenvolvem os fundamentos intelectuais da Sociologia do conhecimento. Os conceitos e análises feitas pelo pensador alemão Karl Marx²², percussor do marxismo, foram essenciais para esse ramo da Sociologia; não apenas para a formulação de seu problema central, mas também por fornecer considerações importantes sobre, por exemplo, os conceitos de *ideologia*, *falsa consciência*, *infraestrutura* e *superestrutura*. De forma menos explícita, o anti-idealismo de Friedrich Nietzsche contribuiu para a Sociologia do conhecimento com novas perspectivas acerca do

²² Um texto interessante para aprofundamento das colaborações de Marx para a sociologia do conhecimento de Mannheim, principalmente sobre o conceito de *ideologia*, é: DEFFACCI, Fabricio. CEPÉDA, Vera. O lugar e o limite da contribuição de Karl Marx para a Sociologia do Conhecimento na perspectiva de Karl Mannheim. In: CEMARX - 5º Colóquio Marx e Engels, 2007, Campinas. **Anais do CEMARX**, 2007. Disponível em: http://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt2/sessao3/Fabricio_Deffacci.pdf. Acesso em: março de 2014.

pensamento humano como instrumento na luta pelo poder e pela sobrevivência e, com sua própria teoria da *falsa consciência*. Já o historicismo, expresso especialmente na obra de Wilhelm Dilthey, colaborou com a noção de relatividade das perspectivas sobre os acontecimentos humanos; ou seja, o entendimento da inevitável historicidade do pensamento humano (BERGER; LUCKMANN, 2012).

A partir dos fundamentos intelectuais da Sociologia do conhecimento, Berger e Luckmann (2012) delimitam duas categorias primordiais para entendermos suas proposições teóricas: *realidade* e *conhecimento*. De forma simples, a *realidade* pode ser considerada como uma qualidade dos fenômenos que existem independentes da nossa vontade; e, *conhecimento*, como a certeza da real existência e das especificidades desses fenômenos. As argumentações apresentadas pelos autores direcionam à seguinte afirmação: “a humanidade específica do homem e sua socialidade estão inextricavelmente entrelaçadas. O *Homo sapiens* é sempre, e na mesma medida, *homo socius*” (BERGER; LUCKMANN, 2012, p. 73). Neste sentido, o homem, seus valores e condutas, só podem ser compreendidos a partir do particular contexto social de sua formação, como um produto de seu ambiente sociocultural. E, este contexto, a sociedade, é também um resultado da atividade humana. Essa é a dialética entre o homem e a sociedade; a relação do primeiro enquanto produto social e a segunda como produto humano.

De momento, é importante acentuar que a relação entre o homem, o produtor, e o mundo social, produto dele, é e permanece sendo uma relação dialética, isto é, o homem (evidentemente não o homem isolado, mas em coletividade) e seu mundo social atuam reciprocamente um sobre o outro. O produto reage sobre o produtor. A exteriorização e a objetivação são momentos de um processo dialético contínuo. O terceiro momento deste processo, que é a interiorização (pela qual o mundo social objetivado é reintroduzido na consciência no curso da socialização), irá ocupar-nos mais tarde com abundância de detalhes. Já é possível, contudo, ver a relação fundamental desses três momentos dialéticos na realidade social (BERGER; LUCKMANN, 2012, p. 85).

Entendida a dialética da realidade social, podemos compreender a institucionalização de hábitos presentes nas sociedades. A institucionalização ocorre quando particularidades de determinadas atividades humanas são tipificadas, reciprocamente, por atores sociais; ou seja, quando os atores caracterizam as ações habituais de forma partilhada. Essa institucionalização pressupõe que ações com determinadas características devem ser executadas por atores de um tipo específico. As instituições são produto de processos históricos (não podem ser

compreendidas fora de contextos) e controlam a conduta humana através de padrões a serem seguidos, aceitos pela sociedade²³.

O mundo institucional é experimentado pela coletividade como realidade objetiva; mesmo inacessível ao homem através de sua lembrança biográfica, este mundo foi produzido e constituído historicamente pelo próprio homem. Por exemplo, para um jovem, o qual não participou da construção de uma realidade apresentada a ele, condutas específicas caracterizam o velho e a velhice. O idoso é representado como aquele que deixou de exercer sua profissão, é um bom cidadão, avô, e como já viveu bastante, sua sabedoria e louvável. A velhice é um longínquo estágio da vida, no qual só existem perdas para o indivíduo e a possibilidade de aprendizagem é quase nula. Nela, a bengala será uma companheira e a doença um fato inevitável.

O conhecimento enquanto a soma de tudo que se conhece a respeito do mundo social é que constitui a dinâmica motivadora dessa conduta institucionalizada. Define e constrói os *papéis* para serem desempenhados na conjuntura das instituições sociais. O conhecimento localiza-se no “coração da dialética fundamental da sociedade”, pois, “objetiva este mundo por meio da linguagem²⁴ e do aparelho cognoscitivo baseado na linguagem, isto é, ordena-o em objetos que serão apreendidos como realidade” (BERGER; LUCKMANN, 2012, p. 91). Assim, o conhecimento é assimilado como *verdade objetiva* através da socialização²⁵, da transmissão geracional, interiorizando-se no homem como *realidade subjetiva*, a qual, por sua vez, tem a capacidade de configurar o indivíduo.

Com o processo de formação das instituições também se originam os papéis. Na interação social ocorrem as “tipificações recíprocas de conduta”, ou seja, a concepção desses papéis, antecedendo a própria constituição das instituições. Os papéis representam as instituições e possibilitam a existência delas nas experiências individuais. Assim, a representação dessas instituições em papéis deve ser vivificada na conduta humana para que as mesmas continuem existindo na realidade subjetiva. Os papéis ajudam a manter a integração de todas as instituições, as quais dotam o mundo de sentido; e, dessa maneira,

²³ Sociedade para Peter Berger e Thomas Luckmann pode ser entendida como um aglomerado de instituições (BERGER; LUCKMANN, 2012, p. 78).

²⁴ “a linguagem objetiva as experiências partilhadas e torna-as acessíveis a todos dentro da comunidade linguística, passando a ser assim a base e o instrumento do acervo coletivo do conhecimento” (BERGER; LUCKMANN, 2012, p. 93).

²⁵ A socialização, primária e secundária, é descrita com detalhes na segunda parte da obra de Berger e Luckmann (2012). Não sendo sua exploração objetivo central deste trabalho, apenas apresentaremos aqui uma noção geral do conceito: a socialização é uma ampla e consistente introdução do indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade ou de um setor dela. É analisada a partir do processo de interiorização, pelo qual, o indivíduo apreende um acontecimento objetivo, internalizando-o subjetivamente, atribuindo significados para si (BERGER; LUCKMANN, 2012).

“ajudam a manter essa integração na consciência e na conduta dos membros da sociedade, isto é, tem uma relação especial com o aparelho legitimador da sociedade” (BERGER; LUCKMANN, 2012, p. 102). Então, de acordo com os papéis que desempenha, “o indivíduo é introduzido em áreas específicas do conhecimento socialmente objetivado”, inclusive, no sentido do ‘conhecimento’ de normas, valores, e emoções (BERGER; LUCKMANN, 2012, p. 103).

Considerados na perspectiva da ordem institucional, os papéis aparecem como representações institucionais e mediações de conjuntos de conhecimento institucionalmente objetivados. Visto na perspectiva dos vários papéis, cada um destes transporta consigo um apêndice socialmente definido de conhecimentos. As duas perspectivas, está claro, apontam para o mesmo fenômeno global, que é a dialética essencial da sociedade. A primeira perspectiva pode ser resumida na proposição segundo a qual a sociedade só existe quando os indivíduos tem consciência dela, a segunda perspectiva resume-se na proposição de que a consciência individual é socialmente determinada (BERGER; LUCKMANN, 2012, p. 105).

Para este trabalho, o entendimento acerca das principais argumentações da Sociologia do conhecimento – proposta por Karl Mannheim e teorizada amplamente por Berger e Luckmann – é de fundamental importância, pois, esta disciplina discorre sobre as influências das concepções de mundo na consciência e na conduta individual. Essas construções e representações não estão presentes apenas no meio científico, mas também no imaginário do senso comum²⁶, fazendo parte da nossa realidade objetiva, do nosso cotidiano, e assim, persuadindo nossos entendimentos. Destarte, outra teoria essencial para análises posteriores irá ser apresentada na próxima seção, a Teoria das Representações Sociais; a qual, como veremos, possui como premissa as formulações da Sociologia do conhecimento para entender a relação da realidade e do indivíduo em uma perspectiva psicossocial.

3.2 Teoria das Representações Sociais

O estudo das representações sociais não é originário apenas de uma área do conhecimento humano, possui raízes na Sociologia, na Antropologia, na história e também na filosofia. A Teoria das Representações Sociais é proposta pelo psicólogo Serge Moscovici em

²⁶ Podemos definir, de forma bastante simplória, o senso comum como as “nossas opiniões cotidianas”. Este é o subtítulo do tópico *Senso comum* presente na obra *Convite à Filosofia* da filósofa brasileira Marilena Chauí. Neste livro, a autora apresenta didaticamente temas como, por exemplo, *filosofia, razão, verdade, conhecimento*, e, entre eles, *ciência*. Detalha as características do senso comum, dos “saberes cotidianos” da sociedade: são subjetivos, generalizadores e também individualizadores, qualitativos, veem a ciência como magia, cristalizam preconceitos, entre outras especificidades. Para aprofundar a discussão: CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. 13ed. São Paulo: Ática, 2005.

1961, com a publicação de seu livro *A representação social da Psicanálise*²⁷. No entanto, essa nova perspectiva para a Psicologia Social não atingiu desdobramentos visíveis no âmbito acadêmico, ressurgindo com força total, apenas, a partir do início dos anos de 1980. De acordo com Ângela Arruda (2002), esse fato pode ser atribuído aos paradigmas existentes na época, tanto na Psicologia, com enfoque experimental do behaviorismo dominante; quanto nas Ciências Sociais, com a presença de uma leitura do marxismo que tendia a atrelar o desenvolvimento superestrutural à infraestrutura. Essa conjuntura era desfavorável à pesquisa moscovicina, a qual se voltava para fenômenos subjetivos que deveriam ser captados indiretamente pelo pesquisador (ARRUDA, 2002).

A Teoria das Representações Sociais de Moscovici é influenciada pelo trabalho de intelectuais como Lévi-Bruhl, Jean Piaget e Liev Vygotsky e, principalmente, é baseada no conceito de *representação coletiva* desenvolvido pelo sociólogo Émile Durkheim (OLIVEIRA, 2004). Apesar de características semelhantes, existem diferenças cruciais entre esses conceitos. As representações coletivas de Durkheim são consideradas como *fatōs sociais*²⁸, assim, são exteriores ao indivíduo, coercitivas e possuem autonomia. Elas proporcionam a conservação do todo social e são mais eficazes quando buscamos compreender sociedades menos complexas (Farr 2003 apud Lopes, 2006). São formas estáveis de compreensão da coletividade, enquanto, as representações sociais são mais dinâmicas, suas estruturas podem ser modificadas e até desaparecerem. Esse dinamismo das representações sociais, ao contrário da estabilidade proposta pelas representações coletivas, pode ser considerado o ponto divergente principal desses conceitos.

Sendo assim, o que dá destaque ao conceito na teoria de Durkheim é sua capacidade de obrigar e conservar o todo social. A teoria moscovicana, por sua vez, tem seu enfoque sobre processos sociais que integram novidade e mudança na vida social. Desse modo, enquanto Durkheim se ocupava das representações coletivas como formas estáveis de compreensão coletiva, Moscovici preocupou-se mais com a variação e a diversidade a que o senso comum está sujeito nas sociedades modernas (LOPES, 2006, p. 51-52).

O interesse de Moscovici pelo tema foi oriundo de sua própria experiência pessoal. Filho de judeus, ele vivenciou a Segunda Guerra Mundial e o regime nazista da época. Quanto

²⁷ Título original da obra de Serge Moscovici: *La psychanalyse son image et son public*.

²⁸ Podemos considerar os *fatōs sociais* como um dos principais conceitos das argumentações de Émile Durkheim. Sua definição é apresentada na obra: DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. “É fato social toda maneira de agir, fixa ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior ou mais ainda, que é geral na extensão de uma dada sociedade, apresentando uma existência própria, independente das manifestações individuais que possa ter” (DURKHEIM, 2007, p. 13).

ao seu ambiente científico, “o autor conta que sua geração esteve preocupada em debater o problema da ciência, isto é, em compreender como a ciência impacta na mudança histórica, no pensamento e nas perspectivas sociais vigentes” (LOPES, 2006, p.50). Convergiam dois posicionamentos no âmbito acadêmico: para o primeiro, o conhecimento cotidiano é permeado por irracionalidades, preconceitos e ignorância e deveria ser substituído pela ciência; já o segundo, defendia que o conhecimento científico não deveria ser difundido, pois, se isso ocorresse, ele seria desvalorizado. A concordância desses julgamentos está na superposição do conhecimento científico em relação ao social e na ideia de que apenas os intelectuais são capazes de pensar racionalmente. É, justamente, sobre essa ideia que Serge Moscovici irá pensar sua Teoria das Representações Sociais: os intelectuais são capazes de pensar irracionalmente, uma vez que, foram eles os produtores e legitimadores de teorias extremamente irracionais como o nazismo e o fascismo (LOPES, 2006).

Moscovici, logo, sugere a existência de dois universos de conhecimento reconhecidos pela sociedade, entre os quais não há hierarquia, apenas propósitos diferentes: o consensual e o reificado (científico). No primeiro, a sociedade reconhece-se em especialistas de áreas do saber (físicos, matemáticos, cientistas sociais, etc.), que detêm o poder de fala exclusivo sobre seus conhecimentos, pois, possuem qualificação individual. No segundo universo, há a liberdade para expressão de opiniões sobre as diversas disciplinas do conhecimento (religião, política, saúde...), as quais podem ser proferidas por todos, amadores ou curiosos, consolidando grupos com opiniões compartilhadas. É sobre esse universo consensual - onde normalmente formam-se as representações - que Serge Moscovici demarca o interesse da Psicologia Social, definida por ele como uma disciplina do conflito entre o indivíduo e a sociedade, cujos objetos de estudo deveriam ser os fenômenos da ideologia (cognição e representações sociais) e os fenômenos de comunicação (ALEXANDRE, 2004).

É importante ressaltar que as representações sociais não são as realidades; interpretações delas, formuladas pelos *sábios amadores*,²⁹ nas conversações do dia-a-dia. Nas sociedades contemporâneas, “o novo” é algo constante no universo consensual, emergido, normalmente, pelo reificado. Quando a novidade circula no senso comum, causando desconforto, os “sábios amadores” mobilizam-se por meio de suas interações sociais para significar, com marcas da tradição, da memória e do passado, esta novidade. A significação, então, constrói as representações sociais, através da comunicação entre os indivíduos. Esta

²⁹ Este termo é utilizado por Moscovici (1978 apud Lopes, 2006) “Utilizando essa expressão, Moscovici chama a atenção para aqueles indivíduos, que mesmo sem serem especialistas sobre determinado assunto, propõem-se a discuti-lo, na busca de um entendimento sobre o mesmo. Segundo o autor, todas as pessoas são ‘sábios amadores’ em um domínio ou outro” (LOPES, 2006, p. 53).

comunicação inclui a linguagem verbal e não verbal, os veículos de comunicação em massa, os divulgadores científicos e, principalmente a conversação; pois, esta “permite por meio da interação – sua única finalidade – que todos os indivíduos, mesmo aqueles que não tenham acesso a informações por outras fontes, tenham contato com a novidade” (LOPES, 2006, p.57).

Pelo exposto até aqui, podemos deduzir que o processo de representar contém uma lógica própria: familiarizar o novo. Isto é possível através de dois mecanismos: *objetivação* e *ancoragem*. Com o primeiro, noções abstratas ganham forma; o objeto misterioso é destrinchado e recomposto para tornar-se algo palpável, que pode ser visto e controlado. Os indivíduos e coletividades acoplam a este objeto, imagens e compreensões de seu cotidiano, naturalizando-o. Já a ancoragem permite a incorporação desse objeto nos sistemas particulares dos indivíduos. O sujeito recorre ao que lhe é familiar para “enquadrar” o desconhecido em seu mundo, dando-lhe sentido, ancorando-o a partir de representações preexistentes. A representação social atua, portanto, na transformação do indivíduo e do objeto, já que, nesse processo de construção do objeto, ambos são modificados. “O sujeito amplia sua categorização e o objeto se acomoda ao repertório do sujeito, repertório o qual, por sua vez, também se modifica ao receber mais um habitante” (ARRUDA, 2002, p.137).

Se pensarmos a construção de uma representação social da velhice, por exemplo, primeiramente o sujeito “filtra” as informações que possui sobre esse processo. O recorte é feito baseado nos valores sociais vigentes e nas experiências, resultando na recomposição do objeto através da acoplagem de imagens ao mesmo. Assim, a velhice para o indivíduo não será mais algo estranho; será natural, cotidiana, ancorada no que é familiar para ele: “é uma fase da vida!”, “todos nós chegaremos lá!”, “velhice é solidão”.

Esses dois mecanismos descritos, a objetivação e a ancoragem, fazem parte do que Mary Jane Spink (1993) caracteriza como *função cognitiva* das representações sociais. Já a *função afetiva* remete à dinâmica das interações sociais, quando são elaboradas estratégias coletivas e individuais para a proteção e legitimação das identidades sociais. E, a *função social* possui o objetivo de orientar as condutas dos indivíduos, bem como a comunicação. Nesse sentido, as representações sociais guiam os comportamentos e justificam sua expressão.

Destacamos que as representações não são as mesmas para todos os indivíduos da sociedade. A produção dessas representações enquanto um fenômeno social depende de uma variável fundamental: o contexto sociocultural. Logo, as representações devem ser entendidas e estudadas a partir de seu contexto de produção e também de circulação.

Toda representação se refere a um objeto e tem um conteúdo. E o “alguém” que a formula é um sujeito social, imerso em condições específicas de seu espaço e tempo. A autora propõe então três grandes ordens de fatores a serem levados em conta como condições de produção das representações: a cultura, tomada no sentido amplo e no mais restrito, a comunicação e linguagem (intragrupo, entre grupos e de massas), e a inserção socioeconômica, institucional, educacional e ideológica (ARRUDA, 2002).

Entendido “onde”, “como” e “quem” as produz, podemos pensar o próprio conceito de representações sociais. A definição mais encontrada em estudos que abrangem o tema é a realizada por Denise Jodelet (2002)³⁰: “as representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (ARRUDA, 2002; LOPES, 2006; WACHELKE et.al., 2008). Na verdade, Denise Jodelet aprofunda a Teoria das Representações Sociais proposta por Serge Moscovici³¹; a definição do precursor dessa teoria é a seguinte:

A representação social é um *corpus* organizado de conhecimentos e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens tornam inteligível a realidade física e social, inserem-se num grupo ou numa ligação cotidiana de trocas, e liberam os poderes de sua imaginação (MOSCOVICI, 1961, p. 27-28 apud ARRUDA, 2002, p.142, grifo do autor).

As duas definições expostas mencionam um conceito importante, apresentado no tópico anterior deste trabalho, o de *realidade*. Podemos conjecturar que a premissa central da Teoria das Representações Sociais é a certeza da *construção social da realidade*. A teoria debruça-se, como outras disciplinas, sobre o processo de formação do conhecimento nas sociedades. Ela busca superar a dicotomia existente entre o psicologismo e sociologismo, unindo, dialeticamente, o indivíduo e a sociedade. Essa pode ser considerada a principal contribuição de Serge Moscovici para o estudo das representações sociais e para a Psicologia Social como um todo. Assim, corroborando com Márcio de Oliveira (2004), podemos dizer que, no interior das Ciências Sociais, a obra de Moscovici situa-se no campo da Sociologia do Conhecimento, teorizada amplamente por Peter Berger e Thomas Luckmann (2012).

Os autores apresentam aproximações relevantes em suas obras. O primeiro ponto comum que destacamos é a valorização do *senso comum*, do *saber cotidiano*, do chamado *universo consensual*, histórico e culturalmente determinado. No qual, os *sábios amadores* constroem suas *representações sociais*; *institucionalizam hábitos*, constituem seus

³⁰ Esta definição da autora é encontrada originalmente na obra: JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (org.). **As Representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002.

³¹ Definição encontrada em: MOSCOVICI, Serge. **La Psychanalyse, son image, son public**. Paris: PUF, 1961.

conhecimentos sobre o mundo, seus valores e crenças através da *conversação*, da *linguagem*, da *internalização*, da *objetivação*, da *ancoragem*. Esse movimento transforma tanto o sujeito social quanto o objeto, estabelecendo a dialética fundamental da *realidade*, ou seja, a própria formação da sociedade e do homem, orientando as *condutas* e os pensamentos individuais.

Com esse complexo de conceitos semelhantes, procuramos explicar para o leitor o ponto de origem do raciocínio desse trabalho: se a realidade é construída socialmente, a velhice também é uma construção social. Assim, apresenta-se a questão: como a velhice é interpretada, ou seja, representada na sociedade contemporânea? Responderemos essa questão na próxima seção deste capítulo.

3.3 Velhice: uma categoria social

Como saber quando se chega à velhice? Bem, duas respostas são comumente dadas: ao completarmos sessenta anos ou quando nos aposentamos. De acordo com Guita Debert (2007), em todas as sociedades podemos observar “grades de idades”, constituídas a partir das especificidades cada cultura (DEBERT, 2007). São formas de periodização do curso de vida individual, definindo as práticas socialmente legítimas para cada estágio. Destarte, a autora evidencia uma importante contribuição da pesquisa antropológica para o estudo do envelhecimento: a idade não é um dado da natureza, nem um princípio característico dos grupos sociais ou ainda um fator explicativo dos comportamentos humanos. É sim, uma elaboração simbólica e ritualística presente nas diversas coletividades.

Com as argumentações de Debert (2007), através dos estudos de Margaret Mead realizados em Samoa, a metáfora do “relógio social” cunhada por Berenice Neugarten em 1969 merece revisitação. Isso porque os pressupostos da Psicologia do Desenvolvimento³², a qual concebe a vida em uma sequência unilinear de estágios pelos quais todos os indivíduos passam, são refutados. Essa contestação parte do princípio da relatividade das representações das “grades de idades” nas sociedades. Ou seja, não necessariamente a velhice, considerada uma etapa de declínio e perdas para nossa sociedade ocidental, será da mesma forma concebida em outras sociedades.

³² Os principais pressupostos e paradigmas da Psicologia do Desenvolvimento são abordados no segundo capítulo deste trabalho. Ver, especialmente, a seção 2.2.2 *Paradigmas em Psicologia do Desenvolvimento e do Envelhecimento*.

A criação e manipulação dessas categorias de idade e a consequente definição de papéis sociais direcionais para cada grupo envolve, como ressalta Bourdieu³³ (1983 apud Debert 2007), uma verdadeira luta política, de definição de poderes. As idades são, então, uma criação arbitrária.

A idade cronológica é estabelecida independentemente da estrutura biológica e do grau de maturidade dos indivíduos, por exigências das leis que determinam direitos e deveres do cidadão e distribuem poder e privilégio. Devido ao seu caráter instrumental, as categorias de idade são construções culturais e sociais arbitrárias que atendem a interesses políticos de grupos sociais na luta pelo poder (RODRIGUES; SOARES, 2006, p. 4).

No entanto, as categorias de idade são constitutivas e funcionais para realidades sociais específicas; isso *não* quer dizer que são universais, apenas, apresentam-se naturalizadas pela socialização. Esse sistema de idades cronológicas está ausente na maioria das sociedades não-ocidentais (DEBERT, 2007). Para nós ocidentais é fundamental para a organização social: fixação da maioridade civil, início da vida escolar, entrada no mercado de trabalho, aposentadoria, etc. Não seria diferente para Brasil. No nosso país, para efeitos legais, o idoso é o indivíduo com idade igual ou superior a sessenta anos. É o critério adotado para o censo demográfico; para políticas sociais focalizadas, como por exemplo, a Política Nacional do Idoso (PNI); e para os mecanismos de regulação de direitos, como o Estatuto do Idoso (Lei 10.741/2003).

O outro evento que marca a “entrada para a velhice” na nossa sociedade é a aposentadoria. Como explanam Teixeira, Schulze e Camargo (1999) “a representação social do envelhecimento como *não-trabalho* reflete a crença de que a aposentadoria significa o começo do desengajamento social” (TEXEIRA;SCHULZE E CAMARGO,1999, p.18, grifo dos autores). Neste sentido, a aposentadoria é marcada pela representação coletivamente construída de que a velhice é sinônima de desengajamento social. O direito remunerado à inatividade, nas palavras de Peixoto (2007), passa então a ser “um sintoma social do envelhecimento” (PEIXOTO, 2007, p. 74). Esse “sintoma” revela a ênfase na ideologia do trabalho e a apologia à produtividade das sociedades industriais. Invés de ser encarada como um direito ao “descanso merecido”, a aposentadoria torna-se um ritual negativo de passagem para a velhice.

A idade cronológica, além de institucionalizar o curso de vida, também elabora o senso de alcance dos objetivos individuais, ou seja, o senso de realização das metas evolutivas

³³ A obra citada por Guita Grin Debert (2007) é BOURDIEU, P. A. A “juventude” é apenas uma palavra. In: **questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

almeçadas para cada idade (BATISTONI; NAMBA, 2010). Espera-se, do indivíduo da sociedade ocidental, que chega aos sessenta anos e aposenta-se, específicas práticas sociais. Essas práticas revelam os papéis designados para os sujeitos idosos.

Os papéis sociais são padrões de comportamento prescritos pelo grupo baseados em *normas etárias*, culturalmente determinadas e apreendidas pela socialização (ERBOLATO, 2006). Erbolato (2006) realiza interessante análise acerca das tarefas e papéis da velhice, comentando as principais relações sociais que permanecem as que se modificam, ultrapassando explanações cujo foco é o papel do idoso de transmissor de conhecimento. De acordo com a autora, ocorre a perda/desativação do papel produtor do indivíduo com a chegada da aposentadoria. Com o maior tempo disponível, o velho pode, ou não, desenvolver um novo papel oriundo de interações mais fortes com a comunidade. Os papéis parentais nunca se extinguem, mas podem sofrer modificações, por exemplo, a função de provedor de um pai pode ser passada, com a velhice, para seu filho. Novos papéis também são concebidos, como o de avô/avó, de sogro/sogra de novos (as) genros/noras. E, apesar da família ser o núcleo mais expressivo no cuidado e suporte psicológico, o relacionamento próximo com amigos e vizinhos demonstra importante desempenho para o domínio afetivo e o lazer. É relevante destacar que essa gama de papéis é permeada por adaptações subjetivas do indivíduo às novas condições de vida: redução da renda, viuvez, decréscimo de força física e de saúde.

O marco etário para a definição do início da velhice não alcança a complexidade do envelhecimento humano. Acaba rotulando universalmente indivíduos diversificados, com condições e expectativas de vida diferentes, homogeneizando esse processo (ERBOLATO, 2006; DUARTE, 1999). Assim, os esforços dos gerontólogos caminham para tentar definir categorias mais eficientes para englobar os aspectos variegados do envelhecimento, aproximando-se do senso subjetivo de idade dos sujeitos. A partir de Schoots e Birren (1990)³⁴, ficaram delimitadas três idades: a biológica, a psicológica e a idade social. A idade biológica é um indicador do tempo de vida restante para o indivíduo em um dado momento de sua vida. A psicológica é utilizada em dois sentidos: o primeiro refere-se à relação entre idade cronológica e a continuidade de capacidades como percepção, memória e aprendizagem; e, o segundo uso do conceito de idade psicológica faz alusão ao senso subjetivo de idade, ou seja, a avaliação individual acerca da presença ou ausência de marcadores biológicos, sociais e

³⁴ SCHROOTS, J. J. F., BIRREN, J. E. (1990). Concepts of time and aging in science. In J. E. Birren, K. W. Schaie (Orgs.). **Handbook of the Psychology of Aging** (pp. 45-66). New York: Academic Press. Essa foi a fonte utilizada por Anita Neri em **Palavras-chave em gerontologia** (2005) da editora Alínea, obra referência para as autoras Batistoni e Namba (2010).

psicológicos do envelhecimento em comparação com outras pessoas de sua idade. Já a idade social pode ser considerada como a avaliação que o sujeito realiza sobre seu grau de desempenho dos papéis e comportamentos sociais esperados para as pessoas de sua idade, em um momento demarcado da história de cada sociedade (BATISTONI; NAMBA, 2010).

O estudo da idade subjetiva ganha, então, cada vez mais importância na Gerontologia para a compreensão na senectude. Esse estudo analisa a avaliação individual dos modelos etários relativos à idade cronológica real com o senso de subjetividade de idade, o qual contempla o nível de funcionamento, o estilo de vida, atitudes perante a velhice, *status* de saúde física, dentre outras variáveis. Como consequência dessa análise, o indivíduo pode perceber-se como tendo uma idade diferente, em geral, menor do que sua idade real cronológica. Na sociologia, esse conceito de idade subjetiva da psicologia é entendido como *identidade etária*. Para a Gerontologia, os dois conceitos são utilizados como sinônimos, abrindo a possibilidade para essa ciência de compreender a adaptação individual ao processo de envelhecimento.

Conquanto a psicologia e a sociologia utilizem diferentes referenciais para interpretar o mesmo fenômeno, os referidos conceitos referem-se às experiências internas da pessoa a respeito da sua idade e de seu processo de envelhecimento, envolvendo o reconhecimento e comparação sociopsicológica da idade cronológica, de seu envolvimento em papéis, de suas condições físicas e de saúde e do senso de ajustamento às normas sociais (BATISTONI; NAMBA, 2010, p. 735).

A percepção subjetiva da idade também é influenciada pelo “relógio social”, pelas normas etárias socialmente compartilhadas, pelas representações sociais da velhice em uma determinada cultura, pelas implicações negativas do *ageísmo*³⁵. Essas representações sociais exprimem as reações e condutas dos grupos frente a um determinado objeto social, nesse estudo, a velhice. Quais os conceitos que familiarizam a coletividade com a questão do envelhecimento? Como a velhice está apresentada e representada no cotidiano? Essas questões podem ser analisadas a partir das *palavras*. Originárias do processo de *objetivação* e *ancoragem*, elas produzem sentido para os *sábios amadores*; através delas, os sujeitos sociais compreendem o mundo, internalizam significados, fazem e refazem suas condutas e pensamentos. Assim, é do cenário das representações sociais que saem os termos classificatórios responsáveis pela construção de identidades estigmatizadas (ROGRIGUES; SOARES, 2006). Analisaremos então os seguintes termos relacionados ao processo de envelhecimento: *velho* e *velhote*, *idoso* e *terceira idade*.

³⁵ “Preconceito, discriminação de indivíduos por critérios etários” (BATISTONI; NAMBA, 2010, p. 738).

3.4 Significados sociais de expressões classificatórias: velho, velhote, idoso e terceira idade.

As representações sociais do envelhecimento não apenas influenciam no autoconceito do indivíduo velho, como também, exercem efeito na percepção de pessoas mais jovens, mesmo que cronologicamente, acerca da vetustez. Os estereótipos e associações negativas ou positivas à velhice são comumente observados nas pesquisas gerontológicas³⁶ e estão presentes nos termos de tratamento que utilizamos para nomear as pessoas mais velhas.

Foi sobre essa temática que Peixoto (2007) realizou interessante investigação. Apresentando, comparativamente, o caso francês e o brasileiro, a autora faz um resgate histórico dos termos classificatórios da senilidade. Peixoto (2007) ressalta a intrínseca relação entre as representações sociais do envelhecimento e o sistema de produção característico das sociedades industriais. A velhice dos trabalhadores está vinculada à sua incapacidade de produzir, ou seja, seu sentido origina-se quando há a diminuição das forças de trabalho, único bem vendável do proletariado. Até o fim do século XIX, com o precário sistema de aposentadoria, a maioria das pesquisas francesas aponta para as difíceis condições de vida dos sexagenários labutadores. Destarte, na França, eram chamados com mais frequência de *vieux* (*velho*) as pessoas que não detinham um estatuto social; enquanto o tratamento de *personne âgée* (*idoso*) era direcionado para os indivíduos que o tinham. Já *vieillards* (*velhote*) podia ter tanto uma conotação negativa – assim como *vieux* – quanto positiva, referenciando os indivíduos considerados “bom pai”, “bom cidadão”.

No Brasil, assim como na França, o sentido negativo do vocábulo *velho* (*vieux*) também é observado, principalmente a partir dos anos de 1960. Isso se explica pelo fato de que até esta década, a utilização de *velho* não tinha um caráter especificamente pejorativo em terras brasileiras, estando presente, inclusive, em documentos oficiais. No entanto, com os ecos vindos da Europa – onde começam políticas de integração da velhice, cuja consequência é o aumento do prestígio dos aposentados – essa nomenclatura passa a ser revista. Assim, no fim da década de 60, inicia-se acentuado emprego da palavra, já existente no vocabulário português, *idoso* (*personne âgée*). É importante observarmos que *velho* e *velhote* podiam

³⁶ Teixeira, Schulze e Camargo (1999), por exemplo, produzem intrigante pesquisa com três grupos de pessoas, entre 52 anos e 92 anos, através de um software de análise quantitativa de dados textuais (Alceste), resultando em tabelas de frequência de repetição de palavras associadas à velhice. Outras pesquisas focalizam a representação da velhice para outros grupos etários, como o trabalho de Ewellyne Lopes (2006): **Representação social de velhos e velhice para crianças: contatos intergeracionais no projeto *jarinu* tem memória.**

ainda ser expressões de afeto ou de depreciação dependendo do contexto e da entonação de seus empregos.

As ações em favor da mudança de nomenclatura se multiplicam, as instituições governamentais adotam uma outra representação das pessoas envelhecidas; mas isso não significa a implantação de uma política social voltada especificamente para a velhice. Trocam-se apenas as etiquetas. Doravante, a categoria idoso invade todos os domínios e o termo “velho” passa a ser sinônimo de decadência, sendo banida dos textos oficiais (PEIXOTO, 2007, p. 78).

No Brasil, a concessão do direito à aposentadoria foi paulatinamente estruturando-se. Primeiramente, em 1890, o Ministério da Função Pública concedeu aposentadoria aos trabalhadores das estradas de ferro federais. Nos anos posteriores outros funcionários públicos, como os trabalhadores da Casa da Moeda e do Ministério das Finanças, adquiriram esse direito. Todavia, é somente nos anos 20, com a criação da Lei Elói Chaves, que são criadas caixas de aposentadorias e pensões (CAPs) nas empresas. Em 1933 foi cunhado o primeiro fundo de aposentadoria por categoria profissional, o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Marítimos (IAPM). Daí por diante surgiram diversos IAPs, unificados somente em 1960 com o estabelecimento da Lei Orgânica da Previdência Social, precursora da fundação, em 1966, do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS).

Junto com esse Instituto, o Ministério do trabalho inicia as primeiras políticas sociais para a velhice como a aposentadoria-velhice e a renda mensal vitalícia. Mas é apenas com a constituição de 1988 que a questão da senilidade passa a ser reconhecida e a aposentadoria começa a basear-se no salário mínimo. Com essas modificações na legislação brasileira, a imagem da aposentadoria e da vetustez ficam fortemente associadas, independentemente da idade do indivíduo. Como consequência, a união entre velhice e decadência atinge todos os domínios da sociedade brasileira (PEIXOTO, 2007).

Já na França, principalmente com a instituição de políticas sociais para a velhice, sobretudo entre 1945 e 1960, a imagem do velho passa a ser realmente modificada. A substituição do termo *velho*, assimilado a declínio e incapacidade para o trabalho, para *idoso* trouxe como consequência um *status* mais respeitoso para as pessoas envelhecidas; valorizadas ainda mais com a criação da categoria *aposentado*. Com a estruturação e ampliação da proteção social, os “novos idosos aposentados”, começam a reproduzir práticas sociais das camadas médias assalariadas. Eis que surge um novo vocábulo para representar os “jovens aposentados”: a *terceira idade*.

Sinônimo de envelhecimento ativo e independente, a terceira idade converte-se em uma nova etapa da vida, em que a ociosidade simboliza a prática de novas atividades sob o símbolo do dinamismo. A velhice muda de natureza: a “integração” e a “autogestão” constituem as palavras-chave desta nova definição (PEIXOTO, 2007, p. 76).

Em categórica reflexão, Peixoto (2007) alerta que a invenção da *terceira idade* – nova etapa da vida entre aposentadoria e velhice – é produto da universalização dos sistemas de aposentadorias e do conseqüente surgimento de diversos serviços e profissionais especializados para atender às demandas sociais, psicológicas e biológicas dos idosos. No Brasil, o uso dessa expressão corresponde à representação social francesa, aposentados dinâmicos prontos para consumir esse novo mercado. Com o nascimento da *terceira idade* podemos considerar, então, que houve um distanciamento entre a aposentadoria e a velhice. Aposentar-se hoje não necessariamente significa envelhecer, estar em “decadência”, visto que, estão abertas novas portas aos novos aposentados. Assim, em nosso país, “*idoso* simboliza sobretudo as pessoas mais velhas, ‘os velhos respeitados’, enquanto *terceira idade* designa os ‘jovens velhos’” (PEIXOTO, 2007, p. 81, grifos do autor).

A partir da análise das nomenclaturas apresentadas, uma questão surge para reflexão: será que as representações sociais da velhice mudaram? É certo que as transformações sociais ocasionadas pelo próprio desenvolvimento histórico das sociedades trouxeram novos significados para o conceito social da velhice. Logo, na nossa realidade capitalista contraditória, podemos considerar que existem duas formas de pensar o envelhecimento: a primeira julga os indivíduos velhos enquanto doentes, incapazes, frágeis, pobres, feios (DEBERT, 1997; RODRIGUES; SOARES, 2006); a segunda propõe uma nova possibilidade para esse processo, a etapa da terceira idade, tempo privilegiado para atividades livres dos constrangimentos do mundo profissional e familiar (DEBERT, 1997), especialmente pensada para os aposentados dinâmicos. Como salienta Debert (1997),

A invenção da terceira idade é compreendida como fruto do processo crescente de socialização da gestão da velhice: durante muito tempo considerada como própria da esfera privada e familiar, uma questão de previdência individual ou de associações filantrópicas, ela se transformou em uma questão pública (DEBERT, 1997, p. 39).

Quando a autora remete à transformação da velhice em questão pública direciona suas argumentações na estruturação da aposentadoria para os trabalhadores, crucial para o nascimento da denominada *terceira idade*. Em um movimento contrário a essa perspectiva de gestão pública, a “ideologia” da terceira idade impulsiona o que Debert (1997) chama de

reprivatização da velhice. Ou seja, o processo de envelhecimento torna-se uma responsabilidade individual reforçada pelos discursos positivos de alguns gerontólogos, da mídia e do público dos programas para a terceira idade. Esse discurso positivo dos *experts* pode ser encarado como consequência do sucesso dos programas da terceira idade, os quais estão empenhados em rever os estereótipos negativos da velhice. A mídia, por sua vez, reforça as novas imagens do envelhecimento, respondendo à sociedade ansiosa por tecnologias de rejuvenescimento e orientações para a adoção de estilos de vida saudáveis, já que, a velhice é uma questão pessoal.

[...] até a década de 30, nos comerciais publicitários de televisão, a presença do velho estava sempre ligada a produtos farmacêuticos ou de prevenção a doenças, a partir da década de 50 o idoso é retratado junto com a família, em anúncios de alimentação, cosméticos, mas sempre cumprindo papéis secundários, como na função de avós por exemplo, já na década de 90, o resultado das pesquisas, também realizadas nos EUA, reflete outra constatação, em especial na forma de representação dos idosos como pessoas ativas e emancipadas (BEZERRA, 2006, p. 2).

No trabalho de Pitanga (2006), intitulado *Velhice na cultura contemporânea*, conseguimos compreender as ideias existentes para basilar o mercado da terceira idade. A cultura narcisista, a exaltação do corpo, da juventude e da beleza, produtos da *sociedade do espetáculo*³⁷, impõem a supremacia da imagem, a qual media as relações sociais entre as pessoas, atribuindo-lhe significados. A mídia, televisiva e escrita, cria o cenário fantasioso construído por meio dessas imagens cujo objetivo é despertar encantamento e sedução para nos convencer, persuadir ao consumo tanto de produtos quanto de padrões comportamentais e ideais de subjetividade. Os meios de comunicação em massa são, então, o principal veículo de reprodução dessa sociedade de consumo, na qual, situa-se também o mercado para e da terceira idade.

Assim, na concepção de Debord, a sociedade de consumo é, por excelência, uma sociedade do espetáculo, na qual impera não somente a supremacia da imagem em detrimento de qualquer outro modo de comunicação, mas, também, a alienação do sujeito decorrente da submissão à mídia, pautada pelos imperativos da publicidade (PITANGA, 2006, p. 47)³⁸.

³⁷ Na sociedade do espetáculo há uma supervalorização do ter ao ser. Nela, consagra-se o reino das *aparências*, no qual a mercantilização marcante das sociedades capitalistas é o sustentáculo. Assim, o fluxo de mercadorias ocupa totalmente a vida dessa sociedade. A mercadoria não é apenas um produto palpável; é também a própria imagem, a qual se torna um bem consumível (PITANGA, 2006).

³⁸ A fonte utilizada por Pitanga (2006) é a seguinte: DEBORG, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

O sujeito frente à máquina capitalista tornou-se consumidor de ilusões, de representações. Os idosos, então, são “enganados” por uma imagem positiva, homogênea e perfeitamente alcançável de um envelhecimento bem-sucedido. São seduzidos pelas concepções ocidentais de saúde e beleza que os encorajam a adotarem estratégias de combate decadência; fato aplaudido pela burocracia estatal cuja intenção é a redução dos custos com a saúde, educando o público para evitar a negligência corporal (DEBERT, 1997).

Essa conduta de procura pelo retardamento do envelhecimento através de produtos e serviços específicos é compartilhada principalmente entre as mulheres. Com a presente glorificação da beleza e juventude do corpo de nossa sociedade narcísica, ser mulher e ser velha torna-se ainda mais complexo. O mercado de consumo e a ideia da terceira idade ficam, dessa maneira, mais atraentes. Hoje vivenciamos o que autores como Ana Amélia Camarano (2006) definem como *feminização da velhice*: existem no nosso país mais mulheres do que homens; em 2002, dos 14 milhões de idosos, 55% eram do sexo feminino (CAMARANO, 2006). Assim, revistas femininas da média e alta classe celebram, junto com a sociedade do consumo, o sucesso contemporâneo da terceira idade.

Como assinala Debert (1997), o sucesso de maneiras alternativas de envelhecimento bem-sucedido, veiculadas nos meios de comunicação em massa, não podem encobrir a realidade da velhice dramática, dependente e pobre, tornando-a consequência exclusiva do descuido pessoal, da falta de envolvimento em atividades motivadoras, da adoção de estilos de vida e formas de consumo inadequadas; como se as pessoas tivessem oportunidades iguais em suas trajetórias e escolhessem o caminho errado. Ao contrário, analisando criticamente a sociedade brasileira e compreendendo a velhice enquanto um processo presente durante toda a vida do indivíduo, perceberemos a relação intrínseca entre as condições de vida (saúde, trabalho, educação, moradia, alimentação) e uma velhice com qualidade de vida. Logo, essa qualidade de vida não pode ser compreendida apenas como acesso a bens de consumo. A qualidade de vida na velhice está relacionada com múltiplos aspectos e influências no processo de envelhecimento: ambiente, competência comportamental, qualidade de vida percebida e bem-estar subjetivo³⁹.

Destarte, refletir, discutir, problematizar a velhice no Brasil é um grande desafio; pois, não é *trocando as etiquetas* que conseguiremos alcançar melhorias materiais e subjetivas de vida para os indivíduos envelhecidos. Em uma sociedade na qual a desigualdade social é

³⁹ Essas são as quatro dimensões de qualidade de vida na velhice propostas por Lawton (1983): environment and other determinants of well-being in older people. **Gerontologist**, 1983, 4(23), p. 349-357. Para aprofundamento, ver: PASCHOAL, Sérgio Márcio. Qualidade de vida na velhice. In: E. V Freitas; (Org.). **Tratado e Geriatria e Gerontologia**. 2ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, v. 1, p. 147-153, 2006.

gritante e as experiências heterogêneas, tentar homogeneizar a experiência da *velhice* enquanto *terceira idade* é, no mínimo, incoerente. Precisamos entender a percepção das pessoas velhas acerca desse processo genuíno da natureza humana, já que, uma das certezas de um organismo vivo é a senilidade. Se a coletividade é quem constrói os comportamentos ideais para os velhos, como essa experiência individual está sendo vivida? Essa é uma questão, caro leitor, para o próximo capítulo.

4 REFLEXOS DO ESPELHO: A PESQUISA COM O GRUPO *BEM VIVER*

Vimos, no capítulo anterior, que a velhice não é apenas um fenômeno natural e individual da vida, mas é também uma categoria socialmente determinada. O principal objetivo desse trabalho foi investigar as percepções de idosas acerca do processo de envelhecimento, suas transformações, perdas, ganhos e relações com as representações sociais da velhice na nossa sociedade contemporânea. Para isso, realizamos uma pesquisa de campo com idosas frequentadoras do grupo *Bem Viver* existente no município de São Gonçalo dos Campos, interior baiano. O caminho percorrido para o alcance do nosso objetivo será detalhado na primeira seção desse capítulo; o qual apresentará também os resultados dessa investigação com as anciãs.

4.1 Um caminho percorrido: aspectos metodológicos da pesquisa

O título dessa seção nos leva, primeiramente, a elucidar o que para nós está sendo considerado enquanto *metodologia* ou *aspectos metodológicos*. Para isso, recorreremos a Minayo (1994): “entendemos por *metodologia* o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade” (MINAYO, 1994, p.16, grifo do autor). Ou seja, a metodologia não se reduz apenas aos métodos e técnicas utilizados para o alcance de determinados resultados; para além, abarca também concepções teóricas e o potencial criativo de cada investigador.

A pesquisa, incluindo a sua metodologia, traz em si o próprio objetivo da Ciência, é sua atividade básica para a construção e reconstrução da realidade social. De acordo com Gil (1987) podemos classificar as ciências em duas grandes categorias: *formais* e *empíricas*. Como exemplo das formais podemos citar a Matemática e a Lógica. Já entre as segundas, estão a Física, Química, Biologia e a Psicologia. As empíricas podem ser divididas em *sociais* (Antropologia, Sociologia, Ciência Política) e *naturais* (Astronomia, Física, Química). Embora a pesquisa seja considerada um exercício teórico, ela une pensamento e ação. Assim, as questões de investigação das ciências vinculam os problemas da vida prática com explicações teóricas, estando condicionadas aos interesses e circunstâncias do meio social no qual surgem (MINAYO, 1994).

Sendo o objeto de estudo das ciências sociais o próprio homem, suas interações, ele possui características específicas apresentadas por Minayo (1994): é *histórico*, isso significa que existe em determinadas formações sociais e tem suas peculiaridades; possui *consciência*

histórica, ou seja, tanto o pesquisador quanto o pesquisado conferem sentido e intencionalidade nas suas ações e construções; há uma *identidade entre sujeito e objeto*, os dois são seres humanos e apresentam substratos comuns; e, é *essencialmente qualitativo*, pois, a realidade da vida individual e também coletiva é dinâmica, rica em significados diversos. Um último aspecto relevante a ser mencionado em relação às ciências sociais é que ela é *intrínseca e extrinsecamente ideológica* assim, transmite interesses e visões de mundo (MINAYO, 1994).

É por essas características do seu objeto de estudo, que a cientificidade das ciências sociais é questionada no ambiente acadêmico. Essa discussão pode ser considerada uma consequência da tentativa de transferência do modelo positivista⁴⁰ das ciências naturais para as sociais (GOLDENBERG, 2004; GIL, 1987; MINAYO, 1994). No entanto, como aponta Gil (1987), com o apoio dos estudiosos da Filosofia da Ciência, o determinismo absoluto das ciências naturais e a questão da quantificação das ciências sociais estão sendo discutidos e a defesa do caráter científico das ciências sociais avança.

O modelo das ciências naturais mostra-se, então, insuficiente para captar a complexa realidade social. Destarte, são as ciências sociais que irão desenvolver instrumentos e teorias capazes de aproximarem-se dessa realidade; abordando suas expressões, estruturas, significados, através das pesquisas sociais⁴¹. Considerando que essas pesquisas vinculam a teoria com as questões da realidade prática, foi selecionado um objeto de estudo para esse trabalho: o envelhecimento humano. Este fenômeno, enquanto uma problemática social pode ser examinado não apenas como resultado das mudanças demográficas globais; mas também, sobretudo, como um efeito das consequências econômicas que afetaram o Estado e as empresas privadas com o advento dos sistemas de aposentadorias (PEIXOTO, 2007). Além disso, o estudo do envelhecimento como problema social perpassa pelas novas representações da velhice na sociedade capitalista; a terceira idade e suas necessidades de cuidados culturais e psicológicos para integração social dessa população (DEBERT, 2007).

Com relação ao tema de estudo, vale lembrar mais uma vez que a escolha de um assunto não surge espontaneamente, mas decorre de interesses e circunstâncias socialmente condicionadas. Essa escolha é fruto de determinada inserção do pesquisador na sociedade. O olhar sobre o objeto

⁴⁰ O positivismo foi desenvolvido pelo filósofo e sociólogo francês Augusto Comte. Segundo o modelo positivista, as pesquisas em ciências sociais deveriam ser realizadas como as das ciências físicas. Nesse sentido, a pesquisa deve ser uma “atividade objetiva e neutra, que busca descobrir regularidades ou leis, em que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa” (GOLDENBERG, 2004, p. 17).

⁴¹ “[...] processo que, utilizando a metodologia científica, permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social” (GIL, 1987, p.43).

está condicionado historicamente pela posição social do cientista e pelas correntes de pensamento existentes (GOLDENBERG, 2004, p. 78-79).

O presente trabalho objetivou investigar a relação entre as percepções individuais acerca das transformações decorrentes do processo de envelhecimento e as construções sociais da velhice na sociedade contemporânea. Pela natureza do problema, enfatizou-se a utilização da metodologia qualitativa de análise, pois,

Os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos (RICHARDSON, 2010, p.80).

Todavia, foi utilizada também a perspectiva quantitativa para a apreensão do fenômeno estudado por acreditarmos que não há oposição entre os dois aspectos, e sim, complementaridade. O método quantitativo caracteriza-se pela possibilidade de classificar e descobrir relações entre variáveis; ele é mais objetivo e sua intenção é garantir a precisão dos resultados. A união entre os dois métodos foi uma forma de enriquecimento da pesquisa e, corroborando com Minayo (1994), uma postura teórica desfavorável a outras correntes de pensamento para pesquisas sociais, como a positivista.

A integração da pesquisa quantitativa e qualitativa permite que o pesquisador faça um cruzamento de suas conclusões de modo a ter maior confiança que seus dados não são produto de um procedimento específico ou de alguma situação particular. Ele não se limita ao que pode ser coletado em uma entrevista: pode entrevistar repetidamente, pode aplicar questionários, pode investigar diferentes questões em diferentes ocasiões, pode utilizar fontes documentais e dados estatísticos (GOLDENBERG, 2004, p. 62).

Como etapa inicial do processo, realizamos uma *pesquisa exploratória*, a qual teve como finalidade o desenvolvimento e modificação de conceitos e ideias para a formulação de um problema de investigação mais preciso (GIL, 1987). Assim, foi feita um amplo levantamento bibliográfico sobre o tema, buscando identificar os principais autores que discutem o envelhecimento e suas perspectivas de análise na literatura gerontológica. Diversas fontes foram exploradas, como teses, dissertações, livros, revistas e artigos científicos, e monografias. Selecionamos o material adequado para alcançar o objetivo do trabalho e, após a leitura, foram produzidos fichamentos dos principais textos. Essa etapa foi de fundamental importância para a estruturação do projeto de pesquisa, apresentado à

disciplina de Projeto de Conclusão de Curso I ⁴² no segundo semestre de 2013; e, também, para a redação dos capítulos teóricos introdutórios dessa monografia.

Com a elaboração do projeto, definimos as formas de investigar nosso objeto, o envelhecimento. Optamos pelo *trabalho de campo*, pois, apresenta-se não apenas como uma possibilidade de aproximação com aquilo que desejamos estudar, mas propicia também a criação de novos conhecimentos a partir da realidade escolhida (NETO, 1994). Como recorte, foi selecionado, o grupo de idosos *Bem Viver*, universo de pesquisa, existente no município de São Gonçalo dos Campos/BA, campo⁴³ de estudo dessa investigação.

A região de São Gonçalo dos Campos era conhecida no século XVII como Campos da Cachoeira por pertencer à atual cidade da Cachoeira; na época, importante polo do recôncavo baiano pela sua intensa produção de açúcar e fumo. O Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013 aponta que o Índice de Desenvolvimento Humano do município é médio, 0,627, ocupando a 70ª posição no ranking estadual do índice. Esse é um dado satisfatório, pois, há dez anos, a cidade ocupava 80º lugar com o IDH de 0,473. De acordo com o censo realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, o município possui uma área territorial de 300,734 Km² com 33.283 habitantes. Entre esta população, 3.482 pessoas têm mais de 60 anos; ou seja, cerca de 10,4% dos são-gonçalenses são idosos. Desses, 1.442 são do sexo masculino, enquanto 2.040 são mulheres. O percentual de idosos residentes no município iguala-se ao do estado da Bahia⁴⁴ e muito se aproxima da realidade do Brasil, já que, 10,8% dos 190.755.795 brasileiros são anciãos.

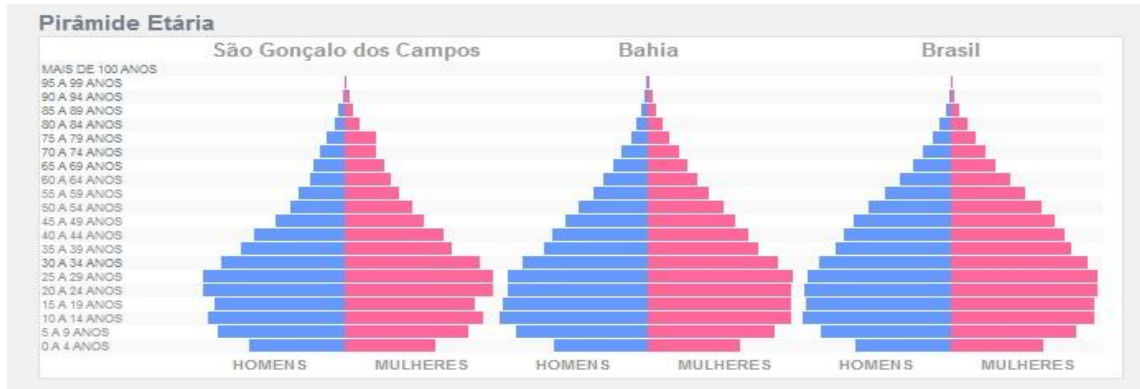
Em São Gonçalo dos Campos foram identificados três grupos que desenvolvem trabalhos com idosos: o *Renascença*, o *Bem Viver* e o grupo de atividades do *Centro de Referência de Assistência Social – CRAS*. Escolhemos para realizar a pesquisa o *Bem Viver*, pois, o mesmo desenvolve suas atividades duas vezes por semana, diferente dos outros que funcionam apenas com um encontro semanal. Dos 3.482 velhos são-gonçalenses, 150, em média, estão cadastrados no grupo *Bem Viver*, nosso universo de análise. Apenas um participante é do sexo masculino, confirmando os dados de pesquisas acerca dos chamados *programas para a terceira idade*, nos quais a presença de homens é muito baixa (DEBERT, 1997; BORINI, 2002; ARAÚJO, COUTINHO, CARVALHO, 2005). A questão da velhice

⁴² Disciplina obrigatória, de natureza teórica, presente no currículo do curso de bacharelado em Serviço Social da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, aprovado pela Câmara de Ensino de Graduação (CEG) em 30 de novembro de 2007. Está localizada no sétimo período do curso, identificada pelo código CAH457.

⁴³ Neste trabalho, *campo de pesquisa* é entendido como “o recorte que o pesquisador faz em termos de espaço, representando uma realidade empírica a ser estudada a partir das concepções teóricas que fundamentam o objeto da investigação” (Minayo, 1992 apud Deslandes, 1994, grifo do autor).

⁴⁴ A população residente na Bahia é de 14.016.906 pessoas; dessas, 1.450.009 possuem mais de 60 anos, aproximadamente, 10,4% dos habitantes totais do estado (IBGE, 2010).

enquanto uma experiência majoritariamente feminina no Brasil é uma realidade (CAMARANO, 2002; DEBERT, 1997; IBGE, 2002), assim, esse trabalho possui também um recorte de gênero, já que seu próprio universo é majoritariamente feminino.



Fonte: IBGE, 2010.

Considerando a perspectiva qualitativa/ quantitativa desse estudo, decidimos utilizar a *entrevista* como método de *coleta de dados*. Esta técnica permite uma interação social entre o pesquisador e o pesquisado através do contato pessoal para obtenção dos elementos interessantes à investigação. Ela possibilita uma análise em maior profundidade dos mais variados aspectos da vida social e não exige que o sujeito da pesquisa saiba ler ou escrever (GIL, 1987; GOLDENBERG, 2004).

A entrevista enquanto um procedimento pressupõe o uso de metodologias específicas posteriores para sua interpretação. Neste trabalho, o qual busca investigar as percepções individuais acerca do envelhecimento, utilizaremos a *análise de discurso* como um instrumento para as interpretações das entrevistas, pois, ela permite identificarmos as ideologias⁴⁵, as representações, presentes na linguagem proferida pelos sujeitos. Ou seja, os discursos possuem em si não apenas um sistema linguístico próprio, mas também significações, visões de mundo, expressões das determinações histórico-culturais, exprimem relações de poder e exploração institucionalizadas ou não, prescrevem normas, valores e condutas (MENDES E SILVA, 2005).

Será através dessa perspectiva que examinaremos os discursos das idosas colaboradoras, identificando-o em um contexto social específico permeado de *construções sociais sobre a velhice, terceira idade, o idoso e o velho* (DEBERT, 2007; PEIXOTO, 2007;

⁴⁵ O conceito de ideologia contemplado pela Análise de Discurso deriva do trabalho de Althusser sobre os *Aparelhos Ideológicos do Estado*. Este, porém, se apropria de tal conceito instituído por Marx e Engels. “As ideologias levam os homens e suas relações a ficarem de cabeça para baixo. É no momento que o sistema de ideias e das normas e regras aparece como algo independente das condições materiais, uma vez que seus produtores – os teóricos, os intelectuais – não estão diretamente vinculados à produção material das condições de existência, que nasce a ideologia” (MENDES E SILVA, 2005, p.19-20).

ERBOLATO, 2006). Buscaremos a compreensão da relação dessas entrevistas com o todo, do individual com o coletivo, das representações sociais com as percepções individuais a respeito da velhice e do envelhecimento a partir, então, de uma abordagem *dialética*.

Ela [a abordagem dialética] se propõe a abarcar o sistema de relações que constrói, o modo de conhecimento exterior ao indivíduo, mas também as representações sociais que traduzem o mundo dos significados. A dialética pensa a relação da quantidade como uma das qualidades dos fatos e fenômenos. Busca encontrar, na parte, a compreensão e a relação com o todo; e a interioridade e a exterioridade como constitutivas do fenômeno (MINAYO, 1994, p. 24-25).

Destarte, para o alcance dos objetivos da pesquisa, foram construídos três roteiros padronizados de entrevista com questões abertas e fechadas, anexados no final deste trabalho. O primeiro roteiro foi destinado para o secretário municipal de esporte, cultura e lazer, um dos fundadores do grupo *Bem Viver*. O segundo e o terceiro são bastante parecidos e foram direcionados às idosas participantes do grupo. Foi realizado um pré-teste desses instrumentos com duas anciãs do convívio da pesquisadora para verificar a inteligibilidade das perguntas. Todos os roteiros passaram pela aprovação da orientadora deste trabalho.

4.1.1 A Coleta de dados

Como sinaliza Neto (1994), a entrada no campo é uma etapa que requer alguns cuidados. Primeiramente, demanda uma aproximação com as pessoas da área selecionada para o estudo. Essa aproximação foi realizada no final do ano de 2013, quando tivemos a oportunidade de participar de duas aulas com o grupo, sem ainda explanarmos acerca do trabalho. No entanto, a relação amigável com um de seus fundadores – o secretário municipal de esporte, cultura e lazer – facilitou bastante essa interlocução com as idosas. Assim, o primeiro contato formal para a realização da pesquisa foi intermediado pelo secretário em março de 2014, no local onde são realizadas as atividades, conhecido como Centro de Abastecimento⁴⁶ da cidade. Na oportunidade, apresentamos a proposta de estudo, seus objetivos e métodos às idosas presentes, recebendo imediata manifestação de cooperação por parte delas.

Para a realização das entrevistas, nosso universo de análise foi recortado: dos 150 cadastrados, 120 idosos frequentam assiduamente as atividades do grupo⁴⁷. Nos quatro dias da

⁴⁶ O Centro de Abastecimento está localizado na zona urbana da cidade, no centro.

⁴⁷ Essa foi uma informação obtida através da entrevista com o secretário municipal de cultura, esporte e lazer.

coleta de dados, observamos a participação de, em média, 40 pessoas nas atividades físicas matinais propostas. É importante salientar que essas 40 pessoas não eram as mesmas nesses encontros. Assim, optamos por trabalhar com metade do nosso universo por acreditarmos que com a redução de sujeitos para a pesquisa, podemos apreender com maior profundidade os elementos propostos para investigação.

O roteiro II foi respondido pela amostra total de 20 idosas, selecionadas pela disponibilidade pessoal de colaborar com a pesquisa e pela presença no dia de coleta de dados. Ele é composto predominantemente por perguntas fechadas e objetivou identificar variáveis quantitativas importantes, inclusive para as análises qualitativas, como renda, escolaridade, estado civil. Essas variáveis contribuíram para um maior conhecimento acerca da realidade social do universo da pesquisa. Para o roteiro III, solicitamos, no primeiro contato, a participação das 5 idosas mais velhas presentes⁴⁸. Neste dia, foram anotados os nomes das anciãs para posterior entrevista; elas preferiram que o local da coleta de dados fosse o próprio Centro de Abastecimento, antes do início das atividades, enquanto os instrutores de educação física aferissem a pressão cardíaca dos outros participantes do grupo.

A escolha de apenas 5 sujeitos justifica-se em razão da extensão do roteiro de entrevista e do pouco tempo para a aplicação do mesmo antes do começo das aulas. No entanto, foram feitas 6 entrevistas com o roteiro III⁴⁹, já que uma idosa solicitou sua participação no trabalho. Todas as entrevistadas com esse roteiro possuem mais de 70 anos, seguindo o critério de pesquisa de *coortes* abordado por Neri (2001), segundo o qual pessoas nascidas em uma mesma época tendem a experienciar mesmos eventos históricos em suas vidas.

As entrevistas tiveram o áudio gravado com a anuência dos colaboradores, tanto das idosas quanto do secretário municipal de esporte, cultura e lazer. Destacamos que foram devidamente assinados os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido ao final dos encontros. Após a coleta, as gravações foram transcritas para facilitar a análise e interpretação dos elementos obtidos. Como a identidade das entrevistadas será preservada, ao final do processo do roteiro III, cada uma escolheu o nome de uma flor para ser referenciada neste trabalho, fazendo alusão ao apelido do município de São Gonçalo dos Campos, conhecido como *Cidade Jardim*. Já o secretário colaborador, em todo o texto, continuará sendo tratado por seu cargo político para a preservação de seu nome. Sua entrevista, realizada em sua

⁴⁸ Foram selecionadas as cinco mais velhas presentes no dia 13/03 para o roteiro III; assim, pela rotatividade do grupo, nos outros encontros, idosas mais velhas do que as selecionadas para o III responderam ao roteiro II.

⁴⁹ No total das 20 entrevistas: 14 apenas foram apenas com o roteiro II e 06 com os dois roteiros.

residência, foi a base da seção seguinte, a qual pretende apresentar a história do nosso universo, o grupo *Bem Viver*.

4.1.2 O grupo *Bem Viver*

O grupo de atividades físicas *Bem Viver* está completando, neste ano de 2014, 5 anos de existência. Nasceu da vontade pessoal do atual secretário municipal de esporte, cultura e lazer em trabalhar com o público envelhecido; do desejo dos idosos participantes do grupo de artesanato *Renascer* em realizar atividades físicas; e, da parceria com a primeira dama do município que tinha interesse em promover essa atividade para a terceira idade.

De acordo com o secretário, o grupo desenvolve várias ações⁵⁰, na parte de educação física: as segundas e quintas-feiras, de 07:00h às 8:00h ocorre a aula de aeróbica ao ar livre que também é voltada para a terceira idade; das 8:00h às 09:00h⁵¹ é realizada a aula específica para os idosos, com a aferição da pressão de todos os participantes antes dos exercícios; e, também acontece às quartas-feiras, das 08:00h às 09:00h, a hidroginástica na piscina da secretaria municipal de esporte, cultura e lazer. Na realidade, nem todas as 150 pessoas cadastradas são idosas. O secretário revela que o grupo foi idealizado para ser da terceira idade; no entanto, como a participação é livre, todos que estiverem aptos para a atividade física, através de atestado médico, podem participar.

Os frequentadores não pagam nenhuma mensalidade e contam com: um professor de educação física permanente para ministrar as aulas; com o secretário, também educador físico, assessorando o grupo, inclusive, indo a todos os encontros auxiliar na aferição da pressão arterial; nutricionista, fisioterapeuta e assistente social vinculados ao Núcleo de Apoio a Saúde da Família – NASF do município, o qual promove frequentemente eventos; além também do apoio das equipes dos postos de saúde. O custeio de todos esses profissionais é realizado pela prefeitura, sem nenhum tipo de auxílio externo.

O principal desafio apontado pelo entrevistado para a manutenção do *Bem Viver* é a falta de equipamentos materiais para o desenvolvimento das aulas.

Primeiramente a gente não dispõe de muito material para estar desenvolvendo as aulas. Então temos muita criatividade e força de vontade. E faça sol, faça chuva, o grupo da terceira idade está sempre presente. É

⁵⁰ Muitas pessoas do grupo de atividades físicas participam das atividades do grupo de idosos do CRAS e também do *Renascer*.

⁵¹ Esta pesquisa foi realizada com o grupo desse horário. Nos encontros, percebemos a participação de poucas pessoas com menos de 60 anos.

muito melhor trabalhar com o idoso do que com o jovem. Porque se tá fazendo muito calor o jovem não vai; se tá chovendo, o jovem não vai. E os idosos não. As aulas de aeróbica, mesmo, que é 7h a.m., mais cedo, às vezes tá aquele pé d'água, um frio, mas se você for lá no centro de abastecimento, todas as idosas estão lá fazendo; então, o desafio é ter criatividade pra desenvolver, já que a gente não tem muito recurso nem material pra tá desenvolvendo o trabalho (entrevista 01/14, SMECL).

Sua preocupação em cuidar dos idosos são-gonçalenses tem um motivo: “Eu acho que o idoso é excluído da nossa sociedade em muitas atividades, em relação a trabalho... a família muitas vezes deixa de lado, e eu sei que um dia eu vou me tornar idoso e eu quero ser acolhido” (entrevista 01/14, SMECL). É importante ressaltar essa frase do entrevistado, pois, demonstra que ele reflete acerca de sua futura velhice, apesar de ter 27 anos, e também sobre a condição de exclusão dos idosos da contemporaneidade, inclusive, dentro do próprio município de São Gonçalo dos Campos. Mas quem são essas idosas que frequentam o grupo? Iremos conhecê-las um pouco mais no próximo tópico.

4.1.3 Um reflexo: as idosas do *Bem Viver*

A partir da aplicação do roteiro II com as 20 idosas, pudemos apreender os seguintes dados das frequentadoras do grupo *Bem Viver*: 40% delas são viúvas e apenas 5 % solteiras; 40% declararam-se negras e 45% pardas, apenas 2 idosas consideram-se brancas. O maior índice de escolaridade foi de 1ª a 4ª série do ensino fundamenta I (antigo primário) observado em 45% das respostas. Contrariando pesquisas com os programas que realizam atividades para a velhice⁵² (DEBERT, 1997), o nosso universo de análise é bastante envelhecido: 70% das colaboradoras tem mais de 70 anos de idade. As mais velhas possuem 82 anos e a mais jovem, 55 anos. Salientamos que não baseamos o critério de seleção na grade de idade legal de 60 anos de idade cronológica, assim a participante mais jovem também foi considerada idosa, já que se disponibilizou em participar da pesquisa sabendo dos objetivos e de seu público.

Apenas 4 senhoras não tiveram filhos e então convivem com sobrinhos, netos e filha “de criação” e também namorado; entre as que são genitoras, 11 foi o número máximo de descendentes. Um dado interessante é que 4 idosas moram sozinhas; dessas, apenas uma não teve filhos. Todas residem em casa própria e recebem de ½ a 1 salário mínimo (45%), sendo a renda máxima de 3 a 5 salários (15%). O rendimento é proveniente de aposentadorias (67%) e

⁵² “Os dados sobre o perfil do público mobilizado indicam que ele é relativamente jovem do ponto de vista da idade cronológica. É rara a participação de indivíduos com 70 anos ou mais” (DEBERT, 1997, p. 54).

pensões (22%); apenas uma colaboradora, de 64anos, ainda trabalha (no seu açougue). Todas declararam contribuir com a renda familiar, sendo, em alguns casos (6) a única fonte de renda da casa. Muitas delas trabalharam na roça durante a juventude, plantando e colhendo mandioca. Também labutavam na lavoura e nos armazéns de fumo, principal atividade econômica de São Gonçalo dos Campos até à década de 1970 quando foi substituída gradualmente pela pecuária (LESSA, 2010). Outras ocupações como dona de casa, arrumadeira, técnica de enfermagem e auxiliar de bar também foram relatadas pelas anciãs.

Com a renda em torno de um salário mínimo, a maioria das entrevistadas não possui plano de saúde (90%). Os problemas de saúde mencionados por elas foram: artrose, artrite, osteoporose, reumatismo, pressão alta, dores na coluna, dores no corpo, diabetes, colesterol alto, entre outros. Apesar da existência dessas patologias, apenas 5 idosas não participam de outras atividades além das propostas pelo *Bem Viver*; as demais frequentam o Renascer, o grupo do CRAS, a hidroginástica, e também o pilates de uma clínica particular da cidade.

Pudemos entender um pouco do perfil das participantes do grupo *Bem Viver*, conhecer algumas variáveis importantes para sabermos “o lugar” de onde essas idosas falam. Não são mulheres que tiveram acesso satisfatório à educação; muitas passaram por árduas condições de trabalho nas roças do município e hoje, com uma renda baixa, dependem do sistema de saúde público, o qual pode não estar preparado para atender a essa população, bom tema para futuras investigações. O que essas mulheres são-gonçalenses pensam sobre a velhice, como suas percepções individuais – apreendidas através de seus discursos – estão impregnadas de representações sociais do envelhecimento, apresentaremos a seguir.

4.2 “Espelho, espelho meu”: a percepção de idosas acerca do processo de envelhecimento

Este trabalho buscou investigar as percepções individuais de idosas participantes do grupo *Bem Viver* acerca do processo de envelhecimento; o qual não é único para todos, pois, os indivíduos vivenciam diferentes experiências que influenciam nas subjetividades, em suas histórias de vida. No entanto, a velhice, ápice desse processo, também se caracteriza por uma experiência coletiva, já que, as representações sociais sobre ela influem nos comportamentos particulares desta “fase” da vida humana. Através das entrevistas realizadas com as idosas pudemos entender o que para elas é a velhice, apreendendo as contradições e ideias implícitas em seus discursos; observemos a seguinte tabela:

Tabela I – opiniões transcritas de todas as idosas entrevistadas sobre o que é a velhice.

O que é a velhice para a senhora?		
Cód.		Idade
01	Uma felicidade, nunca sofri muito, então é só felicidade!	79
02	Vida vivida, lembrando as coisas boas!	77
03	É bom, é só aceitar e agradecer a Deus!	74
04	É privilégio de Deus!	63
05	É uma coisa boa, não tenho problema de saúde. A gente nasce, cresce e tem que envelhecer. Não sou velha, sou idosa!	75
06	É uma coisa que não deixa a gente fazer o que quer, mas não é ruim enquanto tá em pé!	77
07	Eu gosto, eu danço, eu sambo, pra mim não é ruim!	82
08	Chateação imensa, não pode isso, aquilo, e tem dor!	76
09	Nada, se eu pudesse não ficava velha!	82
10	Não pode fazer as coisas que já pôde e hoje não pode mais. Não sinto dores em nada, no dia que sentir dor é pra morrer!	64
11	Coisa boa. Feliz de quem envelhece, é isso que digo aos meus netos. Hoje quem morre mais são os jovens de droga	62
12	Muitos problemas de saúde e falta dinheiro pra fazer mais atividade e um plano de saúde	69
13	Tem que envelhecer, não me queixo!	69
14	Eu não me sinto velha, a velhice está na cabeça de cada um...quem envelhece é o tempo	55
15	Ah, eu não tenho o que dizer não. Eu agradeço a Deus, porque meus filhos cuida bem de mim, em casa.	75
16	É quando a gente não pode mais fazer nada!	82
17	A velhice é uma coisa deixada por Deus, mas não é boa coisa não... principalmente quando você vive com pessoas que não lhe respeitam, é muito difícil né...que não é o meu caso né!	74
18	É uma experiência de vida...	75
19	Bem né, graças a Deus, tem os filhos pra cuidar! me sinto bem!	72
20	Quando a pessoa chega aquela idade, 70, 80, 90 anos...	77

Diante das opiniões expressas pelas colaboradoras, podemos classificar o que é a velhice para elas: uma dádiva, um privilégio de Deus que deve ser aceito; “coisa” boa repleta de felicidade; uma “coisa” ruim, uma vez que, não se pode fazer nada, inclusive, em função de problemas físicos, como dores; situação difícil em razão de problemas de saúde; experiência e lembranças de momentos bons da vida; chegada, cronologicamente, a uma determinada idade; e, a velhice também é considerada como “nada”.

A perspectiva do desenvolvimento humano em estágios, baseada no *modelo de mudança ordenada* oriundo das formulações de Charles Darwin, está presente nessas percepções: o indivíduo nasce, cresce, envelhece e morre. Essa ideia presente na Psicologia do desenvolvimento desde o início do século XX continua expressiva em nossa sociedade,

reforçando o imaginário negativo em relação à velhice como uma etapa predeterminada à decadência.

É porque nós nasce, cresce, e depois vai decaindo, nunca, não é pra ficar para sempre, é pra sempre ir...passar no mundo e ficando velha...ficando de idade...(Margarida, 82 anos)

A pessoa nasce, cresce, cria e depois vai chegando pra idade não é.. (Esporinha, 72 anos)

A referência cronológica para a caracterização da velhice também é observada (70, 80, 90 anos...), estando implícita a noção da idade como uma categoria social para determinação do *status* biológico/social do indivíduo. É o que Debert (2007) intitula de *cronologização da vida*, a padronização desses estágios e a resultante formação de condutas específicas aceitas socialmente para cada período e, claro, direcionada para determinados indivíduos (BATISTONI; NAMBA, 2010).

Nesses relatos, percebemos uma dimensão biológica e também social do envelhecimento quando as entrevistadas expõem sobre a questão da influência das dores em “não poder fazer nada”. É importante evidenciarmos a velhice enquanto um processo; logo, as queixas de dores das idosas podem ser consequências das condições de toda uma vida, como, por exemplo, a falta de acesso aos serviços de saúde, o trabalho árduo nas plantações de fumo e mandioca, e também a exposição a fatores gerais de risco à saúde (PINHEIRO; FREITAS, 2004).

A aplicação do roteiro de entrevista III, mais longo e abrangente, possibilitou visualizarmos as contradições existentes nos discursos das colaboradoras sobre o que é ser *idosa, velha*, estar na *terceira idade* ou na *velhice*. A partir de Peixoto (2007) analisamos, no segundo capítulo desse trabalho, as transformações das representações sociais da velhice na sociedade; como ela mudou de sinônimo irremediável de decadência, dependência e desengajamento social para uma fase de novas perspectivas, com um mercado de consumo específico de bens e serviços para uma *terceira idade* formada de “velhos jovens” ávidos para viverem novas experiências. É a partir desse ideal de envelhecimento que surgem, principalmente na década de 1990, os *programas para a terceira idade* (DEBERT, 1997; BORINI, 2002) como as Universidades abertas, os projetos de convivência para idosos e também iniciativas de promoção ao bem-estar físico, como o grupo Bem Viver.

Essa ideologia acerca da velhice está imbricada no discurso das seis entrevistadas. Dentre elas, apenas duas, Angélica e Esporinha, aceitam serem chamadas de idosas *ou* de velhas. Contraditoriamente, mesmo considerando que estão na velhice por uma questão

cronológica, Palma (75 anos) e Rosa (74 anos) preferem que as chame de idosa. E a única que considera velhice e terceira idade “a mesma coisa” é a mais velha das entrevistadas, Margarida (82 anos).

Como a senhora prefere ser chamada: idosa ou velha? Por quê?
Minha filha, pra mim tanto faz, idosa como velha, pra mim, é a mesma utilidade.

A senhora acha que está na velhice ou na terceira idade? Por quê?
Na terceira idade, meu amor, eu acho, assim, que a terceira idade tem avanço pras coisa, pra aprender, se distrair... A velhice, muitas pessoas não aceita, mas eu aceito a velhice. Quando a pessoa chega aquela idade, 70, 80, 90 anos já uma pessoa velha... (Angélica, 77 anos)

Idosa. Sei lá...não sei...é melhor pra gente ser chamada!
Terceira idade...por que eu ainda não estou assim decrepita! Eu saio, vou na feira sozinha, resolvo meus problema sozinha! (Hortência, 75 anos)

Idosa. Por que eu não me acho que eu sou velha...eu que cuido de mim, eu lavo, eu passo, eu mesmo resolvo qualquer problema que apareça, aí eu não sou velha, eu não tenho dependência nenhuma!
Na velhice, porque 74 é velhice... (Rosa, 74 anos)

A preferência da maioria das entrevistadas pelo uso de *idosa* encontra justificativa no tom respeitoso dedicado a este vocábulo a partir do final da década de 1960 em nosso país (PEIXOTO, 2007). Em oposição, o julgamento negativo em torno da palavra *velha* e sua associação com *velhice* é bastante forte. *Velha* e também *velhice*, para as entrevistadas, corresponde principalmente à dependência ou incapacidade física, como nas falas acima de Rosa e Hortência.

A ideia das idosas acerca da *terceira idade* satisfaz ao objetivo da criação desse termo, especialmente nas palavras de Angélica. Relaciona-se com o envelhecimento ativo e independente, com os “velhos jovens” capazes de aprender, mesmo com a idade avançada (RODRIGUES; SOARES, 2006). A terceira idade também é entendida como uma fase anterior da velhice dramática tradicional, identificada por alguns autores da gerontologia como a *quarta idade* (PEIXOTO, 2007; RODRIGUES; SOARES, 2006).

Idosa. A gente fica idosa pra depois ficar mais velha
 O que significa envelhecer para a senhora?
Pra mim, a gente nasce, cresce, vai crescendo, chega à terceira idade, daí acima a gente vai envelhecendo (Palma, 75 anos).

Em relação às mudanças sentidas com o passar dos anos, as entrevistadas não mencionaram nenhuma de personalidade, a maioria das transformações relatadas é de caráter físico: cabelos brancos, rosto envelhecido, dentes perdidos. Na nossa cultura narcisista, da “sociedade do espetáculo”, marcada pelo culto à aparência física e jovialidade (PITANGA,

2006), ser mulher e envelhecer é ainda mais complicado (BATISTONI; NAMBA, 2010). A beleza da juventude é lembrada por Rosa:

Quando a senhora olha para si mesma acredita que mudou quando ficou mais velha?

Bastante, eu era muito lindinha...muito lindinha...bastante! depois dos 65 anos, aí eu senti que já estava envelhecendo...por que até 65...apesar de que eu sou uma pessoa sadia né, mas depois dos 70, vai pesando muito sabe... por mais saúde que a gente tenha, pesa, pesa sim! (Rosa, 74 anos).

Outra mudança diz respeito ao novo *status* social adquirido com a idade, o que, segundo Hortência, gera preconceitos.

Muda sim, muda! Porque o pessoal, vc chega num lugar e diz ah! Vc é velha! É um preconceito do povo né! Com o passar do tempo aí a gente ve que o corpo vai envelhecendo, pra levantar já é um trabalho, e aí começam a aparecer as dores, é a idade do “comdor”! mas eu, eu vou superando...eu não me entrego não! (Hortência, 75 anos)

No entanto, quando questionada se já tinha sido vítima de preconceito por ser idosa, a entrevistada disse que *não*. Esta contradição tem possibilidade de ser fruto das limitações da técnica de entrevista, pois, o preconceito com a velhice pode ser um tema delicado para algumas pessoas falarem, ocultando essa informação no processo da pesquisa. Da mesma maneira, nenhuma colaboradora relatou algum tipo de problema familiar, outro assunto complexo e íntimo para discorrer em pouco tempo de diálogo e, sobretudo, pelo campo de estudo ser uma cidade interiorana relativamente pequena.

Será que elas pensam estar na “melhor idade”? Bem, esse termo também utilizado no cotidiano como eufemismo para a velhice convence apenas metade das entrevistadas. Ou seja, três idosas concordam que estão na melhor idade. Já Rosa acha que “depois dos 70 não é melhor pra ninguém” e Hortência argumenta que “ser nova é melhor, porque a gente nova pode fazer tudo, não tem dor, ninguém censura!”.

Tá...porque agora não to trabalhando mais...naquele tempo tinha filho, tinha que correr, arrumar filho pra ir pra colégio, trabalhar, e agora não...eles saem pra trabalhar, eu faço a comida deles, quando eu posso, quando eu não posso eles mesmo faz, deixa pronto...se eu tiver qualquer coisa eles tem cuidado, me leva logo pra médico, tudo...é bom! (Esporinha, 72 anos)

O envelhecimento é comumente associado a perdas (PITANGA, 2006; DEBERT, 1997; ARAÚJO; CARVALHO, 2005). Para elas, as perdas do envelhecer relacionam-se ao maior grau de dependência e à diminuição da disposição para as atividades diárias. Já entre os

ganhos, estão alguns direitos sociais estabelecidos no Estatuto do Idoso, experiência de vida, carinho e cuidado da família e de terceiros. Outro benefício é a possibilidade de descanso na velhice com a aposentadoria; essa relação positiva é observada em duas entrevistas, na de Margarida e na de Palma, duas trabalhadoras da roça. Isso desmistifica uma crença comum na literatura gerontológica, a qual considera que a aposentadoria leva a uma situação traumática que envolve a perda da auto identidade e do equilíbrio psicológico (DEBERT, 1997; ERBOLATO, 2006).

O que aconteceu de bom é porque...a pessoa respeita a pessoa, muitas pessoa chama de vó, de tia, em qualquer lugar que a gente chega: essa aqui é da terceira idade, não vai pegar fila, tem uma fila separada, pra mim tudo é uma vantagem! (Angélica, 77 anos)

Tem seu pão de cada dia sem trabalhar...no, no...na roça...nem fazendo isso, fazendo aquilo, então a gente em casa, é melhor, já sabe que tem seu pão de cada dia...(Margarida, 82 anos)

Minha aposentadoria, porque antes eu corria muito....eu fiquei tão satisfeita, tão alegre com isso...saía da roça pra trabalhar, tomava chuva, sol e trabalhando. Morava na casa dos outros, fui despejada, já passei por muita coisa, mas graças à Deus hoje estou bem. (Palma, 75 anos).

A viuvez feminina, uma influência não normativa no desenvolvimento da vida das mulheres (NERI, 2006b), é apontada como sinônimo de tragédia ou libertação e está presente na realidade das idosas brasileiras (CAMARANO, 2006; HAMILTON, 2002) e também na nossa amostra, uma vez que, metade das entrevistadas com o roteiro III são viúvas. Rosa lastima a perda do marido e gostaria de voltar a ter 40 anos ao tempo para reviver os momentos com ele. Ela é uma das colaboradoras que vive sozinha e é pensionista enquadrando-se no perfil das pesquisas demográficas apresentadas por Camarano (2006)⁵³. No entanto, não foi possível identificar se a viuvez para ela pode se traduzir também em uma experiência positiva de redefinição de papéis sociais (ERBOLATO, 2006).

Se pudesse voltar no tempo, qual a idade que a senhora gostaria de ter? Por quê?

40 anos... Porque 40 anos eu era uma adolescente! Meus filhos já tavam tudo criados, todo mundo casado, tinha eu e meu marido, meu marido também era jovem, a gente viajava, passeava muito, namorava bastante... meu marido morreu jovem com 53 anos! (Rosa, 74 anos)

⁵³ De acordo com Camarano (2006), a proporção de idosos vivendo sozinhos é mais elevada entre as mulheres em função de viuvez ou separação; e, 94% das viúvas brasileiras recebem algum tipo de benefício da Seguridade Social.

Neste trabalho, corroborando com Pitanga (2006), entendemos o envelhecimento como um processo que ocorre por toda a vida. A velhice é, então, uma consequência de variados fatores que se sucedem nas histórias individuais. Contudo, poucas pessoas compreendem este fenômeno natural desta maneira, concebendo-o apenas como uma etapa independente sem relações profundas com o restante das trajetórias. Para apreender se as idosas pensavam a respeito da velhice quando jovens, formulamos a seguinte questão: quando a senhora tinha 15 anos, imaginava como seria sua vida depois dos 60 anos? Nenhuma delas pensava na “longínqua velhice”, ao contrário, preocupavam-se com a juventude.

Eu não imaginava...imaginava a mocidade que era boa... (Margarida, 82 anos)

Eu não, que eu não queria viver até sessenta...repare eu disse assim: Deus vai me abençoar, eu tive filho cedo, meus filhos cresceram, casaram, eu, 50 anos tava bom pra mim, porque 50 anos, eu estava jovem...até 60, 65 anos eu estava jovem, de aparência, de tudo...como é a lei da vida né...(Rosa, 74 anos)

De acordo com Batistoni e Namba (2010), o estudo do conceito de *idade subjetiva* no campo da gerontologia proporciona a possibilidade de compreendermos a adaptação individual ao processo de envelhecimento; o quanto a idade cronológica é dissonante das percepções subjetivas, por conta de medidores pessoais – como *status* de saúde física – e sociais, a relação com os estereótipos negativos sobre o envelhecimento. É importante destacarmos que essa autoclassificação etária depende também de variáveis como gênero, educação, renda e envolvimento social. Adotando a perspectiva *life-span*, a qual considera que o desenvolvimento é possível em toda extensão da vida, pesquisadores acreditam que a discrepância entre a idade real e a subjetiva é um fenômeno presente em todo o ciclo vital; no entanto, “há evidências de que indivíduos mais jovens se descrevem com idades subjetivas acima de sua idade real e indivíduos mais velhos se descrevem como de idade inferior à sua idade real” (BATISTONI; NAMBA, 2010, p. 735).

A partir das argumentações das autoras sobre como os estudiosos apreendem essa idade subjetiva de seus colaboradores, pedimos aos nossos sujeitos que esquecessem quantos anos cronológicos possuem e revelassem a idade que sentem ter. As quatro idosas que entenderam satisfatoriamente a pergunta⁵⁴, autodescreveram-se mais novas.

Uns 60, por aí...eu faço muita coisa ainda, eu lavo roupa, eu cozinho, muita coisa eu faço. Só não faço mais por problema de saúde, aí tem coisa que eu não aguento mais fazer, mas eu não fico parada não (Palma, 75 anos).

⁵⁴ Como bem aponta Gil (1987), uma das limitações da entrevista é a possibilidade do entrevistado não compreender adequadamente à questão, comprometendo o processo de coleta de dados.

60, 58 por aí...porque eu tenho muita vitalidade, eu lavo, eu passo, eu cozinho, eu subo, eu desço, eu faço qualquer coisa...se eu precisar de vim na rua 10 vezes, eu venho...to bem! (Rosa, 74 anos)

Eu me sinto com 30 anos...eu vou lhe dizer uma coisa: eu não me troco pelas meninas novas de hoje! (Hortência, 75 anos)

50...eu com 72 me sinto jovem, eu trabalho, gosto de passear, não tenho preguiça... só se tiver doente né... (Esporinha, 72 anos)

Destarte, negando os estereótipos da velhice, as falas das idosas direcionam-se à vitalidade e a capacidade de resolução dos problemas cotidianos, no sentido da independência funcional e física dessas mulheres. A maioria das idades subjetivas, reveladas pelas entrevistadas, condizem com o percentual indicado pelos estudos gerontológicos sobre o tema: “em geral, indivíduos idosos se percebem 20% mais jovens do que realmente o são” (BATISTONI; NAMBA, 2010, p. 735).

Como aponta Erbolato (2006), na velhice “o indivíduo aceita sua vida e forma um conceito a respeito da morte, numa consolidação que lhe permite não a temer” (ERBOLATO, 2006, p. 1.325). A resignação em relação à morte é observada nos discursos das idosas: “*Se eu pensar ou não eu tenho de ir um dia... quem não foi de criança, de idosa não vai escapar...*” (Angélica, 77 anos); “*É a única coisa que a gente tem certeza...*” (Esporinha, 72 anos). Nenhuma associou a morte com “medo”, pergunta anterior do roteiro. Na realidade, o maior medo das entrevistadas é “ficar em cima de uma cama”; e também a falta de segurança para sair de casa.

A senhora pensa sobre a morte?

Penso! eu penso assim: se eu pudesse, não morria né! Mas a gente tem que morrer mesmo...assim, mas eu tenho pavor de ficar em cima de uma cama! Porque uma pessoa que fica muitos anos em cima de uma cama, não vive, vegeta! É uma viva morta e dá muito trabalho! (Hortência, 75 anos)

Com relação aos sonhos, também aparece o desejo de não adoecer e ficar dependente. No entanto, eles são mais fortemente associados ao bem-estar de filhos e netos. Os sonhos de longo prazo são descartados por acreditarem que “estão velhas demais”. Essa desistência pode ser encarada como uma estratégia adaptativa frente à escassez de recursos para realização de metas e objetivos, em razão do sentimento individual de estarem mais próximas da finitude existencial⁵⁵.

⁵⁵ Sobre essa dimensão psicológica/adaptativa do processo de envelhecimento ver a segunda seção do segundo capítulo desse trabalho, intitulada 2.2 *Teorias Psicológicas*.

Se eu tivesse mais nova, eu queria enfrentar um vestibular, mas agora minha idade não permite... (Angélica, 77 anos)

Não...a única coisa que eu peço a Deus é que ele não me deixe apodrecer em cima de uma cama...tudo que eu precisava da vida, eu já tenho, meus filho tão tudo encaminhado, tem onde morar, tem o carro deles pra andar...só isso que eu peço a Deus, que ele não me deixe apodrecendo em cima de uma cama! A doença que vier que eu não fique numa cama, tá bom! (Rosa, 74 anos)

A participação das idosas no grupo *Bem Viver* está diretamente relacionada à busca por melhorias na saúde, como uma tática de prevenção à patologias. É uma expressão das contemporâneas formas de autogestão do envelhecimento (PEIXOTO, 2007), de privatização desse fenômeno, uma busca de identidade com uma velhice ativa e independente, com a chamada *terceira idade*. Debert (1997) sinaliza que “apesar da diversidade, a tônica geral dos programas [de terceira idade] é a tentativa de rever estereótipos e preconceitos por meio dos quais se supõe que a velhice seja tratada na nossa sociedade” (DEBERT, 1997, p.54). Além do mais, são estratégias de preenchimento do tempo livre dos aposentados com atividades voltadas para o lazer e a sociabilidade, importantes para muitas participantes por propiciarem novos processos de aprendizagem. Das idosas entrevistadas, apenas Hortência não frequenta de outros grupos de idosas.

A senhora aprendeu alguma coisa nova nos últimos anos? Isso foi importante?

No curso, de fita, vagonete, ponto de cruz... tem que aprender alguma coisa com as colegas...Demais...no dia que eu não vou não fico muito satisfeita... (Angélica, 77 anos)

Porque a senhora frequenta o grupo Bem viver?

Isso! Pra não ficar lá entevada na cama! Porque se a gente não se mexe, a gente acaba envelhecendo de verdade! Porque eu não me acho que eu sou velha, eu sou idosa, eu sou idosa! eu me assumo como idosa, mas velha eu não sou não! eu não tenho dependência nenhuma... (Rosa, 74 anos).

5 CONSIDERAÇÕES

O envelhecimento é um processo natural. Não obstante, esse fenômeno é constituído não apenas de uma dimensão biológico-fisiológica, mas é também permeado por variáveis psicológicas e sociais. Apesar de ser universal, a percepção, ou seja, o sentido que o envelhecimento possui para os indivíduos, é desigual para cada um; pois, o objeto percebido depende de nossas visões de mundo, dos valores do meio social no qual estamos inseridos e das relações estabelecidas (CHAUÍ, 2000).

As representações da velhice na sociedade modificaram-se com o passar dos séculos. Sendo coletivamente construídas, essas representações transformaram o *status* atribuído às pessoas com mais idade cronológica. Como uma categoria social, a velhice deixou de ser sinônimo de decadência, pobreza e incapacidade, para representar uma fase da vida repleta de possibilidades e oportunidades para “quem sabe” aproveitá-las: a terceira idade. Essa nova imagem do envelhecer, fruto, sobretudo, da universalização dos sistemas de aposentadorias, foi difundida em diversos países, principalmente a partir da década de 1960, e estruturou um novo mercado de consumo para a população velha, ou melhor, idosa (PEIXOTO, 2007; RODRIGUES; SOARES, 2006; BEZERRA, 2006). Hoje o envelhecimento e a velhice são objetos científicos da Gerontologia e foco de diversas ações governamentais ou privadas para promoção de melhores condições de vida para os idosos. São os chamados programas para a terceira idade, utilizados para “demonstrar que a experiência de envelhecimento pode ser vivida de maneira inovadora e gratificante” (DEBERT, 1997, p. 53).

A relação da percepção do mundo exterior transforma o sujeito e também o objeto. Assim, este trabalho buscou conhecer as percepções de idosas acerca do processo de envelhecimento; ou seja, qual o sentido desse envelhecimento na vida dessas mulheres? Com a pesquisa de campo, através da realização e análise de entrevistas, identificamos que a velhice não é encarada como consequência de múltiplos fatores (biológicos, psicológicos e sociais) existentes durante toda a vida. As entrevistas indicaram que as idosas a concebem como uma etapa do ciclo vital, na qual as dores aparecem e não se pode fazer mais nada. Envelhecer significa passar por estágios pré-determinados e cronologicamente situados: “É um processo da vida né... a gente nasce, você é bebê, criança, é adolescente... aí a velhice vai chegando depois dos 50 e quem não morre antes, fica velho... é uma dádiva!” (Rosa, 74 anos).

A velhice é, ao mesmo tempo, um “privilegio de Deus”, “deixada por Deus”, “uma dádiva” e uma “coisa” ruim. O sentido nocivo dado a ela gira em função de problemas de saúde, principalmente as dores. No entanto, não houve nas falas das colaboradoras uma

reflexão sobre a velhice ser um resultado de experiências passadas, por exemplo, de não acesso a serviços de saúde e a condições dignas de trabalho.

Para entendermos as percepções individuais recorreremos às representações sociais da velhice e do envelhecimento, e concluímos: o velho ou a velhice pertencem ao outro. As entrevistadas não se percebem enquanto velhas, já que, ser velha, segundo elas, é ser dependente ou acamada; assim, são *idosas*. Contraditoriamente, mesmo identificando-se enquanto idosas, admitem estar na velhice meramente por uma questão cronológica. A perspectiva contemporânea de cunho capitalista acerca do envelhecimento é mais presente; dessa maneira, a terceira idade apresenta-se nos discursos das entrevistadas mais frequentemente, relacionando-se com independência funcional e aversão ao que, nas opiniões delas, é ser velha.

Talvez, por estarem inseridas em um programa de terceira idade, a negação das características tradicionais associadas à velhice é fortemente observada nos discursos dessas mulheres. Porém, apesar da troca de etiquetas, considerar-se idosa e na terceira idade não aniquila suas reais condições de vida: escolaridade e renda baixas, problemas de saúde e poucas opções de atividades específicas para sua faixa etária. Atingir maior idade cronológica na sociedade brasileira ainda é um grande desafio!

REFERÊNCIAS

AGUDO, Viviana Raquel Cascalheira. **A transição para a idade adulta e os seus marcos: que efeito na sintomatologia depressiva?**. Dissertação (Mestrado integrado em Psicologia). Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica, Universidade de Lisboa, Portugal, 2008.

ALEXANDRE, Marcos. Representações sociais: uma genealogia do conceito. **Comum**. Rio de Janeiro, nº 23, v.10, p. 122 a 138 – jul. / dez., 2004.

ALMEIDA, Sionara Tamanini de. **Envelhecimento do atleta: a dinâmica entre perdas e ganhos e suas aprendizagens na prática do esporte**. 2008. 249f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2008.

ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes de; CARVALHO; Virgínia Ângela M. de Lucena e. Aspectos Sócio-Históricos e Psicológicos da Velhice. **Mneme: Revista de humanidades**, v.6, n. 13, dez.2004/jan.2005.

_____; COUTINHO, Maria da Penha; CARVALHO, Virgínia Ângela M. de Lucena e. Representações Sociais da Velhice entre Idosos que Participam de Grupos de Convivência. **Psicologia: ciência e profissão**, 25 (1), 118-131, 2005.

ARRUDA, Angela. Teorias das Representações Sociais e teorias de gênero. **Cadernos de pesquisa**, n. 117, p. 127-147, nov. 2002.

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL 2013. **Índice de desenvolvimento humano de São Gonçalo dos Campos/BA**. Disponível em: <http://atlasbrasil.org.br/2013/ranking>. Acesso em 27 de março de 2014.

BATISTONI, Samila Sathler Tavares. Contribuições da Psicologia do Envelhecimento para as práticas clínicas com idosos. **Psicologia em Pesquisa**. Juiz de Fora/MG: Universidade Federal de Juiz de Fora, v.3(02), p.13-22, jul/dez de 2009.

BATISTONI, Samila Sathler Tavares; NAMBA, Carina Sayuri. Idade subjetiva e suas relações com o envelhecimento bem-sucedido. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 15, n. 4, p. 733-742, out./dez. 2010.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice: o mais importante ensaio contemporâneo sobre as condições de vida dos idosos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BENGTSON, Vern; BURGESS, Elisabeth; PARROTT, Tonya. Theory, Explanation, and a Third Generation of Theoretical Development in Social Gerontology. **Journal of Gerontology: social sciences**. New York, nº 2 Vol. 52B, p.S72-S88, 1997.

BERGER, Peter L. Luckmann, Thomas. **A construção Social da realidade**: Tratado de Sociologia do conhecimento. 34ed. ; tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 2012.

BEZERRA, Ada Kesea Guedes. A construção e reconstrução da imagem do idoso na mídia televisiva. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, v. 12, p. 01-09, 2006. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/guedes-ada-imagem-idoso-midia-televisiva.pdf>. Acesso em: fevereiro de 2014.

BORINI, Maria Lucia Olivetti. “**A saída do fundo do poço**”: representações sociais acerca da participação em atividades de lazer em grupos de terceira idade. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). 2002. 99f. Programa de Pós-graduação em Enfermagem, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, São Paulo/SP, 2002.

CAMARANO, Ana Amélia. Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica. In: FREITAS, Elizabete et. al. (Org.). **Tratado e Geriatria e Gerontologia**. 2ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, v. 1, 2006, p. 88-105, 2006.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. 13ed. São Paulo: Ática, 2005.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2005. Disponível em: <http://bahiapsicosocial.com.ar/biblioteca/Convite%20%20Filosofia%20%20Marilena%20Chau%20ui.pdf>Acesso em 28 de março de 2014.

DARWIN, Charles. **Origem das Espécies**. Tomo I. São Paulo: Escala, 1985.

DEBERT, Guita Grin. A invenção da Terceira Idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 12, n.34, p. 39-56, 1997.

_____. Antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de (org.). **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e cultura. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2007, p. 49-67.

DEFFACCI, Fabricio. CEPÊDA, Vera .O lugar e o limite da contribuição de Karl Marx para a Sociologia do Conhecimento na perspectiva de Karl Mannheim. In: CEMARX - 5º Colóquio Marx e Engels, 2007, Campinas. **Anais do CEMARX**, 2007. Disponível em: http://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt2/sessa_o3/Fabricio_Deffacci.pdf. Acesso em: março de 2014.

DESLANDES, Suely Ferreira. A construção do projeto de pesquisa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p. 31-51.

DISNEY, Walt. **A Branca de Neve e os Sete Anões**. [filme]. Produção de Walt Disney Pictures com direção de animação de Hamilton Luske e Norman Ferguson. Estados Unidos, Disney Enterprises INC, distribuído e produzido por VIDEOLAR S/A, Brasília, 2001. DVD/NTSC. 83. color.son.

DOLL, Johannes. O campo interdisciplinar da gerontologia. In: PY, Ligia et al. **Tempo de envelhecer: percurso e dimensões psicossociais**. Rio de Janeiro: NAU, 2004. Capítulo IV, p. 83-107.

DOLL, Johannes; GOMES, Ângela; HOLLERWEGER, Leonéia; PECOITS, Rodrigo; ALMEIDA, Sionara Tamanini de. Atividade, desengajamento, modernização: teorias sociológicas clássicas sobre o envelhecimento. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 12, p. 7-33, 2007.

DUARTE, Lúcia Regina Severo. Idade Cronológica: mera questão referencial no processo de envelhecimento. **Estudos interdisciplinares sobre envelhecimento**, Porto Alegre, v.2, p.35-47, 1999.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007

ERBOLATO, Regina M. Prado Leite. Relações sociais na velhice. In: FREITAS, Elizabete et. al. (Org.). **Tratado e Geriatria e Gerontologia**. 2ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, v. 1, 2006, p. 1325-1331.

FALCÃO, Deusivania Vieira da Silva Falcão; CACHIONI, Meire; YASSUDA, Mônica Sanches. Contribuições da Psicologia à Gerontologia: reflexões sobre ensino, pesquisa e extensão. **Kairós**, São Paulo, Caderno Temático nº4, pp. 43-58, ago. 2009.

FARINATTI, Paulo de Tarso Veras. Teorias biológicas do envelhecimento: do genético ao estocástico. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, Rio de Janeiro, n.4, v. 8, p. 129-138, 2002.

FERREIRA, Luiz Otávio; BRITTO, Nara. Os Intelectuais no Mundo e o Mundo dos Intelectuais: uma leitura comparada de Pierre Bourdieu e Karl Mannheim. In: PORTOCARRERO, V., org. Filosofia, história e sociologia das ciências I: abordagens contemporâneas [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994, p. 133-150. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/rnn6q/pdf/portocarrero-9788575414095-07.pdf>. Acesso em: Março de 2014.

FREITAS, Elizabete Viana de. Demografia e epidemiologia do envelhecimento. In: PY, Ligia et al. **Tempo de envelhecer**: percurso e dimensões psicossociais. Rio de Janeiro: NAU, 2004, capítulo 1, p.19-38.

GAVA, Alessandra Aparecida; ZANONI, Jacqueline Nelisis. Envelhecimento celular. **Arq. Ciênc. Saúde Unipar**, Umuarama, 9(1), jan./abr. p.41-46, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1987.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

HAMILTON, Ian Stuart. **A psicologia do desenvolvimento**: uma introdução. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa 3.0**. Editora e distribuidora Objetiva, 2009, CD-ROM.

HUNGER, Dagmar; SOUZA NETO, Samuel de. **A sociologia do conhecimento em Mannheim e Elias: modelos teóricos de investigação social**. 7 Simpósio Internacional Processo Civilizador História Civilização e Educação, PPGE/UNIMEP-Piracicaba, v. 1, p. 1-10, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil, 2000**. Rio de Janeiro: IBGE, 2002. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/perfilidoso/perfidosos2000.pdf>. Acesso em: 25 de março de 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico de 2010**. Disponível em <http://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 26 de março de 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidade da Cachoeira/BA**. Disponível em <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=290490&search=bahia|cachoeira>. Acesso em: 26 de março de 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidade São Gonçalo dos Campos/BA**. Disponível em <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=292930&search=bahia|sao-goncalo-dos-campos>. Acesso em: 26 de março de 2014.

JECKEL-NETO, Emílio Antônio; CUNHA, Gilson Luis da. Teorias biológicas do envelhecimento. In: FREITAS, Elizabete et. al. (Org.). **Tratado e Geriatria e Gerontologia**. 2ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, v. 1, 2006, p. 13-23.

LACERDA, Rodrigo Antônio Montezano Valintin. **O processo de readaptação à vida pós AVC: estudo com um grupo de homens na maturidade**. 2007. 136f. Dissertação (Mestrado em cognição e linguagem). Programa de Pós-graduação em Cognição e Linguagem, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes/ RJ, 2007.

LESSA, Rosana Falcão. **Mulheres na indústria fumageira de São Gonçalo dos Campos-Bahia: cotidiano e memórias 1950-1980**. 2010. 135f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-graduação em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana/BA, 2010.

LICHTENFELS, Henriete. **O envelhecimento humano na periferia: um diálogo entre idosos moradores da periferia e a perspectiva da psicologia do desenvolvimento do curso de vida, *lifespan***. 2006. 271f. Tese (Doutorado em Teologia). Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo/RS, 2006.

LOPES, Andrea. **A Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia e os desafios da Gerontologia no Brasil 2000**. 183f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia). Programa de pós-graduação em Gerontologia, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo/SP, 2000.

LOPES, Ewellyne Suely de Lima. **Representação social de velhos e velhice para crianças: contatos intergeracionais no projeto jarinu tem memória**. Dissertação (Mestrado em Gerontologia). 2006. 283f. Programa de Pós-graduação em Gerontologia, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, São Paulo/SP, 2006.

LOURENÇO, Lara Cristina d'Avila. Transferência e Complexo de Édipo, na Obra de Freud: Notas sobre os Destinos da Transferência. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 18(1), pp.143-149, 2005.

MACHADO, José Mário Tupiná. **Tomada de decisão na atenção ao paciente muito idoso Hospitalizado**. 2006. 103fl. Tese (Doutorado em Gerontologia Biomédica). Pós-graduação em Gerontologia Biomédica, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

MENDES E SILVA, Maria Alice Siqueira. Sobre a Análise do Discurso. **Revista de Psicologia da UNESP**, São Paulo, 4(1), p. 16-40, 2005.

MINAYO, Cecília de Souza. Ciência, Técnica e Arte: O Desafio da Pesquisa Social. In: _____(org.) **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p. 9-31.

MOTA, Paula M.; FIGUEIREDO, Pedro A.; DUARTE, José A. Teorias biológicas do envelhecimento. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Portugal, vol. 4, nº 1, p. 81-110, 2004.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. Édipo em Freud: o movimento de uma teoria. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 2, p. 219-227, maio/ago. 2004.

NERI, Anita Liberalesso. Paradigmas contemporâneos sobre o desenvolvimento humano em sociologia e psicologia. In: Neri, Anita Liberalesso (org). **Desenvolvimento e Envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas**. Campinas: Papirus, Coleção Vivacidade, 2001, p. 11-37.

_____. Psicologia do envelhecimento: uma área emergente. **Cadernos da Associação Nacional de Pesquisa e pós-graduação em psicologia**, n2, julho de 1993.

_____. O legado de Paul B. Baltes à psicologia do desenvolvimento e do envelhecimento. **Temas em Psicologia**. Ribeirão Preto/SP, v. 14, nº1, p. 17-34, 2006a.

_____. Teorias psicológicas do envelhecimento: percurso histórico e teorias atuais. In: FREITAS, Elizabete et. al. (Org.). **Tratado e Geriatria e Gerontologia**. 2ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, v. 1, 2006b, p. 58-77.

NETO, Otávio Cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

NETTO, Matheus Papaléo. O estudo da velhice: histórico, definição do campo e termos básicos. In: FREITAS, Elizabete et. al. (Org.). **Tratado e Geriatria e Gerontologia**. 2ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, v. 1, 2006, p. 3-12.

OLIVEIRA, Márcio de. Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** (Impresso), São Paulo, v. 19, n.55, p. 180-186, 2004.

PASCHOAL, Sérgio Márcio Pacheco. Qualidade de vida na velhice. In: FREITAS, Elizabete et. al. (Org.). **Tratado e Geriatria e Gerontologia**. 2ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, v. 1, 2006, p. 147-153.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: BARROS, Myriam Moraes Lins de (org.). **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e cultura. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2007, p. 69-83.

PEREIRA, Adriane Miró Vianna Benke; SCHNEIDER, Rodolfo Herberto; SCHWANKE, Carla Helena Augustin. Geriatria, uma especialidade centenária. **Scientia Medica**, Porto Alegre: PUC-RS, v. 19, n. 4, p. 154-161, out./dez. 2009.

PINHEIRO, José Elias Soares; FREITAS, Elizabete Viana de. Promoção da saúde In: PY, Ligia et all. **Tempo de envelhecer**: percurso e dimensões psicossociais. Rio de Janeiro: NAU, 2004, capítulo 11, p.257-281.

PITANGA, Danielle de Andrade. **Velhice na cultura contemporânea**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). 2006. 191f. Programa de Pós-Graduação em Psicologia clínica, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2006.

PRADO, Shirley Donizete ; SAYD, Jane Dutra . A pesquisa sobre envelhecimento humano no Brasil: grupos e linhas de pesquisa. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 9, n.1, p. 57-67, 2004.

QUETELET, M. Adolphe. **Sur l'homme et le développement de ses facultés**. Paris: Bachelier, 1835.

REGOLIN, Fabiana; KARNIKOWSKI, Margô Gomes de Oliveira. Teorias biológicas que justificam a necessidade de envelhecimento individual. **Kairós**, São Paulo, v.12(1), p. 233-245 jan. 2009.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3ed. São Paulo: Atlas, 2010.

RODRIGUES, Lizete de Souza; SOARES, Geraldo Antonio. Velho, idoso e terceira idade na sociedade contemporânea. **Ágora**, Vitória, n.4, p. 1-29, 2006.

SALTHOUSE, Timothy A. Theoretical Issues in the Psychology of Aging. IN: BIRREN, James E.; SCHAE, K. Warner. **Handbook of the Psychology of Aging**. 6ed USA: Elsevier Academic Press, 2006.

SILVA, Carine Alves da; FOSSATTI, Anderlei Fabiano; PORTELLA, Marilene Rodrigues. Percepção do homem idoso em relação às transformações decorrentes do processo do envelhecimento humano. **Estudos interdisciplinares do envelhecimento**, Porto Alegre, v. 12, p. 111-126, 2007

SIQUEIRA, Maria Eliane Catunda. Teorias Sociológicas do Envelhecimento. In: NERI, Anita Liberalesso. **Desenvolvimento e Envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas**. Campinas: Papirus, 2001, p. 73-113.

SPINK, Mary Jane. O Conceito de Representação Social na Abordagem Psicossocial. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 9 (3): 300-308, jul/set, 1993.

TEIXEIRA, Ilka Nicéia D' Aquino Oliveira; GUARIENTO, Maria Elena. Biologia do envelhecimento: teorias, mecanismos e perspectivas. **Ciência e Saúde Coletiva** (Impresso), v. 15, p. 2845-2857, 2010.

TEIXEIRA, Maria Cristina Triguero Veloz; SCHULZE, Célia Maria Nascimento; CAMARGO, Brigido Vizeu. Representações Sociais do envelhecimento. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 12, n.2, p. 479-501, 1999.

TEIXEIRA, Paulo. **Envelhecendo passo a passo**. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0283.pdf>. Acesso em: dezembro de 2013.

WACHELKE, João Fernando. ; CAMARGO, Brigido; HAZAN, Joana; SOARES, Débora; OLIVEIRA, Luísa; REYNAUD, Paula. Princípios organizadores da representação social do envelhecimento: estudo realizado com coleta de dados em ambiente de internet. **Estudos de Psicologia**, Natal/RN, v. 13, p. 107-116, 2008.

WEINERT Brian; TIMIRAS Paola. Invited review: theories of aging. **Journal of Applied Physiology**, 95: 1706–1716, 2003.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista para o secretário municipal de esporte, cultura e lazer de São Gonçalo dos Campos/BA.



CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS COLEGIADO DE SERVIÇO SOCIAL

Pesquisa: *“Espelho, espelho meu”*: a percepção de idosas acerca do processo de envelhecimento.

Pesquisadora: Mariana Carlos de Andrade Lyra

Orientadora: Marcela Mary José da Silva

Data: ____/____/____

ROTEIRO DE ENTREVISTA I

(Secretário de Esporte, Cultura e Lazer)

1. Como nasceu o grupo Bem viver? Foi uma iniciativa da população, da prefeitura ou de alguém particular?
2. Como funciona o grupo Bem viver?
3. Quem pode participar do grupo?
4. Para participar, os idosos pagam alguma mensalidade?
5. Quais os profissionais envolvidos com o grupo? Quem custeia o salário desses profissionais?
6. Quais são os principais desafios para a manutenção do grupo Bem viver?
7. Quantas pessoas participam do grupo? Quantos são homens? Quantos são mulheres?
8. Existe algum apoio externo ao grupo?
9. Qual é a ligação da secretaria municipal de esporte, cultura e lazer com o grupo Bem viver?
10. O que o Sr. entende sobre envelhecimento?
11. Por que a preocupação de cuidar dos idosos?
12. Gostaria de falar mais alguma coisa?

APÊNDICE B – Roteiro de entrevista para as participantes do grupo *Bem Viver*.



CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS
COLEGIADO DE SERVIÇO SOCIAL

Pesquisa: *“Espelho, espelho meu”*: a percepção de idosas acerca do processo de envelhecimento.

Pesquisadora: Mariana Carlos de Andrade Lyra

Orientadora: Marcela Mary José da Silva

Data: ____/____/____

Código da entrevista: _____

ROTEIRO DE ENTREVISTA II
(Para todas as colaboradoras)

Idade: ____ anos Data de nascimento: ____/____/____

Endereço: _____

Estado civil: () casada () solteira () união estável () viúva () separada () outro _____

Como você se considera?: () Branca () Parda () Mulata () Negra () Amarela () Indígena () Outros

Religião: () Protestante () Católica () Espírita () Candomblé () Testemunha de Jeová
() sem religião () outro _____

Grau de escolaridade: () Alfabetizada () Não alfabetizada () 1ª a 4ª série do ensino fundamental I (antigo primário) () 5ª a 8ª série do ensino fundamental II (antigo ginásio) () Ensino médio (2º grau incompleto) () Ensino médio (2º grau completo) () Ensino superior incompleto () Ensino superior completo () Pós graduação

Local onde nasceu: _____ Local onde nasceram seus pais: _____

Sua família reside em São Gonçalo há quantas gerações? () 1ª () 2ª () 3ª () + de 3 () Não sabe

Outras: _____

A Sr.ª tem filhos? () Não () Sim; quantos? _____

Quantas pessoas residem com o Sra.? _____ Qual o grau de parentesco?: () Filho(as) () Esposo () Irmão(a) () cunhado(a) () outros _____

Situação ocupacional: () empregada () desempregada () aposentada () pensionista () outro _____

Qual a sua renda? a) () Sem rendimento b) () Até 1/2 S M c) () De 1/2 a 1 S M d) () De 1 a 2 S M e) () De 3 a 5 S M f) () De 5 a 7 S M g) () Acima de 8 S M Qual sua principal fonte de renda? _____ quem administra sua renda? _____

Qual a renda familiar? a) () Sem rendimento b) () Até 1/2 S M c) () De 1/2 a 1 S M d) () De 1 a 2 S M e) () De 3 a 5 S M f) () De 5 a 7 S M g) () Acima de 8 S M

Quantas pessoas na família contribuem para essa renda? _____

A senhora trabalhou? () sim () não

A partir de que idade começou a trabalhar? _____

Se aposentada, qual foi sua última atividade antes da aposentadoria? _____

Em que trabalhou a maior parte da vida? _____

Situação do seu domicílio: a) () Próprio b) () Alugado () Invadido d) () Cedido () outros

Tem plano de saúde? () sim () não

Tem algum problema de saúde? _____

Participa de outras atividades, além do grupo *Bem Viver*? _____

1. O que é a velhice para a senhora?

APÊNDICE C – Roteiro de entrevista para as idosas mais velhas do grupo *Bem Viver*



CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS
COLEGIADO DE SERVIÇO SOCIAL

Pesquisa: *“Espelho, espelho meu”*: a percepção de idosas acerca do processo de envelhecimento.

Pesquisadora: Mariana Carlos de Andrade Lyra

Orientadora: Marcela Mary José da Silva

Data: ____/____/____

Código da entrevista: _____

ROTEIRO DE ENTREVISTA III
(Para as colaboradoras mais velhas)

1. Como a senhora prefere ser chamada: idosa ou velha? Por quê?
2. A senhora acha que está na velhice ou na terceira idade? Por quê?
3. O que significa envelhecer para a senhora?
4. Quando a senhora olha para si mesma acredita que mudou quando ficou mais velha?
() não () sim. De que maneira a senhora mudou? Houve algum acontecimento ou momento que marcou essa mudança?
5. Como a senhora se sente hoje em dia?
6. A senhora acha que está na “melhor idade”?
7. Na sua opinião envelhecer tem perdas? Tem ganhos?
8. Quando a senhora tinha 15 anos, imaginava como seria sua vida depois dos 60 anos?
9. Esqueça, por um minuto, quantos anos a senhora realmente tem; com quantos anos a senhora se sente, por quê?
10. Se pudesse voltar no tempo, qual a idade que a senhora gostaria de ter? Por quê?
11. A senhora tem sonhos?
12. A senhora tem medos?
13. A senhora pensa sobre a morte?
14. A senhora aprendeu alguma coisa nova nos últimos anos? Isso foi importante?
Se não aprendeu, acha que ainda quer aprender algo novo?
15. O que aconteceu de mais importante na vida da senhora nos últimos anos?
16. A senhora possui muitos amigos?
17. Como é a relação com sua família?

18. A senhora acha que sofre algum preconceito por ser mais velha?
19. A senhora conhece alguma teoria sobre o envelhecimento humano?
20. Em sua opinião, o que significa ser idoso em nossa sociedade?
21. Porque a senhora frequenta o grupo Bem viver?
22. Gostaria de falar mais alguma coisa?
23. No trabalho, o nome da senhora não será mencionado. Qual desses nomes a senhora prefere ser chamada?

- Rosa
- Margarida
- Tulipa
- Angélica
- Gardênia
- Esporinha
- Palma
- Hortência

APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS
COLEGIADO DE SERVIÇO SOCIAL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este é um convite para você participar da pesquisa “*Espelho, espelho meu*”: *a percepção de idosas acerca do processo de envelhecimento*, que é coordenada pela professora/orientadora Marcela Mary José da Silva, e segue as recomendações da resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares.

Sua participação é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade.

Essa pesquisa tem como objetivo geral: *investigar a relação de percepções individuais acerca das transformações decorrentes do envelhecimento com as construções sociais e históricas sobre a velhice*.

Com este Termo, serão tomadas as seguintes cautelas:

- Na garantia de que a privacidade do participante seja mantida;
- Na elaboração do roteiro de entrevistas; e
- Na forma como as perguntas serão feitas durante a entrevista.

Mariana Carlos de Andrade Lyra
Pesquisadora

Consentimento Livre e Esclarecido:

Declaro que compreendi o objetivo da pesquisa: *Espelho, espelho meu*: *a percepção de idosas acerca do processo de envelhecimento*; como ela será realizada e concordo em participar voluntariamente desta.

Nome

São Gonçalo dos Campos/BA, ____/____/____.